

MARIA ISAURA DE ANDRADE BALEEIRO

O FUTURO DO PRESENTE DO PORTUGUÊS CULTO FALADO EM SÃO PAULO

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas, como
requisito parcial para obten
ção do Grau de Mestre em Lin
guística. Orientador: Prof.
Dr. Ataliba T. de Castilho

CAMPINAS
1988

(IN ABSENTIA)
Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Isaura de Andrade Baleeiro
e aprovada pela comissão julgadora em 05/04/89

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

PROF. DR. ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO
ORIENTADOR

I N T R O D U Ç Ã O

INTRODUÇÃO

0. Este é um estudo de caráter descritivo, relacionado com o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP).

A metodologia, os objetivos e o estado atual das pesquisas desenvolvidas por esse projeto vêm referidos em Castilho-Preti (1986: 1-14).

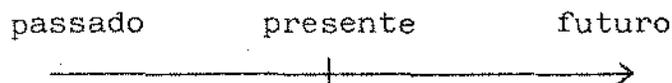
Em linhas gerais, o Projeto NURC/SP se ocupa em documentar extensamente e descrever a fala de pessoas de formação universitária, nascidas na cidade de São Paulo, filhas de paulistanos e divididas em três faixas etárias: de 25 a 35 anos (30%), de 36 a 55 anos (45%) e de mais de 56 anos (25%), falando sobre três dentre vinte assuntos pré-estabelecidos. As gravações, num total de 400 horas, compreendem três tipos de entrevistas: diálogo entre documentador e informante (40%), diálogo entre dois informantes (40%) e elocução em atitude formal (10%). Transcrito o material, é feita a descrição de aspectos fonéticos e fonológicos, gramaticais e lexicais do português culto falado em São Paulo. Este projeto se desenvolve de forma coordenada em quatro outras cidades: Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Nosso trabalho focaliza as formas verbais que expressam a futuridade e a posterioridade, alinhando-se ao lado de outras dissertações de mestrado e ensaios que descrevem o comportamento do verbo no português culto falado em São Paulo: Barbosa (1980), Bezerra (1980), Castilho (1981, 1984), Rangel (1978, 1984), além de alguns estudos menores.

O estudo do tempo se constitui numa tarefa árdua, que tem ocupado enormemente a atenção dos lingüistas ao

longo dos tempos. Neste trabalho não é nosso objetivo discutir as teorias do tempo, pois a preocupação descritiva é a que predomina. Assim, fizemos leituras da literatura relevante e consideramos que há pelo menos três conceitos distintos de tempo: o de tempo físico, o de tempo cronológico e o de tempo lingüístico.

1. O tempo físico (também chamado "tempo da natureza" na literatura específica) é conhecido como um continuum onde se sucedem eventos, estados e ações, tais como as estações do ano e as atividades correlatas (plantio, colheita, nascimento, morte). Esse continuum é tradicionalmente representado por uma linha que se move da esquerda (passado) para a direita (futuro). Para facilitar a localização do homem e dos eventos nessa linha, a mente humana concebeu alguns pontos de referência, elegendo como ponto básico a sua atualidade, mais especificamente o momento do ato da fala. Este seria o presente (isto é, o "eu-aqui-agora"), com relação ao qual tudo o que antecede é o passado, e tudo quanto se segue é o futuro:



A Gramática Tradicional se fundamenta na concepção do tempo físico quando institui a diferença entre os tempos absolutos (isto é, os tempos constituídos a partir da referência com o sujeito falante) e os tempos relativos (isto é, os tempos constituídos a partir da referência com outro tempo, como o Mais-que-Perfeito, o Imperfeito, etc.). Como veremos adiante, o lançamento de pontos de referência no continuum da linha do tempo não é tão simples assim, e a distinção "absoluto/relativo" não permite uma descrição do tempo lingüístico.

2. O tempo cronológico é concebido como um conjunto

de processos de medição desse continuum. Esses processos variam de uma cultura para outra, podendo integrar desde as medições mais finas (segundo, minuto, hora) até as medições mais extensivas (dia, semana, mês, século).

3. O tempo lingüístico é a contraparte humana do tempo físico e do tempo cronológico. O tempo do homem pode ser categorizado segundo diferentes perspectivas. Simplificando bastante as coisas, vamos aqui reduzir o tempo lingüístico a três ordens de categorização: a categorização cognitiva, a categorização lógica e a categorização lingüística propriamente dita.

3.1. A categorização cognitiva remete à imagem do tempo construída na mente humana; autores como Guillaume (1930), Imbs (1960) e poucos mais assim conceberam a cognição do tempo.

Guillaume (1930) propõe-se a estudar, através do verbo, a idéia do tempo em uma fase de construção na mente do falante, antes de ser expresso gramaticalmente.

Imagina uma certa duração de tempo para que a imagem tempo se forme na mente (seria a operação de cronogênese) e representa-a como uma linha — o eixo cronogenético, sobre a qual se desenvolve a cronotese, operação mental que tem por função fixar no espírito a imagem-tempo que a cronogênese acabara de criar. Isto se dá graças à visée, outra operação mental que realiza simultaneamente o tempo e o verbo e que secciona o eixo cronogenético em três pontos, munindo-o de eixos cronotéticos, o que resulta em três perfis distintos de imagem-tempo: a imagem verbal se apresenta em potencial, em andamento e em realidade (tempo in posse, in fieri e in esse, respectivamente).

No tempo in posse Guillaume discorre sobre a tensão, isto é, a impressão de mobilidade progressiva contida na idéia do verbo e seu escoamento até atingir um estado de distensão. Este processo é representado pelos modos nominais (marcher-marchant-marché), em suas formas simples e compostas, e corresponde aos aspectos que o verbo pode

apresentar, aspectos aí entendidos como fase analítica.

No tempo in fieri, Guillaume apresenta sua teoria dos Modos, que dependeriam de a visée atravessar a imagem verbal para chegar até a realidade ou atualidade, atingindo-a ou não. No primeiro caso tem-se o modo Indicativo e no segundo o Subjuntivo.

O tempo in esse configura-se quando não há nenhum elemento interceptivo e a visée consegue atingir a atualidade. Caracteriza-se pelo fato de que a imagem-tempo, até então psicologicamente amorfa, assume uma forma linear e apresenta-se dividida em três épocas, dada a possibilidade de se representar o presente como época separada do passado e do futuro.



O presente, entretanto, é formado pela justaposição de parcelas destas duas épocas, parcelas estas diferentes entre si, uma de passado (ω), correspondendo ao instante que acaba de se escoar, portanto real e decadente e a outra de futuro (α), correspondendo ao instante que ainda vai se escoar, virtual e incidente. Estes elementos ω e α são os cronotipos constitutivos do presente.

Dado que a justaposição dos cronotipos ω e α é uma condição necessária e uma condição suficiente para a concepção de presente, deduz-se que para a representação do passado ou do futuro é necessário separá-los, o que pode ser feito tanto em ω quanto em α .

Ou seja, para a finalidade de se opor o passado ao futuro sem a intermediação do presente, é indiferente que o ponto de demarcação seja um ou outro cronotipo. Em francês, o passado que tenha ω como limite de origem será

expresso pelo Imperfeito, e se for α pelo 'Passé simple'; o futuro iniciado em ω corresponderá ao Futuro do Pretérito e em λ ao Futuro do Presente.

A respeito do futuro, diz Guillaume que "a primeira coisa a considerar é que se trata de uma época feita de um tempo que ainda não existiu realmente e que, por conseguinte, imagina-se, supõe-se, com a particularidade de que todo o esforço do pensamento é empregado em supô-lo o menos possível, ou seja, em realizá-lo ao máximo" (1930: 54).

Assim, o pensamento passa por duas fases na representação de futuro, numa tentativa de reduzir o caráter hipotético inerente à noção desta época:

1º um período de construção ou hipotético, representado pelo intervalo $H-h$, em que H é um máximo de hipótese e h um mínimo; H coincide com o ponto ω , momento limítrofe com o passado. Por conseguinte, o período hipotético confunde-se com a época presente.

2º um período de futuro construído ou categórico, em que a hipótese está reduzida a um mínimo. Pode ser representada por um intervalo infinito $h-\alpha$, em que h coincide com o limite α , que marca a saída do presente e entrada no futuro.

$x \frac{\text{PASSADO}}{\omega} \frac{H}{\omega} \text{ período hipotético = construção do futuro } \frac{h}{\alpha} \frac{\text{FUTURO}}{\alpha} x'$
 PRESENTE

Se o futuro inicia-se em $H (= \omega)$, tem um caráter de realidade menor e apresenta-se ao espírito como um futuro hipotético. Corresponde ao Condicional ou Futuro do Pretérito.

Se se inicia em $h (= \alpha)$, mínimo hipotético, "adquire por isso toda a realidade que pode comportar a época futura". Apoiado no presente, apresenta-se como um futuro categórico, perfeitamente determinado: é um futuro fora da hipótese, de onde seu valor afirmativo, não condicional. Corresponde ao Futuro do Presente.

É de Imbs (1960) a concepção de um tempo indiviso e de um tempo dividido em épocas para a localização dos processos expressos primordialmente pelas formas pessoais do verbo. Tendo em conta o paralelismo do vocabulário para designar as relações espaciais e as relações temporais (em, daqui a, até), define o tempo indiviso como uma réplica do espaço indiviso: "é um tempo que não comporta a divisão em passado, presente e futuro: é um tempo onitemporal (ou pancrônico) que compreende todas as épocas do tempo" (1960: 12). Do ponto de vista lingüístico, confunde-se com o eterno e sua forma privilegiada é o Presente do Indicativo, por causa disso qualificado como forma não marcada, mas também pode ser expresso através do Passé simple, do Passé composé e do Futuro. Daí sua hipótese de que o "tempo indiviso é obtido a partir e através dos tempos marcados: tempo indiviso é o tempo marcado generalizado (...) Todas as afirmações gerais são ao mesmo tempo e de início afirmações válidas, ou suscetíveis de se tornarem, para o tempo atual do falante." (1960: 173).

A passagem para o onitemporal é facilitada pela natureza do presente: sendo um intervalo ilimitado nos dois extremos, o que se afirma para o momento atual subentende-se como válido na época anterior e também na subsequente. Outro caso é o das verdades empíricas ou das científicas; pode-se sugerir o onitemporal através da extensão do conceito objeto da proposição: o que se afirma sobre um, agora, vale para qualquer um e portanto para todos: "atinge-se a universalidade temporal através da universalidade espacial-quantitativa" (1960: 174).

Quanto ao passado e o futuro, "exprime-se que tal verdade era verdadeira no passado ou será verdadeira no

porvir e-sugere-se, com a ajuda de um advérbio de tempo do tipo "jamais", que o passado e o futuro visualizados são sem limites, o que é uma maneira de sugerir se não o eterno, pelo menos o quase-eterno" (1960: 174).

O tempo pode também ser considerado como uma sucessão de épocas, cada uma correspondendo a uma divisão da linha temporal. Enquanto as divisões menores são expressas por substantivos (ano, dia, hora, minuto), o verbo só conhece as três grandes divisões: passado, presente e futuro, sempre obtidas a partir de um ponto de origem, que pode ser ou o momento em que se fala ou escreve (presente real ou absoluto; centro do sistema primário das divisões temporais) ou algum momento no passado ou no futuro, tomado como ponto de origem dos sistemas secundários ou dos tempos fictícios ou relativos.

3.2. A categorização lógica retoma de certa forma alguns argumentos desenvolvidos pela concepção física do tempo, desenvolvendo a noção de tempo como referência, de tempo como vetor orientado e de tempo como intervalo.

Acreditamos que são aqui perceptíveis pelo menos duas direções de estudos: de um lado, as considerações formuladas por Reichenbach (1947, apud Ilari 1978), e de outro as considerações formuladas por Bull (1960) e Klum (1966).

3.2.1. Reichenbach (1947) e Fleischmann (1982: 6) propõem alguns pontos de orientação ao longo da linha temporal:

a) Momento da fala (speech time, doravante S): momento em que o falante emite o enunciado que serve como centro dêitico ou ponto zero para o conteúdo proposicional do enunciado.

b) Ponto ou período de referência (reference time, doravante R): contexto temporal a partir do qual o falante pode localizar o evento predicado no enunciado ou no discurso maior. Pode ser posterior, anterior ou coincidir com S.

c) Evento (event time, doravante E): evento cuja localização na linha do tempo será especificada em relação a S ou a R.

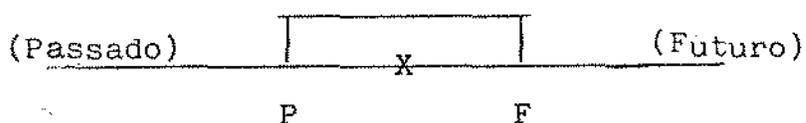
3.2.2. Bull (1960) e Klum (1966) desenvolvem melhor a idéia do tempo como vetor e como intervalo.

Baseando-se no trabalho de Bull sobre o sistema verbal do Espanhol, Klum estuda as relações verbo-adverbiais em Francês do ponto de vista distribucional e estatístico.

Estes autores utilizam conceitos da Física tais como eixo de orientação (=P); vetor (=V), definido como direção do ato de observação que tem por base um eixo de orientação P, em relação ao qual os eventos (=E) podem ser simultâneos ($\emptyset V$ = direção zero), anteriores ($-V$ = direção negativa) ou posteriores ($+V$ = direção positiva); escalar (= x) definido como um intervalo de tempo que não tem direção; e tensor, a função conjugada de um vetor e de um escalar. "Assim, na locução adverbial 'duas horas depois' a função escalar é preenchida por 'duas horas' que exprime a duração do intervalo, enquanto o vetor, a direção em relação ao eixo, é expressa por 'depois'. Isto pode ser simbolizado pela fórmula $P+Vx$ " (1966:65).

Representam o tempo físico como uma linha reta, unidimensional, bidirecional e infinita, em contínuo movimento em direção ao futuro, em que X corresponde ao presente, definido em relação ao passado e ao futuro.

Esse ponto matemático, ao dividir a linha em duas partes, serve como ponto de partida, como um eixo de orientação para se calcular o tempo.



Mas o presente é também um intervalo de tempo — cujo centro é esse eixo sempre em movimento — composto por uma porção de tempo anterior e uma porção de tempo posterior a X. "É o ato de falar ou qualquer ato de observação, a experiência atual de qualquer evento, que constitui o ponto de referência que serve de eixo de orientação, de ponto primário PP" (1966: 60).

Em relação ao presente, ao eixo primário PP, o futuro e o passado são noções que exprimem as relações de posterioridade e de anterioridade, respectivamente.

Anterioridade (-V)	Simultaneidade (0V)	Posterioridade (+V)
Passado	Presente	Futuro

Como o tempo está em constante movimento, o falante está sempre em um novo PP de onde pode recordar-se da existência do anterior, que se torna então um ponto retrospectivo, o centro de um intervalo de tempo que passa a ser um novo eixo de orientação (= RP).

O falante também pode antecipar um ponto no futuro e instituí-lo como eixo de orientação AP, que funcionará como uma atualidade futural autônoma. O número de eixos parece ser ilimitado, mas Bull constatou que quatro eram suficientes, sendo o quarto ponto de referência o eixo antecipado a partir de RP, que Bull chama de eixo retrospectivo antecipado (= RAP).

Combinando-se as fórmulas vetoriais com os quatro pontos ou eixos de referência, obtém-se uma estrutura contendo todas as possibilidades relacionais:

$E(PP-V)$	$E(PP\emptyset V)$	$E(PP+V)$
fiz	faço	farei

$E(AP-V)$	$E(AP\emptyset V)$	$E(AP+V)$
terei feito	zero	zero

$E(RP-V)$	$E(RP\emptyset V)$	$E(RP+V)$
tirra feito	fazia	faria

$E(RAP-V)$	$E(RAP\emptyset V)$	$E(RAP+V)$
teria feito	zero	zero

Enquanto que os eixos PP e RP têm relações vetoriais completas, centradas no Presente e no Imperfeito, que exprimem estas duas atualidades, notam-se casos vazios nos eixos AP e RAP. Bull constatou que nenhuma língua tem expressão formal para $AP+V$ e $RAP+V$, nem para $AP\emptyset V$ e $RAP\emptyset V$. Isto se explica porque estes eixos são conceituações vari_{antes} antes do vetor positivo: o Futuro, por exemplo, pode corresponder a $PP+V$ ou ocupar o centro de um eixo futural considerado como autônomo $AP\emptyset V$. Analogamente o Condicional, cuja fórmula pode ser $RP+V$ ou $RAP\emptyset V$.

Expressando a função vetorial neutra, o Futuro e o Condicional são de aspecto durativo: "os laços vetoriais (com PP e RP) são rompidos e o Futuro e o Condicional funcionam como atualidades autônomas", o que Klum considera uma possibilidade teórica e estrutural porque, "quando se quer estabelecer um centro futural verdadeiramente autônomo, o que se apresenta primeiro ao espírito não é o Futu-

ro, mas o Presente". (1966: 72). Ou seja, AP ϕ V é a atualidade PP ϕ V deslocada para o futuro; e mais: todo o sistema do presente é deslocado para o futuro, tanto que a anterioridade em relação a AP ϕ V não é expressa pelo Futuro anterior, mas sim pelo 'Passé composé'.

3.3. A categorização lingüística propriamente dita é a representação formal do tempo. Ela se dá por meio de morfemas afixos (as chamadas desinências do verbo), morfemas dependentes (que são os verbos auxiliares) e os morfemas livres (os advérbios de tempo). Esses morfemas gravitam à volta do verbo, que é o centro de determinação do valor temporal da sentença. Neste trabalho, como já se disse, vão interessar-nos as diferentes categorizações lingüísticas do futuro. Mas o que é o tempo futuro?

4. O futuro será aqui entendido como o tempo dos eventos posteriores ao momento da fala, colocados numa sequência a este ou concebidos como algo destacado desse momento, numa situação de ruptura.

Perfilharemos, portanto, o ponto de vista de Fleischmann (1982: 16), quando propõe entender o tempo futuro como posterioridade e como futuridade.

4.1. A posterioridade refere-se ao esquema R-E, em que eventos localizados em qualquer ponto do continuum temporal se sucedem, destacando-se claramente uns de outros. A futuridade é um subtipo de posterioridade, em que R=S obrigatoriamente. A futuridade pressupõe o esquema RS—E, ou seja, o evento é posterior ao momento da fala.

Num sentido amplo, a posterioridade é representada em enunciados como:

- (1) Chegou, abriu a porta e cumprimentou os presentes.
- (2) Semeia-se, a planta cresce e depois é colhida.
- (3) Se não chover, sairemos.

Nos exemplos (1) a (3) os eventos de cada sentença são contemporâneos ou simultâneos, pois se localizam todos numa mesma época: passado, presente e futuro. Mas a posterioridade se estabelece por serem ações encadeadas ($V_1 + V_2 + V_3 \dots$), isto é, uma seqüência de ações singulares (1) ou habituais (2) em que V_2 e V_3 são posteriores a V_1 ; ou ações condicionais (se V_1 , V_2), em que V_2 é decorrente da realização da hipótese contida em V_1 , portanto, como em (3).

Fixando a atenção em "sairemos", constatamos que a ação expressa por esse verbo implica numa ruptura em relação a "chover". É essa modalidade de posterioridade que vai ocupar-nos neste trabalho. Dedicamos o Capítulo I ao estudo do Futuro do Presente (doravante FP), que hipotetizamos como o tempo futuro de ruptura.

4.2. A noção de ruptura já aparece em Guillaume quando diz que o futuro categórico, correspondendo à forma verbal do FP, inicia-se em α , limite que marca a saída do presente, e apresenta-se ao espírito com características próprias, separando-se do presente.

Para Imbs, o FP ao situar o processo em uma das divisões do tempo, apresenta-a como uma época quase autônoma, adequada ao anúncio profético e à realização de nossas resoluções, projetos e sonhos. A respeito da concorrência do Presente do Indicativo e de vou + Infinitivo com o FP, diz que naqueles há um sentimento de continuidade com a época presente ao passo que com o emprego do FP o porvir é visto como uma entidade psicológica distinta: "o futuro se destaca nitidamente do presente, com o qual ele opera uma ruptura; representa uma etapa verdadeiramente nova no interior de uma série de processos do qual ele faz parte" (1960: 45). A idéia de ruptura é mais explicitada por Klum. Examinando as combinações verbo-advérbiais em Francês, constata que enquanto o Presente e a perífrase vou + Infinitivo são mais raros com advérbios que exprimem uma distância temporal maior, o Futuro é neutro do ponto de vista escalar e pode ser definido pela fórmula proximida-

de + afastamento, mas predomina em contextos em que esta distância é mais considerável ou em que a época futura só é vagamente indicada (um dia, jamais, etc). Associa esta observação a um fator psicológico: ao passo que o Presente e a perífrase, em virtude do morfema de presente, são ligados ao "eu-aqui-agora" e fazem sentir uma fase psicológica preparatória da ação, com nuances de vontade, de subjetividade e interesse, o Futuro é psicologicamente indiferente e marca, por oposição, uma dissociação com PP e com o locutor: "O processo parece situado em um outro registro: há facilmente uma ruptura psicológica." (1960: 214).

Mas, na verdade, recolhendo todas as ocorrências do FP encontramos por vezes a simultaneidade de ações em lugar da esperada posterioridade.

Neste caso, o verbo é interpretado modalmente — trata-se do que Câmara Jr. (1956: 33) chama de emprego metafórico da forma lingüística: o FP transfere-se da categoria de tempo para a categoria de modo, o que aliás se coaduna com a constituição diacrônica deste tempo verbal. Passa a indicar modalidade — atitudes do falante em relação ao processo verbal, visto como objeto de dúvidas, incertezas, conjectura, expectativa, desejos, temores e demais valores semânticos associados com a noção de futuro, ou seja, algo que está por acontecer e, portanto, não pode ser visto com a mesma objetividade que se tem em relação ao passado.

4.3. Com a noção de futuridade os eventos posteriores podem estar em uma situação de ruptura com o momento da fala ou podem estabelecer com ele uma relação de sobreposição do mesmo segmento temporal. Seja o exemplo:

(4) Ele chegou tarde e está descansando pois vai viajar.

Nesse exemplo, "chegou" e "está descansando" guardam entre si uma relação de posterioridade, pois o estado descrito em V_2 ocorre após a ação descrita em V_1 , notando-se uma ruptura entre os eventos assinalados pelos dois ver-

bos, à semelhança do que atrás identificamos em (1), (2) e (3). Já a relação entre "está descansando" e "vai viajar" é de outra natureza, constatando-se que a ação descrita em V_3 é seqüencial ao estado de V_2 , isto é, o evento é posterior ao tempo de referência contido em "está descansando" e ao momento da fala em que o enunciado (4) foi proferido, mas V_3 e V_2 representam eventos contíguos no tempo.

Dedicamos o Capítulo III ao estudo do grupo verbal ir + Infinitivo (doravante IR), que hipotetizamos como o tempo do futuro seqüencial. Entretanto, o futuro seqüencial não se faz representar unicamente por IR. Também o Presente do Indicativo (doravante PI) assume esse papel, e não é por acaso que o verbo ir aparece flexionado no PI quando expressa a futuridade. Dedicamos por isso o Capítulo II ao estudo do PI marcado pela futuridade.

5. Posterioridade e futuridade são hipóteses de descrição das formas verbais portuguesas, mas têm também um caráter explanatório. Com efeito, não deixa de ser intrigante que ao longo do tempo o que era seqüência de eventos passe a designar ruptura de eventos, "gramaticalizando-se" os grupos verbais com aquela marca de futuro. Perdendo-a, esses grupos se transformam em formas simples e passam a indicar a ruptura. Essa instabilidade talvez se explique pela própria natureza do futuro.

O Futuro, como categoria temporal, não indica apenas a realização do processo em um momento posterior ao ato da fala — para tal bastaria a forma do Presente: o falante prolonga a atualidade em que vive e ali situa o que vai acontecer.

Enquanto que as formas de passado se reportam aos dados de nossa experiência, já o Futuro é um olhar atirado a um evento que não ocorreu e assim pressupõe um estado de espírito especial, com sentimentos de dúvida, expectativa, possibilidade ou obrigatoriedade do evento. Deste valor mais abstrato, dado que expressa o momento incerto, desconhecido pelo falante, decorre seu pouco emprego na

fala popular de qualquer língua, a aquisição tardia por crianças, a inexistência nos crioulos e seu aparecimento tardio nas línguas indo-européias (Jordan, 1967).

No Latim clássico (séc. III a.C.), o Futuro originou-se de formas desiderativas sigmáticas (faxo, capso), de formas de origem subjuntiva (-bho, -am, -es) e de formas resultantes da aglutinação do verbo principal com um auxiliar "tornar-se". Através de um processo de gramaticalização, adquiriu o valor temporal de Futuro, representado pelos morfemas -bo (1ª e 2ª conjugações) e -am, -es (3ª e 4ª conjugações).

Câmara Jr. (1956: 31) assinala que na língua culta, ao lado desta forma sintética que lhe era exclusiva, vigiam o particípio de futuro em -urus + Pres. de esse, indicando a interação ou iminência de fazer alguma coisa, e locuções de Infinitivo seguido da habere, velle, posse, debere, vadere, ire, venire.

Jordan (1967: 345), ao referir-se às conjugações perifrásticas modais laudandus sum (necessidade) e laudaturus sum (intencionalidade) aponta que no Latim popular foram substituídas por debeo laudare e habeo laudare (necessidade) — esta, no Latim clássico, exprimia possibilidade, ou, de acordo com Benveniste (1968: 90) predestinação, em contraste com as formas em -bo e -am, que indicavam intenção e volo laudare que indicava vontade, desejo, intenção.

A forma sintética, entretanto, não ocorria no Latim vulgar: este, por ser uma modalidade apenas falada, voltado para as necessidades imediatas e para a realidade tangível, cotidiana, não acolhia as formas de Futuro puramente temporal, que expressavam a informação pura, desinteressada. Realmente as formas latinas não se conservavam em nenhuma das línguas românicas, que desenvolveram seu Futuro a partir de construções modais frequentes na fala popular.

Lausberg (1962: 308), apontando que a morfologia românicas, especialmente na época do Românico comum, revela fortes tendências analíticas, ao comparar a carga semânti

ca "rica" das formas analíticas com a normal-gramatical das sintéticas (cantare habeo contém também o propósito subjetivo de "tenho a intenção de cantar") explica que este conteúdo semanticamente enriquecido se desgasta pelo uso e que, no caso do Futuro francês (je chanterai) perdeu-se também a transparência semântica, já que não se tem mais consciência de sua composição inicial de Inf. + habeo: só de um radical |sāt| + terminação |ré|. Assim, "o que foi em um tempo forma analítica converteu-se em forma sintética e como tal já não se distingue de canta-bo". Observa entretanto que em Português a vitalidade da intercalação de pronomes pessoais átonos entre o radical e a desinência (cantá-lo-ei), em paralelo com a existência da construção hei de cantar, mostra maior independência do verbo auxiliar.

Lausberg (1962: 311) atribui a três motivos o desaparecimento do Futuro Latino:

a) a diferente formação do Futuro (-bo na 1ª e 2ª conjugações; -am e -es na 3ª e 4ª) e confusão com formas do Pretérito (cantabit-cantavit) ou do Presente do Indicativo (vendet-vendit).

b) a superfluidez do futuro, já claramente expresso pelo contexto (cras venit).

c) a possibilidade de uma expressão mais clara por meio de perífrases.

Estas perífrases, que vieram a formar o Futuro românico, eram normalmente constituídas de verbos modais que encerravam significação futura, tais como velle, debere, venire, habere. O auxiliar velle, em Latim vulgar volere, radicou-se em Romeno (a vrea cantare > a vóiu cîntá); o auxiliar debere em Sardo (deppo cantare); venire ad em Sobressalvano (je végnel a cantar) e em Engadino falado— e nestas línguas tem a mesma função do alemão werden: formação do Futuro e de voz passiva.

Jordan (1967: 350) assinala que a construção formada de verbos de movimento + (ad) + Infinito tem valor final (je suis venu vous voir; Romeno: vin sa va vad) e em determinadas circunstâncias o sintagma venio + ad + Infinitivo se converteu em uma variante aspectual incoativa do Presente. Igual valor é atribuído à construção ir + Infinitivo (Francês ant., Provençal ant.: va respondere = começa a responder). Em Francês Moderno, aller + Infinitivo expressa um futuro próximo (relação de posterioridade próxima), com tendências a transformar-se em futuro propriamente dito — o mesmo poderia ser dito em relação ao Espanhol e ao Português.

Mas a construção predominante foi com habere, ou anteposto (Sardo, Italiano, Português): habeo + (ad) (de) + cantare — observando-se que habeo de cantare em Português salienta a vontade do falante, e em Francês antigo, Provençal, Catalão e Espanhol conserva o valor modal de necessidade — ou, mais comumente, posposto (Italiano, Engadino, Francês, Provençal, Catalão, Espanhol, Português). O auxiliar habere, devido a sua posição enclítica, sofreu numerosas modificações fonéticas, o que o levou a uma total gramaticalização. Com a aglutinação ao Infinitivo, temos o advento do Futuro Românico flexionável (Francês: chanterai; Italiano: canteró/canteraggio; Espanhol: cantaré; Português: cantarei).

Pode-se então observar, a respeito do Futuro, que há um ciclo: forma analítica com o auxiliar "tornar-se", no Indo-Europeu > forma sintética em -bo, -am, -es no Latim clássico > forma analítica com perífrases no Latim vulgar > forma sintética em -r- nas línguas românicas > forma analítica com ir nas línguas modernas.

Aventariamos que há duas tendências opostas em relação a esta categoria temporal:

a) a citada por W. Entwistle, apud Câmara Jr. (1956: 32) de "reconstrução do paradigma verbal depois de suas formas se terem desgastado e de se terem criado substitutos analíticos() Há como um instinto no sentido de se

manter o verbo bastante complexo para coadunar-se com a multifária natureza dos acontecimentos".

b) tendo em conta o valor abstrato do futuro, de alta intelectualização, há uma atração por formas mais expressivas, que melhor traduzam a afetividade do falante.

Fleischmann (1982), no belíssimo trabalho The Future in Thought and Language, faz um estudo abrangente, utilizando os resultados da investigação comparativa tipológica e da busca de universais diacrônicos, sobre todo o sistema de referência futura nas línguas românicas e também em inglês, dentro de uma perspectiva sincrônica-diacrônica.

Depois de estabelecer os conceitos básicos para tratar dos sistemas de referência futura e examinar o futuro como categoria ontológica e gramatical, analisa sua evolução, destacando a alternância entre formas analíticas e formas sintéticas, com a correspondente flutuação semântica, em que a ênfase oscilava entre as categorias de Modo, de Aspecto e de Tempo. Seu objetivo é esclarecer os mecanismos universais de mudança gramatical e para tal examina separada e correlatamente os componentes fonológico, morfológico, sintático e semântico, relacionando-os com a evolução do tempo Futuro.

6. Nossa hipótese de trabalho foi apresentada na página 2: focalizaremos as formas verbais que expressam a futuridade e a posterioridade. Há um risco envolvido na operacionalização dessa hipótese. É que se trata de um ponto de partida semântico, em que se distingue um futuro destacado do presente de um futuro que entretém com o presente relações de sobreposição.

Embora tenhamos partido do pressuposto de que essa distinção corresponde a formas lingüísticas bem diferenciadas, era necessário estabelecer um ritmo de análise em que começássemos pela observação da moldura sintática dentro da qual as formas estudadas apareciam, para destacar

depois os efeitos de sentido contidos nesses entornos sintáticos. Procuramos na medida do possível obedecer a esse esquema, evitando uma adesão automática ao Guia-Questionário do Projeto NURC (GQ), cujos itens relativos ao Futuro do Presente transcrevemos a seguir:

2.1.5.2.3.1.7. Futuro do presente simples

2.1.5.2.3.1.7.1. Expressando posterioridade

1. Sua vitalidade para expressar ação futura absoluta: "amanhã irei ao cinema"; "algum dia lhe direi"
2. Em orações subordinadas de conteúdo temporal futuro, em concorrência com o presente do subjuntivo: "supõe-se que virá :: venha mais tarde".
3. Em alternância com o futuro composto, para expressar ação futura anterior a outra: "antes que se dê conta, eu o deixarei :: terei deixado".
4. Em alternância com o presente do subjuntivo em expressões dubitativas: "duvido que irei :: vá amanhã". "não sei se irei :: vá amanhã".
5. Como imperativo:
 1. Em orações afirmativas (ordem): "trará o livro amanhã mesmo".
 2. Em orações negativas (proibição): "tu não irás a festa".
 - 2a. Na terceira pessoa, quando se indica a obrigatoriedade (futuro jussivo): "o ano letivo terá 180 dias"; "o contrato durará quatro anos".

2.1.5.2.3.1.7.2. Expressando simultaneidade

1. Com o presente em expressões de probabilidade ou suposição: "será um bom negócio" (suponho que seja); "serão três horas".
2. Em alternância com o presente, em réplicas: "mentiroso será :: é você, isso sim!".
3. Em alternância com o presente, com sentido concessivo, introduzindo uma réplica: "será :: é generoso, porém a mim nunca me deu nada" (admito que é, porém...).
4. Em alternância com o presente, em expressões de surpresa: "tu te atreverás :: atreves a negar, cínico?!". "serás :: es capaz!" (de algo atual ou, inclusive, passado).
5. Em expressões dubitativas, em concorrência com o presente do indicativo e do subjuntivo: "não sei se será :: é :: seja isso que queres".

6. Como imperativo:

1. Em orações afirmativas (ordem):
"irás agora mesmo e lhe pedirás perdão"
2. Em orações negativas (proibição):
"não irás com ele: ficas comigo".

2.1.5.2.3.1.7.3. Formas alternantes com o futuro simples (observar em que casos dos enumerados no parágrafos anteriores se emprega cada uma das formas registradas a seguir):

1. -----
- 1a. Perífrase ir + Infinitivo:
 - "amanhã vamos tomar :: tomaremos providências"
 - "vou dizer-te :: dir-te-ei a verdade".
2. Perífrase haver de + infinitivo:
 1. Como futuro simples:
"hei de vê-lo :: vê-lo-ei esta tarde"; "hei de escrever-lhe amanhã :: escrever-lhe-ei amanhã".
 2. Para a expressão de probabilidade no presente:
"há de ser :: será duas horas".
 3. Perífrase querer + infinitivo (com o auxiliar gramaticalizado):
"isto é o que quero fazer :: farei: amanhã mesmo sigo de avião".
 4. Perífrase pensar + infinitivo (com o auxiliar gramaticalizado):
"penso escrever-lhe :: escrever-lhe-ei amanhã".
 5. Presente do indicativo:
"no domingo vamos :: iremos ao clube".

2.1.5.2.3.1.8. Futuro do presente composto (precisar a preferência e a distribuição dos auxiliares ter e haver).

1. Sua vitalidade para expressar ações futuras anteriores a outra:
"quando você voltar já terei resolvido o problema".
2. Como passado:
 1. Em expressões de probabilidade ou suposição:
"quantos terão sofrido por sua causa?".
 2. Em expressões exclamativas ou de surpresa:
"terá sido capaz?" (de algo já feito).
 - 2a. Como presente, nos usos de atenuação e de polidez:
"que terá sido aquilo?"
 - 2b. Como imperativo:
"quando eu voltar, terás acabado o trabalho".

O Guia-Questionário, que tem por parâmetro a gramática espanhola, parte de categorias semânticas e em um plano secundário considera os padrões sintáticos que as expressam. Para a descrição do Futuro do Presente privilegia a categoria do Tempo, ao atribuir-lhe o valor de posterioridade e de simultaneidade, à qual acrescenta a categoria o Modo, ao especificar seu emprego como Imperativo.

Outro ponto é que os itens do GQ refletem predominantemente os usos do verbo na língua escrita, de modo que a aplicação deste guia a um corpus oral trouxe vários problemas. Além do mais, a terminologia para especificar noções semânticas é muito subjetiva: mesmo observando-se os exemplos, não está claro que quer dizer com "ação futura absoluta", se é o uso desse tempo em orações independentes ou a co-ocorrência de expressões temporais. Com esta terminologia aberta, não definida, o Guia não atende o objetivo para o qual foi traçado, que era o de garantir a comparabilidade dos resultados nas cinco cidades em que se realizava a pesquisa.

Em nosso estudo do Futuro do Presente e suas formas alternativas — Presente do Indicativo e perífrase verbal vou + Infinitivo — utilizaremos o GQ apenas como ponto de partida, classificando as formas verbais conforme indiquem posterioridade ou simultaneidade ao momento de enunciação. Dentro destas sub-categorias, examinaremos os dados de acordo com a co-ocorrência de elementos gramaticais (advérbios ou expressões adverbiais, outra forma de futuro, padrão oracional), procurando identificar possíveis condicionamentos sintáticos. Na falta destes, consideraremos outros elementos contextuais, do discurso maior, ou situacionais, da interação, que levam em conta as relações entre os interlocutores, seu conhecimento de mundo e os esquemas cognitivos que eles partilham.

No capítulo sobre o Futuro do Presente trataremos do valor temporal e do valor modal pertinentes a esta forma e no capítulo sobre IR distinguiremos o verbo pleno (de movimento) do verbo auxiliar (de formação de futuro).

7. O corpus deste trabalho foi coletado em 24 horas de gravações do Projeto NURC, abrangendo 31 inquéritos, nos quais participaram 36 informantes. Atendendo às especificações do Projeto, metade dos informantes era do sexo feminino (M) e metade do sexo masculino (M), e estavam distribuídos em 3 faixas etárias:

Faixa etária I - de 25 a 35 anos - 30% (11 informantes)

Faixa etária II - de 36 a 55 anos - 45% (16 informantes)

Faixa etária III - acima de 55 anos - 25% (9 informantes)

Os inquéritos compreendiam três tipos de gravações:

- diálogo entre informante e documentador (DID)
23 inquéritos, correspondendo a 15 horas e 20 minutos
- diálogo entre dois informantes (D2)
5 inquéritos, correspondendo a 6 horas e 40 minutos
- elocução formal (EF)
3 inquéritos, correspondendo a 2 horas.

Foram examinados os seguintes inquéritos:

DID 5 - HI	DID 208 - HII	D2 21 - MI e MII
6 - HII	210 - HIII	22 - MI e MI
7 - HI	213 - HIII	167 - MI e MII
11 - MI	214 - HIII	255 - HII e HII
18 - HI	234 - MII	333 - MIII e MIII
32 - HI	235 - MII	
38 - HII	242 - MIII	
41 - MI	244 - MII	EF 350 - HII
93 - MII	250 - HIII	365 - HII
133 - HIII	251 - MI	338 - HI
162 - MII	312 - MIII	
163 - HII		

As citações bibliográficas foram incluídas no corpo do trabalho. Houve um esforço por referenciar pela primeira edição do trabalho citado, a que se segue a indicação da edição efetivamente consultada.

8. Essa dissertação, em suma, compõe-se das seguintes partes: Capítulo I — "Futuro do Presente"; Capítulo II — "Presente do Indicativo"; Capítulo III — "Perífrase Verbal vou + Infinitivo". Nas Conclusões comparamos os procedimentos mórficos (forma em -rei, Presente do Indicativo posterior) e morfo-sintáticos (grupo ir + Infiniti-

vo) preferidos pelo falante do português culto na cidade de São Paulo, em sua necessidade de expressar a posterioridade e a futuridade. Algumas observações sobre a presença dessas noções no sistema de tempo do verbo português cercaram as Conclusões. No Apêndice procedemos a uma análise quantitativa mais elaborada das ocorrências do Futuro do Presente.

CAPÍTULO I

FUTURO DO PRESENTE

CAPÍTULO I

FUTURO DO PRESENTE

Apresentaremos inicialmente os comentários sobre o FP feitos pelos autores que utilizamos como base teórica para este trabalho.

Para Guillaume, o FP exprime o futuro categórico, uma época já construída devido a ter pouco conteúdo de hipótese, pois inicia-se em α , limite do presente e entrada do futuro.

Imbs destaca a consoante -r- do Futuro e do Condicional, atribuindo a este paralelismo de estrutura morfológica um paralelismo de valores, já que ambos oscilam entre o valor temporal e o modal. Na análise dos empregos do FP, utiliza os ensinamentos da lingüística geral sobre a natureza do porvir como categoria psico-gramatical: algumas línguas, como o Alemão, não conhecem o Futuro sintético; na linguagem infantil aparece tardiamente e em todas as gramáticas descritivas seus empregos ocupam uma posição estatisticamente reduzida. Quanto ao Futuro modal, só reconhece o emprego volitivo e o Futuro concessivo e o de protesto, ambos dependentes do tom de voz; como transposições estilísticas, em que os efeitos são conscientes e desejados, cita o Futuro de atenuação e o de probabilidade.

Quanto ao Futuro temporal, opõe-no a outros tempos verbais: Partilha com o 'passé simple' a capacidade de exprimir um tempo autônomo e descontínuo em relação ao presente e também fatos destacados no interior de uma série; menciona o Futuro dos historiadores e o Futuro gnômico, das verdades gerais. Co-ocorrendo com outra forma de futuro, representa o ulterior e o simultâneo; em repetição de alternância, enfatiza a unicidade do fato cada vez que ele ocorre. Em concorrência com o PI, ao passo que este apre-

senta a ação futura como já desencadeada, através de uma decisão ou de um primeiro passo, com o FP a ação é vista em si mesma e por si mesma, sem considerar qualquer começo de execução no presente.

Klum descreve o FP, do ponto de vista relacional, como indicando ou posterioridade em relação ao presente (fórmula PP+V) ou como sendo o centro de uma atualidade futura autônoma (APØV). Do ponto de vista quantitativo, a baixa frequência desta forma verbal (8% nos estudos de Klum; 2,26% no de Bull, relativo ao Espanhol) é atribuída principalmente à concorrência das outras formas com valor de futuro. Do ponto de vista distribucional, embora possa exprimir todos os graus de posterioridade, tem tendência a se empregar em contextos onde a ação verbal é mais afastada, tanto do ponto de vista escalar quanto psicológico. Klum explica o valor modal rotulado de Futuro de conjectura, de polidez, de ordem ou súplica, etc. Como decorrente da combinação do vetor positivo do Futuro com o vetor zero de PP ou de um advérbio definindo o "eu-aquí-agora".

I.1. FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

O Guia-Questionário tem como critério para a classificação das formas verbais do Indicativo a categoria de tempo, sem destacar o componente modal do Futuro. Prevê duas possibilidades de emprego da forma em -rei: expressa ou posterioridade ou simultaneidade ao momento da fala, e nestas subcategorias inclui alguns valores modais, tal como o emprego pelo Imperativo.

Para um FP que indique simultaneidade, o GQ considera o sentido concessivo e a ocorrência em expressões de probabilidade, de surpresa e de dúvida, na verdade atitudes do falante que mais se enquadrariam na categoria do Modo.

Para este trabalho de descrição do FP e suas formas alternantes, aproveitamos do GQ a classificação segundo o

valor temporal de posterioridade ou de simultaneidade; a partir destes valores procuramos seguir um critério sintáctico, examinando os dados a partir da co-ocorrência de elementos gramaticais e, na falta destes, de elementos do contexto discursivo ou situacional.

Examinaremos agora as ocorrências registradas em nosso corpus, descrevendo os dados a partir dos critérios de posterioridade e de simultaneidade, mas tendo em mente que ao primeiro corresponde o valor temporal que esta forma normalmente encerra, e que no segundo caso, em que não se expressa algo que ainda está para realizar-se, trata-se de um emprego do FP com valor modal.

Há casos em que os dois valores se acumulam, de modo que as ocorrências caberiam em um terceiro grupo -- futuros temporais-modais, ou, segundo Câmara Jr. (1957: 22) "temporal com coloração modal, que é o emprego mais espontâneo e freqüente do futuro e que propicia sua utilização na língua corrente (cf. Irei sem falta)".

Mas acompanharemos Alba (1975: 120) em sua descrição dos tempos verbais do Espanhol do México, ao ver o terceiro grupo como uma subdivisão do Futuro temporal, "pois de fato conservam sua significação futura à qual se acrescenta um valor modal". Assim sendo, adotaremos como critério classificar como Futuros temporais "todos aqueles que de uma forma ou de outra designam algo vindouro".

I.1.1. FP COM VALOR DE POSTERIORIDADE

ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS

Distribuimos a matéria de acordo com a presença de elementos gramaticais (expressões adverbiais, outra forma de futuro, tipo oracional). Na ausência destes, consideramos o contexto maior do discurso e elementos extralinguísticos relacionados com a situação de fala ou com o conhecimento coletivo.

1. Co-ocorrência de elementos gramaticais

Sublinhamos a forma verbal sob estudo com uma linha contínua e os elementos co-ocorrentes de interesse com uma linha intermitente.

1.1. Com advérbios ou expressões que indicam posterioridade

Houve poucas ocorrências de FP acompanhado de uma expressão temporal. Embora as gramáticas digam que o FP exprime o futuro remoto, as expressões registradas indicam um pequeno intervalo de tempo entre S e a realização do evento.

- (5) "O artista que pode se ver diariamente numa tele novela, ele verá logo seus cacoetes" (Inq. 333).
- (6) "e em breve estaremos todos nus, o que não é mau, cada um revela o que tem... não é?" (Inq. 6).
- (7) "Não tenho o privilégio de acordar e me perguntar: 'O que farei no dia de hoje?'" (Inq. 255).

Embora o advérbio hoje expresse o presente, no contexto do discurso está relacionado com o verbo acordar, de modo que a locução adverbial no dia de hoje representa um espaço de tempo que se estende diante do falante, portanto, posterior a S.

- (8) "Então, esse é o primeiro corte e sucessivamente poderá ser dado um segundo, um terceiro, e até um quarto corte" (Inq. 38).
- (9) "Logo em seguida este plantio poderá ser feito de janeiro a abril, como se tem feito" (Inq. 38).

- (10) "e ele |o jovem adventista| deixa de ser escravo de certos vícios e de certos costumes dos quais ele depois a duras penas não poderá livrar-se" (Inq. 163).

Embora classificadas sob o sub-item 3 (FP em operadores conversacionais), listaremos as duas ocorrências abaixo:

- (11) "mais adiante veremos ()" (Inq. 365).

A rigor "mais adiante" é uma expressão de lugar, mas na situação discursiva, uma conferência, tem um valor temporal: em um ponto/momento posterior da conferência.

- (12) "conforme vocês verão daqui a pouco" (Inq. 350).

Com exceção do exemplo acima, em que o FP é usado em uma expressão característica de discursos expositivos, e que se refere ao próprio presente da conferência ou da palestra, não co-ocorreram com o FP nem datas nem advérbios ou expressões dêiticas que indicam um tempo preciso em relação a S, do tipo "amanhã", "daqui a uma semana", "no próximo ano", etc.

De modo geral, as expressões registradas — "em breve", "logo", "sucessivamente", "logo em seguida", exprimem um futuro próximo, de onde se poderia adiantar que o FP por si só exprime um futuro vago ou remoto, para o qual meios lexicais estabelecem gradações. Para Klum (1965: 174), que estudou as relações verbo-advérbiais no Francês, os advérbios do tipo "mais tarde", "depois", "brevemente", que exprimem uma posterioridade vaga e dilatável, combinam-se com o Futuro.

1.2. Com outra forma verbal de futuro

Sob este item examinaremos as perífrases de vou + Infinitivo (IR) e o Futuro do Subjuntivo (FS) em orações não condicionais. Entendemos que os eventos expressos por es-

tas formas, por si já posteriores a S, estabelecem o ponto de referência em relação ao qual o evento expresso pelo FP é simultâneo ou posterior. Qual das relações se estabelece depende do aspecto ou conteúdo lexical do verbo, se o processo indicado é durativo ou pontual.

No caso de eventos futuros em sucessão, há uma seqüência R(+post) — E(-rá), em que o último representa uma etapa posterior ou um futuro ulterior, no dizer de Imbs (1960: 48).

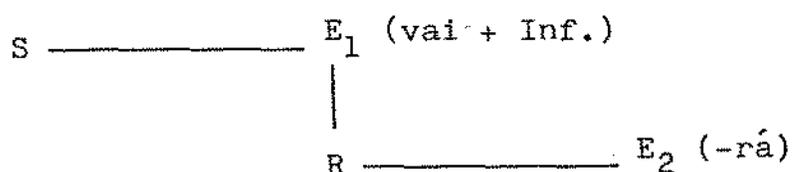
De um modo geral, as línguas não são simétricas na relação tempo passado e tempo futuro. Enquanto que o Português, por exemplo, dispõe de uma forma verbal especial para exprimir anterioridade no passado — o Mais-que-Perfeito, simples ou composto como em (13), que em Espanhol é chamado de Ante-Preterito, o paradigma verbal apresenta uma lacuna quanto à época futura, pois não há uma forma que indique posterioridade no futuro, algo como um Pós-Futuro. Na falta de recursos morfológicos, o falante terá de recorrer a meios lexicais, tal como advérbios ou locuções de tempo, para veicular esta noção.

(13) Ele já saíra/tinha saído quando cheguei.

(14) O decreto será publicado no Diário Oficial e entrará em vigor 60 dias após sua publicação.

1.2.1. Com vou + Infinitivo

Na situação de co-ocorrência das duas formas verbais de futuro, o evento E_1 , expresso por IR, representa R para a localização do expresso pelo FP (E_2), ambos posteriores a S. A seqüência seria:



(15) "A construção é...contrata-se um engenheiro civil que é quem faz as plantas e vai, digamos, fa zer contatos com o arquiteto" ().

"Então este empreiteiro vai contratar os pedrei ros e serventes de pedreiros, e eles é que en tão irão realmente construir a casa" (Inq. 5).

(16) "As fundações por si vão prever, digamos, a...a divisão das dependências, digamos, que comporão a casa" (Inq. 5).

Por outro lado, nos exemplos acima, deve-se levar em conta que estão inseridos em um contexto discursivo em que o informante explica a construção de uma casa e descreve as diferentes fases do processo, usando predominantemente formas de Presente intemporal. Dado o caráter de repetição e habitualidade destes processos, poderíamos postular uma relação de posterioridade pura e simples para as perífrases, bem como para o FP, ou seja, uma seqüên cia R—E, e não necessariamente de futuridade, que é a seqüência S—E. Em outras palavras, o Presente intemporal es tabelece um R situado em qualquer ponto da linha do tempo, não necessariamente coincidente com o presente do locutor.

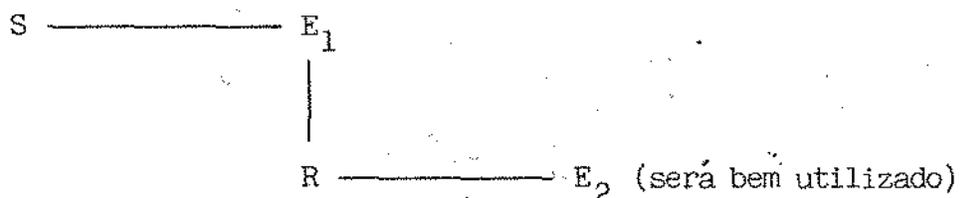
As ocorrências (15) e (16) exemplificam claramente a postulação de Imbs (1960: 45) de que o futuro "se destaca nitidamente do presente, com o qual ele opera uma ruptura: representa uma etapa verdadeiramente nova no interior de uma série de processos do qual ele faz parte".

Ainda sobre a co-ocorrência das formas verbais de fu turo, observa-se que, ao passo que uma série de FP indica apenas uma seqüência de eventos a ocorrerem de acordo com a ordem linear com que os verbos se apresentam na senten ça, mas todos situados num mesmo plano de época vindoura, como em (17), a combinação das duas formas de futuro —pe rífrase e FP — é um recurso que se apresenta ao falante para localizar os eventos em momentos distintos do futuro.

- (17) "Se eu disser (), a pessoa lerá o jornal e dirá (). Pode ... poderá até me chamar de subversiva" (Inq. 333).

Note-se que persiste a idéia de ulterioridade do FP em relação a IR, independentemente da ordem linear na sentença:

- (18) "e esse [telegrama noturno] ainda será bem utilizado, mas o telegrama comum vai perder toda a sua importância diante do telefone, né?" (Inq. 255).

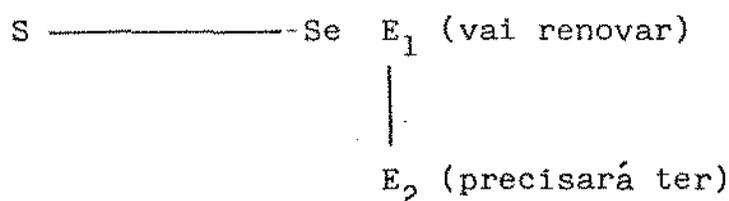


O tempo verbal do auxiliar, em vai perder, apresenta este processo como em continuidade com o momento da fala, enquanto o FP aponta para uma distância temporal e psicológica desse momento.

Apresentamos a seguir outros casos de FP em co-ocor-
rência com IR, mas destituídos da idéia de ulterioridade:

- (19) "Mas é sempre preferível a pessoa se organizar; e se todo ano ele vai renovar, digamos, vinte alqueires de sua lavoura, ele precisará ter o correspondente canteiro primário e secundário" (Inq. 38).

Neste período hipotético em que a hipótese recai sobre a pretensão de habitualidade (= se todo ano ele pretende renovar), o evento da apódose é decorrente, porém contemporâneo ao da prótase.



- (20) "A pessoa vai fazer um pagamento na compra de um imóvel () e pergunta: 'O senhor exige o cheque... visado?' e o outro, o que vai receber, o vendedor, dirá sim ou não" (Inq. 250).

Não há uma verdadeira perífrase de futuro. No esquema de compra de imóvel, o negócio habitualmente se concretiza numa imobiliária ou no cartório, para onde as partes se deslocam. Neste exemplo, a forma vai será interpretada como Presente de ir₁, verbo pleno de movimento, seguido de Infinitivos de destinação (vai para fazer o pagamento, vai para receber), o que é confirmado pelo verbo pergunta, também no PI, ambos Presentes genéricos, pois o discurso descreve praxes, procedimentos habituais. O morfema -rá, em dirá, indica posterioridade em relação à enunciação da pergunta.

1.2.1. Com Futuro do Subjuntivo em orações não condicionais

Das línguas românicas atuais, o Português é a única em que o FS tem vitalidade. Segundo Fleischman (1982:137), o "Futuro do Subjuntivo aparece mais comumente em cláusulas temporais e funciona como recurso de seqüenciação para tempo futuro, assinalando a simultaneidade ou leve anterioridade de R (marcada por Futuro do Subjuntivo) em relação a E (marcada tipicamente por Futuro do Presente ou Presente do Indicativo)".

Perini (1978: 219) considera o FS uma variante posicional do FP em certos ambientes, a saber: depois das conjunções quando, sempre que, depois que, se (condicional), quanto mais ... mais, etc. em que o FP não pode ocorrer: "O Futuro do Subjuntivo preenche a lacuna causada pela distribuição defectiva do Futuro do Indicativo, e além disso a lacuna semântica resultante".

Barbosa (1980: 139) em sua pesquisa sobre o Futuro do Subjuntivo no Português culto da cidade de São Paulo, constatou uma freqüência elevada de FS no seu corpus — 79 ocorrências, ou seja, 22,4% do total, mas em apenas 4 tí-

pos de orações subordinadas: adjetivas, adverbiais condicionais, adverbiais temporais e expressões fixas. Registramos uma ocorrência de FS em orações correlatas:

- (21) "quer dizer, a importância do telegrama virá se reduzindo quanto mais eu puder falar diretamente com a pessoa" (Inq. 255).

Nas demais, o FP se correlacionou com o FS numa oração subordinada temporal:

- (22) "Então, quando a televisão chegar a esse nível tecnológico, onde a seleção dos programas não ficará a critério do espectador (), nós podemos pretender que a televisão venha a se constituir numa obra e num veículo de informação cultural" (Inq. 255).

- (23) "Quer dizer, então o papel que ele |o telefone| poderá ter, quer dizer, em potencial, é um papel extraordinário na hora em que se tornar uma realidade a extensão a todos e um funcionamento perfeito, né?" (Inq. 255).

Incluem-se aqui duas ocorrências em que o verbo está na forma nominal, de particípio e de infinitivo, visto que podem ser parafraseadas por orações adverbiais temporais com o verbo na forma de FS.

- (24) "E uma vez feitas as gravações, elas serão analisadas em função do questionário" (Inq. 350).
(= depois que forem feitas)

- (25) "|no 2º ano| quando ela ainda não está eventualmente preocupada com aquela angústia do que virá a fazer ao terminar o curso" (Inq. 255).
(= depois que terminar o curso)

Nos dados acima, o evento expresso pelo FP é simultâneo ao expresso pelo FS, ambos situados na mesma época vindoura.

1.3. Na apódose de períodos hipotéticos

Definem-se como períodos hipotéticos aqueles compostos de uma oração subordinada iniciada pela conjunção se (prótase ou oração condicionante), que contém uma hipótese ou condição, e uma oração principal (apódose ou oração condicionada), que "vem a expressar o fato decorrente ou dependente do fato suposto, dada a realização deste" (Said Ali, 1921-23: 336).

Said Ali distingue três tipos de períodos hipotéticos, ao que corresponde uma correlação entre tempos e modos verbais nas duas orações:

1º) a condicionante se refere a fato inexistente ou improvável:

Se + Imperfeito do Subj./Futuro do Pretérito Ind.

2º) a condicionante se refere a fato vindouro, cujo cumprimento se espera ou se admite como provável:

Se+ Futuro do Subj./Futuro do Presente Ind.

3º) quando a condicionante se refere a atos que imaginamos existirem no momento presente ou terem-se efetuado em época anterior, dizem-se com o verbo no modo indicativo e no tempo presente ou pretérito, conforme o caso:

Se+ Presente Indicativo/

Se+ Pretérito Indicativo/

No 3º tipo não é especificada a forma verbal para a apódose: os exemplos que o autor apresenta contêm Imperativo, Presente, Pretérito e até Imperfeito do Subjuntivo.

Neste corpus, o FP da oração principal co-ocorreu com orações subordinadas condicionais em que figuravam formas verbais de Futuro de Subjuntivo (FS), perífrases de vou + Infinitivo (IR), Presente do Indicativo (PI) e

até Pretérito Perfeito.

Na maioria dos casos, o FP correlacionou-se com o FS na prótase, o que as gramáticas que seguem a tradição latina caracterizam como Modus Potentialis. Segundo Said Ali (1921-23: 336), a hipótese neste caso se refere a "algun fato vindouro cujo cumprimento se espera ou se admite como provável, e o FP representa o fato vindouro decorrente da dita hipótese".

(26) "Se no determinado horário em que a televisão é mais procurada () só existir outro nível de programação, a população irá aprendendo a assistir esses programas" (Inq. 255).

(27) "E se forem educativos os programas, ela está ... estará cumprindo um papel que até hoje é desconhecido" (Inq. 255).

(28) "São larvas bastante daninhas que se não forem combatidas poderão acarretar prejuízos muito grandes" (Inq. 38).

(29) "Está aí um filme que se for passado novamente, eu acho que encherá as platéias" (Inq. 333).

Neste item 1.3. — FP na apódose de períodos hipotéticos — a oração condicionada com o FS sempre precede a oração com o FP, sendo a ocorrência (30) a única exceção. Em orações não condicionais não se verifica esta ordem: nos exemplos listados, o FP precedeu o FS numa oração correlata (ocorrência (21)), numa temporal (ocorrência (23)) e numa temporal reduzida de gerúndio (ocorrência (25)).

(30) "Você falou que |a TV| retirava a riqueza do regionalismo, mas o mesmo veículo que pode te causar este mal, poderá causar um bem na medida em que levar uma mensagem realmente de integração" (Inq. 255).

Na ocorrência abaixo, em que há uma perífrase de vou + Infinitivo na prótase, a hipótese exprime repetição que, por sua habitualidade, cria a expectativa de que aconteça também no futuro.

- (19) "Mas é sempre preferível a pessoa se organizar, e se todo ano ele vai renovar, digamos, 20 alqueires de sua lavoura, ele precisará ter o correspondente canteiro primário e secundário" (Inq. 38).

Registraram-se também formas de Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo na prótase, caso em que a proposição condicionante se refere a "fatos que imaginamos existirem no momento presente ou terem se efetuado em época anterior" (Said Ali, idem), mas o fato decorrente se realizará no futuro:

- (31) "Se ele (o café) é dos tipos piores, não será exportado" (Inq. 38).

- (32) "Se choveu certo, na hora certa, dará uma boa colheita" (Inq. 38).

Incluem-se aqui os casos de período hipotético em que a prótase traz o verbo numa forma nominal; são orações reduzidas de gerúndio e de infinitivo, que podem ser parafraseadas por orações adverbiais condicionais:

- (33) "Não podendo fugir, ainda a pessoa poderá fazer o investimento, mas desde que pague o justo valor, naturalmente" (Inq. 38).
(= se não puder fugir)

- (34) "Então, para nós encontrarmos () a nossa linguagem televisiva, eu acho que será mesmo através da telenovela" (Inq. 333).
(= se quisermos encontrar)

Incluimos sob este item as ocorrências em que o advérbio então, destituído de seu sentido temporal (= neste momento) ou de marcador de seqüências em uma narrativa,

representa uma condição (= neste caso, se as coisas forem assim, se isto acontecer). Com este sentido, figura no seguinte esquema: 'então -rá.'

(35) "Se ele vem a ser despedido, das duas uma: ou o patrão comprova causa justa () para a demissão, e então haverá um acordo" (Inq. 250).

(36) Doc: "E também quando um viúvo se casa e já tem filhos?"

Inf: "É, então a nova... esposa será madrasta dos filhos do marido, e no caso contrário será... o homem será o padrasto dos filhos" (Inq. 21).

(= quando/se um viúvo com filhos se casa)

(37) "Então aceitamos, porque naturalmente ele estará mais à vontade dentro deste tema" (Inq. 350).

O informante reportou uma situação em que um entrevistado recusa o tema escolhido, pois prefere falar sobre sua vida profissional. Interpretamos então como a prótase implícita (então = se ele quer falar sobre x); e o advérbio naturalmente como uma reafirmação da hipótese configurada na oração anterior (naturalmente = se ele falar sobre x).

Consideramos também como período hipotético este caso em que há orações optativas em orações contíguas.

(38) "Portanto, hajam mais escolas, hajam mais faculdades, para que hajam indivíduos mais esclarecidos... de uma forma ou de outra, essa experiência escolar lhe trará algum benefício na sua situação na sociedade" (Inq. 163).

Orações optativas exprimem um desejo do falante a respeito de uma situação inexistente na atualidade, o que serve de contexto temporal para a oração com o FP. E a expressão de "de uma forma ou de outra" pode ser interpretada como "se houver mais escolas ou se houver mais faculda

des", que configura uma hipótese.

2. Ausência de elementos gramaticais

Há casos em que o FP não parece estar regido por al gum advérbio ou construção precedentes afetados pela marca de posterioridade. Dizemos então que foi a primeira ocorrência que "criou" esta marca, independentemente de elementos gramaticais, mas na dependência de elementos si tuacionais ou pragmáticos.

Como diz Imbs, "o Futuro é um tempo de grande limpeza, que basta a si mesmo para a expressão do porvir" (1960: 43). Mas, para justificar a classificação das ocorrências sob a categoria da posterioridade, procuraremos no discurso indicações de que o enunciado se refere a uma situação inexistente no momento da fala e de que o proce so vai se realizar futuramente.

Pode ser através do conhecimento partilhado sobre o estado atual do assunto. Por exemplo, neste corpus o tópi co "meios de comunicação" provocou numerosas ocorrências de FP:

(39) "Eu acredito que será louvável o empenho do governo numa unificação, pelo menos de pronúncia" (Inq. 333).

(40) "Acho que a televisão brasileira irá encontrar, do ponto de vista ficcional, irá encontrar o seu caminho é através da tão malfadada da novela" (Inq. 333).

Estes exemplos em que o informante modaliza sua afirmação através de um verbo que exprime opinião, suposição (achar, acreditar), mas o evento expresso vai se realizar futuramente, seriam exemplos do que Câmara Jr. chama de Futuro temporal com coloração modal.

(41) "para muitas faixas a televisão irá substituir o cinema" (Inq. 333).

- (42) "em falando de EC, por sinal agora é um novo contratado no S.S. Então para a nova emissora ele levará o EC." (Inq. 333).

Nesta ocorrência o advérbio então, destituído do sentido temporal, tem a função de marcador de seqüências em uma narrativa, razão pela qual este exemplo não foi incluído no item 1.3., no qual então representava uma condição em períodos hipotéticos.

Um projeto em fase de implantação é o assunto do Inq. 350:

- (43) "Portanto, a própria existência desse próprio padrão lingüístico fará com que o indivíduo tenha, às vezes, interesse em conhecê-lo" (Inq. 350).
- (44) "depois nós somos obrigados a mostrar a gravação depois de feita (), mas de qualquer maneira estará lá a sua linguagem mais comum" (Inq. 350).

É de conhecimento comum que na organização educacional vigente o vestibular segue-se à conclusão de 2º grau, e o magistério pressupõe a graduação no curso superior, de modo que se subentendem as expressões indicadoras de posterioridade nos exemplos abaixo:

- (45) "E no 3º ano ela já está preocupada com aquele exame que fará" (Inq. 255).
(depois que terminar o curso)
- (46) "Este pessoal fazendo opção de pedagogia e depois lecionando atualmente é proibido. Só quem faz a faculdade de pedagogia é que poderá ensinar, entende?" (Inq. 251).
(depois que se formar)

O contexto aponta para uma possibilidade futura de realização do processo verbal em:

- (47) "ele |o jovem| entra numa linha marginal que po
derá levá-lo até mesmo à criminalidade. Quer di
zer, ele poderá entrar numa linha de... de...
integração dentro da violência, dentro da...
que em vez de formá-lo, trazê-lo para a comu-
nhão em sociedade, o desvia disso" (Inq. 255).

Mas diríamos que a segunda ocorrência de FP (poderá entrar) é puramente modal, localizada na mesma época que entra, o que é confirmado por desvia. Parece que o locutor exagerou na dramaticidade de sua afirmação anterior (levá-lo até mesmo à criminalidade) e retifica-a (quer di zer), modalizando o verbo do primeiro enunciado: não mais entra, categórico, mas poderá entrar. Neste caso o morfema -rá tem a função de reforço da modalidade já contida em poder, apresentando-a como uma possibilidade mais remo-
ta.

Um caso interessante é a ocorrência a seguir:

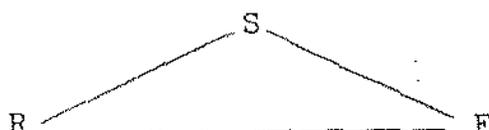
- (48) "ele disse que a Transamazônica ia acabar com o Amazonas, que ia acabar com a ... que haverá um deserto, num sei quê, que o senhor acha dis-
so?" (Inq. 162).

Poderíamos interpretar como uma flutuação entre discurso indireto e discurso indireto livre, que é o mais usual e espontâneo na língua falada.

A	B	B + A
diz que vai acabar haverá	disse que ia acabar haveria	disse que ia acabar haverá

Outra possibilidade seria recorrer a uma explicação da pragmática: o informante reporta o discurso de outrem; estabelece-se um tempo do discurso, em que o momento da

enunciação do outro seria R em relação ao qual os eventos reportados são posteriores (seqüência R—E). Esta relação de posterioridade mantém-se no tempo do falante que, por seu conhecimento de mundo, sabe que estes eventos pertencem ao futuro (seqüência S—E), tanto que a partir de certo ponto reproduz ou incorpora a fala do outro, como se partilhasse da mesma opinião:



A forma ia + Infinitivo, alternativa do Futuro do Pretérito, desvincula o falante de qualquer endosso à afirmação do outro, ao passo que o FP implica nesse endosso.

3. FP em operadores conversacionais

Destacamos 5 ocorrências do verbo ver no FP, basicamente em orações conformativas: como/conforme veremos. Ocorreram em elocuições formais (EF) que são gravações de aulas, palestras ou conferências; há um deslocamento do sentido próprio do verbo ver, que passa a significar "ouvir", "ser dito", "observar".

Funcionam como um operador conversacional, através do qual o falante anuncia seus próximos tópicos, recurso discursivo utilizado por conferencistas para captar ou manter o interesse do público.

Constitui um problema classificar temporalmente a expressão: há um valor de posterioridade, visto que se refere a um ponto subsequente na palestra, mas que é atenuado pelo fato de este ponto se localizar no presente do locutor, ou seja, na própria palestra, como se observa a partir de locuções adverbiais co-ocorrentes:

- (12) "Esta pesquisa está em desenvolvimento, conforme vocês verão daqui a pouco, em todas as capitais" (Inq. 350).

Evidentemente não ocorre aqui uma diferenciação de épocas dentro do sentido de posterioridade que adotamos para esta análise. É por isso que consideramos este Futuro um operador conversacional, pois interessa aqui o tempo do discurso e não o do falante.

Na maioria dos casos o FP ocorreu em uma oração conformativa:

(49) "Conforme vocês verão, existem muitos objetivos pela frente" (Inq. 350).

(50) "Porque, como veremos, se de um lado temos depoimentos que comprovam a existência de objetos voadores não identificados" (Inq. 365).

Na EF 388 o informante substitui o FP por uma expressão análoga, com IR:

(51) "como a gente vai ver na próxima aula" (Inq. 388).

Nesse inquérito, o emprego de 42 perífrases de IR contrasta com a total ausência de formas de FP. Por outro lado, na EF 365, os dois veremos foram as únicas ocorrências de FP, em paralelo com duas ocorrências de IR. Neste inquérito, a raridade de formas de futuro se justifica pelo tipo de texto: o informante narra fatos sobre OVNIs, e naturalmente predominam as formas de Pretérito.

4. FP como Imperativo

O Imperativo implica em uma ação necessária cuja execução é sempre posterior ao momento da fala. O Futuro do Presente candidata-se, por isso, a substituir o Imperativo, mas este emprego é raro na língua falada, na modalidade de entrevistas.

Said Ali (1921-23: 317) assinala a função imperativa como uma das aplicações secundárias do Futuro do Presente que, de acordo com o contexto e o tom de voz, pode ser

classificado como sugestivo ou categórico. Ele considera o Futuro categórico como "uma linguagem mais enérgica do que o Imperativo, pois não faz o mínimo caso da vontade do indivíduo com quem se fala. São deste teor as determinações e mandamentos do Antigo Testamento":

(52) Honrarás pai e mãe.

O sétimo dia será para vós santo.

Nos dias atuais, esta modalidade de Futuro só é encontrada na língua escrita, em determinados tipos de texto: disposições legais e cláusulas contratuais. É o chamado Futuro jussivo, com o verbo na 3ª pessoa, indicando obrigatoriedade, e está previsto no GQ. Registrou-se neste corpus porque o informante, um advogado, ao explicar um contrato de empréstimo, reproduz o próprio texto, como se pode ver pela expressão dois pontos.

(53) "cujo pagamento obedecerá às seguintes condições, dois pontos, e aí são especificadas as condições: () O prazo para pagamento é de tanto tempo, os juros será tal, vencido de maneira tal" (Inq. 250).

COMENTÁRIOS SOBRE O FP COM VALOR DE POSTERIORIDADE.

Na Introdução distinguimos entre posterioridade em sentido amplo, em que um evento segue-se a outro estabelecido como ponto de referência R, sendo que esta relação pode se dar em qualquer lugar do tempo, e futuridade, um subtipo da primeira, em que um evento se localiza posteriormente ao momento da fala, estabelecido como ponto de referência.

Mas Fleischman (1982: 6), ao insistir na importância de se manterem separados o conceito de tempo do discurso — situação temporal criada pela proposição do enunciado, que se localiza em relação a um ponto de referência arbitrariamente estabelecido pelo falante, e o de tempo da enunciação — o tempo em que o falante realmente produz o

enunciado, sugere que o momento da enunciação seja visualizado como se estivesse no centro do presente do falante.

Desta maneira, concilia a visão filosófica de presente — um ponto na linha do tempo, o "agora" do "eu" falante — com a sua representação lingüística, que abrange uma faixa temporal mais ampla. Câmara Jr. (1956: 22) define o tempo Presente como essencialmente cursivo, e cita Cassirer: o Presente "não deve ser entendido como uma abstração matemática estrita, mas como um "agora" psicológico, abarcando todos os conteúdos que podem intuir-se como uma unidade temporal imediata e condensar-se numa unidade elementar da experiência... possui em si certa duração, estendendo-se ao longo da memória imediata".

Tal perspectiva é endossada por Imbs (1960: 39), ao relacionar os aspectos e valores deriváveis do Presente do Indicativo com a possibilidade de se situar o processo verbal em uma faixa temporal mais estreita ou mais ampla, que nos casos limítrofes corresponderiam respectivamente ao Presente da enunciação e ao Presente intemporal.

Temos então que o FP, como tempo absoluto que é, exprime posterioridade, que é definida em relação ao presente; e que este presente pode ser visualizado ou como um ponto, o momento da fala, ou como um intervalo de tempo, do qual o momento da fala é o centro dêitico. A partir destas considerações, faremos alguns comentários sobre as ocorrências de FP examinadas sob o item I.1.1. — FP com valor de posterioridade.

Das 80 ocorrências de FP neste corpus, 61 indicavam em relação ao presente. Mas dado que o presente pode ser entendido como um ponto ou como um intervalo de tempo, distinguiremos duas situações:

1ª) o evento é posterior ao presente atual do falante, ao momento da enunciação; trata-se aí de futuridade.

2ª) o evento é posterior a um presente amplo, do qual o momento da enunciação é o centro dêitico.

Analisando elementos contextuais e situacionais que envolveram a produção de cada enunciado, identificamos 33 ocorrências como pertencendo à primeira situação e 28 à segunda.

1ª Situação

Vejamos as ocorrências da primeira situação, em que o E está em conexão com o momento da fala, independentemente de ser apresentado como uma afirmação fátual ou como uma eventualidade, condicionada a uma hipótese.

Na maioria dos casos, os enunciados ligaram-se ao tópic "meios de comunicação e difusão", especialmente a televisão (10 em 15 ocorrências): os informantes comentam problemas atuais da TV e sugerem soluções, discorrem sobre as perspectivas futuras do telefone, rádio e telegrafia ou falam idealisticamente sobre as funções da televisão (caso em que orações com FP co-ocorrem com orações condicionais ou temporais com FS — curiosamente, isto só se deu em entrevistas do tipo D2; em DIDs sobre o mesmo tópico não ocorreram formas de FP).

Houve 4 ocorrências em um contexto hipotético (dados 17 e 29). Três ocorrências relacionaram-se com um projeto em fase de implantação (dados 37, 43 e 44).

Um informante, falando sobre a situação de ensino, inicialmente usa o auxiliar modal no PI, e depois de alguma hesitação e retrocesso corrige para FP, como se adiasse a sugestão:

- (54) "Mas que naturalmente nós podemos, cada um especialmente de... hã... na sua área, poderá fazer um esforço para reduzir o prejuízo e tornar o ensino bom" (Inq. 163).

Na maioria dos enunciados, por considerações de ordem pragmática, entende-se que o evento se realizará em um futuro indefinido ou remoto, mesmo quando acompanhado de um adjunto adverbial que exprime proximidade temporal, como nesta ocorrência em que o informante responde sobre

o traje que a mulher usa para nadar:

(6) "e em breve estaremos todos nus" (Inq. 6).

Houve poucos casos em que o FP foi usado para indicar um futuro imediato, ou seja, um pequeno intervalo entre o momento atual da fala e o momento de realização do evento: foram as 5 ocorrências do tipo "conforme veremos", registradas em EF, com que o falante antecipa tópicos que serão apresentados a seguir (dados 12, 49 a 51), e uma outra que se refere à situação de entrevista, quando um informante cede a primazia da resposta ao outro:

(55) "Ruy já se definiu como um antigo jornalista (), de maneira que a impressão do Ruy acabará sendo muito mais profunda" (Inq. 255).

2ª Situação

Vejam agora a segunda situação, em que o FP marca posterioridade em relação a um presente amplo.

Os tópicos que a propiciaram foram agricultura, construção civil, relações de trabalho ou de parentesco, ou referiam-se a pessoas em fase de formação.

Geralmente tratavam-se de observações sobre processos que, por sua repetição em uma seqüência conhecida, bem como por sua generalidade, tornavam-se práticas estabelecidas ou comportamentos previsíveis, capazes de ocorrer qualquer época. Tais processos eram expressos pelo PI com valor intemporal, e o FP marcava uma etapa posterior, às vezes condicionada a uma hipótese:

(35) "Se ele vem a ser despedido |E₁|, de duas, uma: ou o patrão comprova causa justa para a demissão |E₂| e então |=se comprovar| haverá um acordo |E₃|" (Inq. 250).

Por exemplo, sobre agricultura:

- (56) "|o café| vai pro pano e depois vai pro saco. Então o café poderá ser classificado do tipo 4, tipo 5, tipo 6 () Se ele é dos tipos piores, não será exportado" (Inq. 38).

Ou situações previstas em lei:

- (57) "O fundo de garantia assegura ao empregado que se retira um certo ressarcimento, que pelo menos lhe permitirá a subsistência durante algum tempo" (Inq. 250).

- (46) "Só quem faz pedagogia é que poderá ensinar" (Inq. 41).

O caráter de intemporalidade decorre da generalidade da afirmação, ou, num ponto de vista de Imbs (1960: 173), da "estrutura particular do assunto da proposição", que pode ser estendido — "chega-se à universalidade temporal através da universalidade espacial-quantitativa".

Como marcas mais comuns de indeterminação, encontramos o uso do pronome da 3ª pessoa do singular, da voz passiva, e de sujeitos indeterminados (quem, uma/a pessoa, um sujeito), ou referidos genericamente, como uma classe: a aluna, o empregado, o artista, o jovem (vide dados 5, 33, 35, 44, 45 e 25).

- (45) "A aluna entra no 1º ano () e no 3º ano ela já está e preocupada com aquele exame vestibular que fará. O ano mais propício é o 2º ano (), quando ela já superou aquela fase de adaptação e quando ela ainda não está eventualmente preocupada com aquela angústia do que virá a fazer ao terminar o curso" (Inq. 255).

O FP também co-ocorreu com outras formas de futuro, marcando uma etapa ulterior:

- (28) São larvas bastante daninhas que |E₁|
 se não forem combatidas |E₂|
poderão acarretar prejuízos muito grandes |E₃|

Também no texto abaixo em que o informante descreve, dentro de um quadro hipotético, a construção de uma casa:

- (16) "Teria que ter um terreno e preparar este terreno com as fundações para a edificação da casa. As fundações por si já vão prever, digamos, a... a divisão das dependências, digamos, que comporão a casa" (Inq. 5).

Nos exemplos acima e em muitos outros que cabem sob este item, o falante assume um distanciamento da situação de fala, o que lhe permite uma visão global do assunto, e discorre, de uma maneira genérica e impessoal, sobre práticas ou situações que fazem parte da experiência coletiva. Tal fato garante às afirmações validade em qualquer época, no momento atual como também no passado e no futuro. Para tanto, ele usa o Presente do Indicativo, o que poderia ser classificado como um emprego intermediário entre o Presente de hábitos e estados permanentes e o Presente das verdades da experiência (gnômico), adotando-se o quadro de Imbs para os usos do Presente intemporal (1960:27), que consta no Capítulo II.

Talvez fosse o caso de se postular, ao lado do Presente intemporal, um Futuro com valor intemporal, com a função de marcar morfologicamente posterioridade dentro de uma seqüência de processos repetidos, habituais ou contínuos que pertencem ao conhecimento partilhado por uma comunidade.

I.1.2. FP COM VALOR DE SIMULTANEIDADE

Mantemos a nomenclatura acima em consonância com o GQ, que classifica as formas verbais dentro da categoria de Tempo, mas, como foi especificado anteriormente, em caso de desacordo entre o valor temporal normalmente atri

buído a uma forma verbal e o tempo veiculado pela sentença como um todo, prevalece o último.

Examinaremos então as ocorrências em que elementos contextuais localizam o evento em uma época simultânea à da fala (E=S) e o FP, correspondendo temporalmente a um Presente, é interpretado como um Futuro modal.

Saíd Ali (1921-23: 319) classifica-o como Futuro problemático -- "emprego da forma verbal denotadora de ação ainda não consumada quando se tem dúvida ou incerteza sobre fatos ou sucessos próprios do tempo presente". E sugere uma explicação psicológica para este emprego do FP para exprimir fatos da atualidade: o fato se apresenta como uma dúvida na mente do falante, que só obterá confirmação em uma época vindoura, de modo que usa uma forma verbal condizente com a solução futura do problema.

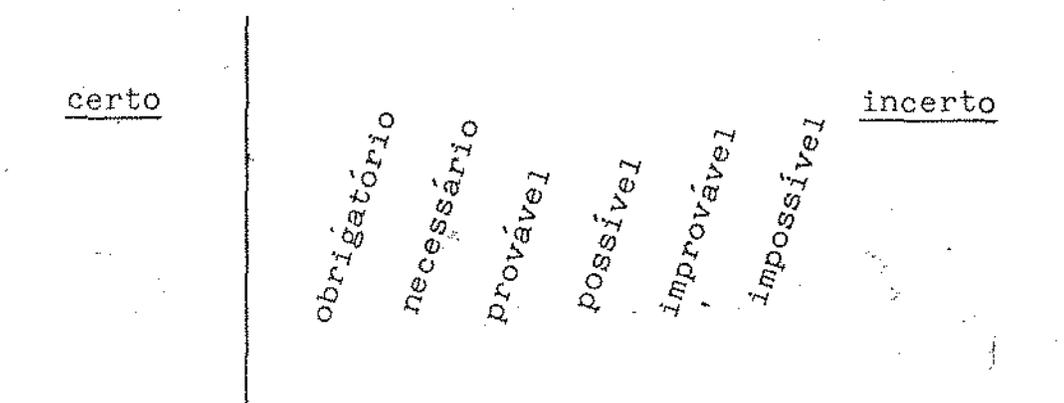
(58) O prisioneiro a estas horas estará morto.

(59) Haverá um espaço de 50 m. entre os pontos A e B.

Dessa maneira, não se compromete com o que diz e, em sentenças interrogativas, o fato de depender de averiguação vindoura torna-o um modo polido de perguntar, pois não obriga o interlocutor a uma resposta imediata.

Câmara Jr. (1956: 33) classifica este uso como um "Futuro intemporal ou metafórico, francamente transposto para modo", e lhe atribui significações imperativas ou subjuntivas lato sensu, aí compreendidas as noções de dúvida, possibilidade, desejo, obrigatoriedade, etc.

Propomos, numa oposição certo/incerto, uma gradação dentro do incerto:



Não só o contexto, mas o julgamento individual, de acordo com dados situacionais e pragmáticos — situação do discurso, opinião que se tem do falante, conhecimento de mundo, crenças e expectativas de cada um, quer interlocutores quer analistas, é que estabelecerão um ponto nesta escala para a interpretação do evento expresso pela forma em -rei.

ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS

Analisaremos agora os dados deste corpus que mostram que, apesar do morfema de Futuro, o evento se localiza na época presente. Examinaremos fatores contextuais e situacionais para:

- a) demonstrar a ausência de qualquer valor de posterioridade;
- b) identificar a modalidade veiculada pelo emprego do FP.

Segundo Brunot (1922: 507), a modalidade pode ser expressa através do tom, tempo verbal (Futuro composto), auxiliares modais (dever, etc.) advérbios e locuções adverbiais, proposições coordenadas e subordinadas, ordem de palavras, modo. Procuraremos estes fatores no contexto em que ocorreu o FP.

Para verificar o valor de simultaneidade, usaremos o teste de comutação pelo Presente do Indicativo; no caso de uma forma simples de FP que se apresente desacompanhada de qualquer elemento gramatical, substituiremos por uma construção com um auxiliar modal + Infinitivo para determinar qual é a modalidade expressa.

1. Co-ocorrência de elementos gramaticais

1.1. Com advérbios de modo

Os advérbios já explicitam as noções modais de possibilidade e im/probabilidade. Para demonstrar a inexistência de qualquer valor de posterioridade, vamos esclarecer o contexto ou transcrevê-lo na medida do possível.

(60) "volta e meia a gente é surpreendido por algum engano. O banco dificilmente se enganará" (Inq. 250).

(61) Doc: "O aluno tem um nome especial para o professor que não sabe dar aula e o que não quer dar aula?"

Inf: "Não, porque no caso isto é uma... eu acho que é mais ou menos particular, porque provavelmente uma outra pessoa terá uma idéia completamente diferente da minha" (Inq. 5).
(= provavelmente tem)

No exemplo seguinte o documentador perguntara como se chama o lugar onde se faz uma refeição rápida.

(62) "eu não quero usar a expressão lanchonete porque não digo isso |ele chama de bar|. Mas eu não sei como possivelmente minha filha dirá" (Inq. 6).
(= como ela possivelmente diz)

Nas ocorrências acima o valor modal é expresso lexicalmente pelo advérbio e reforçado pelo emprego do FP. Ou, estendendo-se para o Futuro a conceituação usada por Brunot, é expresso extrinsecamente pelo advérbio e intrinsecamente pelo morfema. Comparê-m-se:

(63) O banco dificilmente se engana.

(60) "O banco dificilmente se enganará" (Inq. 250).

No primeiro enunciado, o PI — Presente genérico, intemporal — apresenta o fato de uma maneira casual, como uma afirmação sobre uma verdade geral, baseada na experiência. O emprego do FP, por outro lado, traduz a expectativa do falante sobre a confiabilidade da instituição bancária. Outra interpretação é a de se considerar este uso do FP como uma concorrência com o PI com valor intemporal. Teríamos aí um Futuro gnômico, das verdades da experiência: a afirmação é válida para qualquer época, e com a forma em -rá adquire um tom categórico.

1.2. Com expressões de dúvida, conjectura e suposição

Registramos 3 casos em que a sentença com o FP está encaixada em uma oração principal cujos verbos exprimem as noções acima, e o contexto aponta para a localização do evento na época presente, ou seja, E=S.

(64) Doc: "A senhora acha |o jornal Le Monde| o mais próximo ao Estado |de São Paulo|? "

Inf: "Eu nũ sei se será mais próximo não" (Inq. 312). (= eu não sei se é)

A expressão dubitativa não sei se é reforçada pela repetição do advérbio de negação, e a sentença pode ser parafraseada por: "Não sei se pode ser considerado como mais próximo".

(65) "Imagino como será isso traduzido em castelhano, não? Porque ele tinha peculiaridades de linguagem engraçadíssimas, né?" (Inq. 333).

(= imagino como é isso traduzido)

O tópic do discurso é a novela "O Bem Amado", que estava sendo apresentada em países latino-americanos, e a informante comenta sobre o vocabulário do personagem Odo-rico Paraguassu, que usa expressões como "moribundice", "apenasmente", etc.

- (66) "Este é um aspecto do problema sobre o qual eu não vou falar aqui. Porque me parece que haverá muito mais interesse em se saber o problema relativo a este dialeto do Brasil" (Inq. 350).
(= porque me parece que há)

O palestrista, em vez de atribuir determinado interesse ao público de um modo categórico, o que aconteceria com o emprego do PI, atenua sua afirmação, apresentando-a como uma expectativa. Teríamos aí um Futuro de atenuação ou de polidez, ou Futuro diplomático em Said Ali, usado para atenuar uma afirmação ou pedido, apresentá-los de modo mais polido; Imbs chama-o de Futuro de atenuação prudente, ou, dado à situação de fala em que é comumente empregado, de Futuro de professor ou conferencista.

Observe-se neste item que os verbos da oração principal — não sei, imagino, me parece — já veiculam a noção de dúvida, de incerteza.

1.3. Em períodos hipotéticos

O FP da oração principal co-ocorreu com formas verbais de Futuro do Subjuntivo e de Presente do Indicativo na prótase.

- (67) "Quando se empresta de alguém, se for uma dívida particular, depende das condições que as duas partes acertarem ()
cujo pagamento obedecerá às seguintes condições, dois pontos, e aí são especificadas as condições: o prazo para pagamento é de tanto tempo, os juros será tal, vencidos de maneira tal. Poderá haver uma terceira condição; pode... parece... pode aparecer esta aqui, poderá haver, co

mo é que se diz, pagamentos parciais de... do principal" (Inq. 250).

(= pode haver)

As locuções modais no FP (poderá haver) encontram-se intercaladas por uma série de PI, quase ininteligíveis na gravação, como se o informante estivesse pensando em voz alta, e relacionam-se com uma prótase condicionante registrada no começo deste trecho discursivo. Apesar da forma FS (se for...), não se trata de uma localização futura do evento da hipótese, mas de uma eventualidade, de uma hipótese dentro de uma situação habitual e estabelecida, como se pode depreender de outros elementos do contexto: o pronome se impessoal, que estabelece a generalização característica de textos dissertativos e o emprego de verbos no PI — "empresta", "depende", "são especificadas", no caso Presentes genéricos. Com estas evidências, atribuímos valor de simultaneidade à ocorrência poderá haver: o falante teria usado o FP em consonância com as formas de Futuro jussivo precedentes.

Uma outra explicação para a escolha do FP apoia-se na pragmática: ao passo que as duas primeiras condições, prazo para pagamento e juros, constam necessariamente de um contrato de empréstimo, a terceira, pagamentos parciais do principal, é facultativa. Sob este ponto de vista, o morfema -rá tem por função enfatizar a noção de possibilidade.

(68) "Agora, se for em um estabelecimento de crédito, terá de obedecer às condições que este estabelecimento de crédito estabelecer" (Inq. 250).

Este exemplo está em seguimento do texto acima. O emprego do FP é determinado pela forma de FS, ambos sem valor de posterioridade. A nosso ver, na ocorrência sob exame, o auxiliar já exprime obrigatoriedade (terá de) que o morfema -rá reforça — como se o falante, ao relacionar a mesma prótase no FS (se for) com eventos decorrentes no PI e no FP, quisesse, através da oposição entre os tempos

verbais, contrastar as duas situações de empréstimo: na primeira, com o PI, há liberdade de contratar, enquanto que na segunda, com o FP, o prestamista tem que se sujeitar às condições impostas.

- (69) "Se eu fui a uma escola, eu devo entender que não sei nada, e portanto aquele professor sabe mais do que eu. Agora, ele poderá ser um mau professor se ele não sabe ensinar"(Inq. 5).
(= ele pode ser)

No último período a oração condicional proposta condiciona sintaticamente o emprego do FP. Mas outra explicação pode ser encontrada no contexto mais amplo do discurso: no primeiro período o informante afirma a superioridade intelectual do professor, que deve ser reconhecida pelo aluno; no segundo, iniciado por agora, sem função adverbial, mas operador discursivo que introduz uma ressalva, ele restringe sua afirmação — não basta saber mais, é preciso saber ensinar. O morfema -rá reforça a noção de possibilidade do auxiliar poder, em contraposição à de obrigatoriedade expressa pelo auxiliar dever, na locução modal do primeiro período.

2. Ausência de elementos gramaticais

Veremos aqui ocorrências em que o FP, desacompanhado de advérbios ou expressões modais ou de prótases condicionantes, concorre com o PI.

Nas locuções verbais, o morfema -rá, sem qualquer valor temporal, constitui um intensificador da noção modal contida no auxiliar. Nas formas simples, é no contexto discursivo que se determinará qual é a modalidade expressa com o uso do FP.

2.1. FP nas formas simples

Nas ocorrências abaixo, de formas de FP por si só, para testar a justaposição do valor modal ao valor temporal, substituímos por uma construção em que intervinham os auxiliares poder ou dever no PI seguidos do Infinitivo do verbo principal. Aliás, Said Ali (1923-24: 321) menciona que o FP é usado com uma função análoga ao Modo Potencial de certos idiomas: "supre em Português as combinações verbais poder e dever mais Infinitivo".

(70) "Bem, aí é uma pergunta difícil de responder em termos absolutos, quer dizer, haverá mais de uma situação" (Inq. 250).

(= pode haver)

A primeira oração iniciada por bem, que é um operador conversacional usado para se ganhar tempo para pensar, e com a palavra difícil já revela a insegurança e incerteza por parte do falante ao responder sobre a situação de uma fábrica que não tem mais condições de sobreviver: não há uma resposta única, absoluta, mas várias possibilidades.

(71) "Realmente a cultura da cana é uma cultura extensiva. Ela dará e dá os melhores resultados em grandes extensões" (Inq. 38).

(= ela pode/deve dar)

Neste exemplo, em que co-ocorrem formas de PI e FP do verbo dar referidos à mesma época temporal, opõem-se a noção de possibilidade/probabilidade do FP com a de certeza do PI, de modo que a sentença pode ser parafraseada por: "Ela pode/deve dar e realmente dá".

(72) "Se ele ocupa uma função de professor nós devemos entender que sabe mais do que nós e portanto... é... ou ele terá a vontade de est... de dar aula ou não" (Inq. 5).

(= ele deve ter/ele pode ter)

Considerando as noções semânticas expressas pelo verbo dever -- probabilidade e possibilidade e obrigatoriedade e pelo verbo poder -- possibilidade e probabilidade, capacidade e permissão, e como tais noções se interligam, sugerimos as duas paráfrases acima.

2.2. FP em locuções verbais

Nestes exemplos de Futuro do Presente em locuções verbais, observamos que o morfema -rá, sem qualquer valor futural, constitui-se num intensificador da noção modal já expressa pelo auxiliar.

- (73) "Não é um caso perdido ainda, porque elas poderão ser planas e salvar-se pela declividade"
(Inq. 38).
(= elas podem ser planas)

Nesta ocorrência está bem patente a ausência do valor de posterioridade, pois o pronome "elas" tem como referente "as terras"; é apresentado um estado de coisas atual, as terras já existem e são planas. Relacionando-se ao predicado da sentença anterior - "um caso perdido ainda" - o Futuro modal em poderão ser como que apresenta a última chance de se aproveitar um solo de má qualidade.

- (74) Doc: "E uma pessoa que não tem grau de escolaridade, que chances de trabalho ela pode encontrar?"

Inf: "Hoje em dia está meio difícil isso. Uma pessoa assim, sem escolaridade, ela vai cair numa faixa de mín... de salário mínimo. Ela precisará ter pelo menos um curso de especialização dentro da profissão dela e sem escolaridade ela não consegue"
(Inq. 251).

A resposta do informante veicula uma necessidade, di ríamos mesmo um requisito obrigatório, para uma pessoa conseguir um salário acima do mínimo.

Embora já classificado e comentado no sub-item 1.3., reproduzimos aqui outro exemplo do morfema - rá como intensificador do valor modal:

(68) "Agora, se for em estabelecimento de crédito, terá de obedecer as condições que este estabelecimento de crédito estabelecer" (Inq. 250).

3. Em expressões fixas

Trataremos aqui da expressão será que, que ocorreu em sentenças interrogativas por si só ou precedida de um pronome interrogativo. Do ponto de vista semântico, exprime basicamente uma conjectura: uma pergunta que o falante faz a si próprio ou deixa no ar, sem contar com uma resposta.

Said Ali e Câmara Jr. já assinalaram esta particularidade do emprego de Futuro do Presente em sentenças interrogativas. Said Ali (1921: 329) classifica-o como um caso de Futuro problemático, que exprime dúvidas sobre fatos da atualidade: com o emprego do FP "reconhece-se ser difícil satisfazer de pronto à pergunta", pois a resposta depende de averiguação vindoura; dirigida a nós mesmos, mostra que nos preocupa a solução do problema, e a outrem, revela nossa curiosidade e ao mesmo tempo que não se espera uma resposta. Daí o emprego do Futuro do Presente em sentenças interrogativas torná-lo "um modo de inquirir polido e em todo caso cauteloso".

Câmara Jr. (1956: 34) contrasta as frases "Quem é?" e "Quem será?", dirigidas a alguém na sala quando ouvimos baterem à porta: com a primeira supomos que a pessoa saiba e com a segunda partilhamos nossa perplexidade: "Ao contrário do uso do Indicativo Presente, fica frisada com o Futuro a impossibilidade de haver resposta".

será que seguido pelo resto da sentença na ordem declarativa". Tratando-se de um emprego estereotipado do FP, nada mais natural que sejam escolhidos verbos de maior combinatória sintática (e menor densidade semântica) como é o caso daqueles relacionados por Thomas.

COMENTÁRIOS SOBRE O FP COM VALOR DE SIMULTANEIDADE

Sob o item B, ao analisar o emprego de FP com valor de simultaneidade, procuramos identificar as diversas modalidades expressas pela forma em -rá.

Mas o que não ocorreu ainda, e é portanto irreal, apresenta-se à mente como algo incerto com diferentes graus de probabilidade ou possibilidade de se realizar; o falante o exprime como objeto de predições ou suposições, expectativas ou dúvidas, desejos ou receios, intenções, necessidades ou obrigações.

Afirmar categoricamente que determinada ocorrência exprime a modalidade x ou y é uma temeridade. Primeiramente, porque há uma superposição dos conceitos ligados ao Modo Irrealis; e depois, porque a interpretação é individual — além de elementos de contexto, depende de informação extralingüística: o conhecimento do mundo, a partir de experiências, observações e expectativas de cada um, interlocutor, autor ou leitor, é que determinará o universo de referência para a interpretação de um enunciado. Assim, o exemplo (58) de Said Ali pode ser entendido como uma suposição, uma dúvida, uma probabilidade, uma possibilidade, etc.

(58) O prisioneiro a estas horas estará morto.

Reafirmamos o que foi dito na página 52 sobre a dificuldade de se identificar em termos absolutos qual é a modalidade expressa por uma determinada ocorrência: além de fatores contextuais, fatores pragmáticos, de conhecimento do mundo, fazem com que a interpretação seja de cunho individual. Ou, citando Klum (1965: 80) sobre o acúmulo

lo de funções em uma forma verbal, "bem frequentemente a interpretação é em função de todo o contexto e é — no final das contas — daquele que ouve ou lê a frase".

Diremos que neste corpus a noção predominante foi a de incerteza, em todas as suas gradações e/ou nuances:

a) possibilidade

(71) "haverá mais de uma situação".

(73) "elas |as terras| poderão ser planas".

b) probabilidade

(61) "provavelmente uma outra pessoa terá uma idéia completamente diferente da minha".

c) improbabilidade

(60) "o banco dificilmente se enganará".

d) dúvida

(64) "não sei se |o Le Monde| será o mais próximo não".

e) suposição

(66) "me parece que haverá muito mais interesse..."

f) expectativa

(71) "ela dará e dá os melhores resultados em grandes extensões".

g) conjectura

(65) "imagino como será isto traduzido em castelhano".

Além da noção predominante de incerteza, registramos, decorrentes dos auxiliares modais, as noções de:

h) necessidade

(74) "ela precisará ter pelo menos o curso de especialização |para não cair numa faixa de salário mínimo|".

i) obrigatoriedade

(68) "se for em estabelecimento de crédito, terá de obedecer as condições que este estabelecimento de crédito estabelecer".

Poder-se-iam mencionar outros usos modais, como Futuro de atenuação, que Imbs exemplifica com o emprego por professores e conferencistas (vide ocorrência 66). Mas concordamos com as críticas de Klum (1965: 176) às denominações Futuro de polidez, de conjectura, etc: "todas estas etiquetas servem para designar o efeito global do Futuro em certas combinações"; () "descrições estilísticas vagas não são descrições gramaticais, e há que se diferenciar o que decorre do contexto do que é do Futuro".

Em algumas das ocorrências classificadas sob o item I.1.1., emprego do FP com valor de posterioridade, identificamos as mesmas modalidades acima justapostas ao valor temporal:

a) probabilidade e possibilidade nas locuções com o verbo poder

(17) "poderá até me chamar de subversiva".

b) necessidade com o verbo precisar

(19) "se todo ano ele vai renovar, digamos, 20 alqueires de sua lavoura, ele precisará ter o correspondente canteiro".

c) uma nuance de dúvida nos enunciados introduzidos por "Eu acho que" (vide ocorrências 29 e 34).

d) obrigatoriedade, nos exemplos que versam sobre prescrições legais (Futuro jussivo) e poder-se-ia apontar esta mesma noção modal nos exemplos sobre relações de parentesco.

(48) "cujo pagamento obedecerá às seguintes condições".

(36) "então a nova esposa será a madastra dos filhos do marido e no caso contrário será... o homem o padrasto dos filhos".

I.2. FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

Na literatura consultada há pouca referência ao FPC. Imbs (1960: 107) analisa-o no capítulo sobre os tempos do passado, ao lado de outras formas compostas do Francês, devido ao aspecto 'accompli' do particípio. Montes (1962), em seu estudo sobre o Espanhol da Colômbia, não o menciona nem apresenta exemplos.

Alba (1970: 99) registra 21 ocorrências em sua análise das formas verbais do Espanhol do México (0,5% do total registrado), todas com valor modal: "geralmente denotam uma suposição temporalmente pretérita, ou uma pergunta ou exclamação referidas também ao tempo passado" e chama a atenção para o fato de, em 100 horas de gravação, não ter aparecido "nem um só caso de antefuturo do Indicativo em seu uso temporal 'acadêmico', ou seja, de ação futura anterior a outra".

A forma verbal FPC não tem valor de futuro em si; é um tempo relativo — o valor de posterioridade que comumente lhe é atribuído nas gramáticas depende da co-ocorrência de uma expressão de tempo futuro:

(83) Quando você voltar, terei resolvido o problema.

(84) Amanhã ele terá resolvido o problema.

E mais: no caso de expressões temporais calêndricas ("às 9 horas", "no inverno", "na 4ª feira"), em que não há clara indicação de futuridade, ou seja, uma referência dêitica, a posição do complemento na sentença interfere na interpretação da localização temporal do evento.

Comparem-se:

(85) Ele terá chegado às 8.

(86) Às 8, ele terá chegado.

para as quais aventamos as seguintes paráfrases:

(85') Ele provavelmente chegou às 8.

(86') Ele estará no local às 8 ou antes.

Em (85), com o complemento proposto, a única interpretação possível é de uma seqüência E(8h) — S: entende-se como uma suposição sobre um fato passado.

Em (86), com o complemento anteposto, entende-se como uma ação futura anterior a outra, ou melhor, que uma ação estará acabada em um determinado momento do futuro. Ao ser topicalizado na posição privilegiada de início da oração, o complemento adverbial é ao mesmo tempo instituído como ponto de referência R para a localização dos eventos predicados, ou seja, R = 8h. Teríamos uma seqüência S — E — R (8h).

Estas observações merecem um desenvolvimento teórico mais aprofundado, mas dada a natureza descritiva de nosso trabalho, deixamos para uma futura investigação.

ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS

No corpus do Português sob exame, não encontramos um único caso de FPC. Ocorreu entretanto um Infinitivo Perfeito modalizado por poder no FP:

(87) "Aí então, vamos supor, se o último corte ocorreu de julho a novembro, então, após o corte, esse corte poderá ter ocorrido em setembro ou outubro, então () é quando ocorre a safra aqui no Estado de São Paulo" (Inq. 38).

Observa-se inicialmente a redundância de elementos que estabelecem um plano hipotético: "vamos supor" e "se" condicional. A locução verbal é modalizada pelo verbo poder, sobre o qual incide o morfema de Futuro, o que aponta para um imbricamento de 3 categorias: tempo, modo e aspecto.

[[pode]rá]	[ter [ocorrido]]
M T	A T

Decompondo e analisando: o grupo ter -do exprime tempo passado; o Particípio exprime o aspecto acabado; o auxiliar poder já contém a noção modal de possibilidade, que é reforçada pelo morfema -rá.

Mas, do ponto de vista temporal, o conjunto em si, independentemente do contexto, tem valor de anterioridade em relação ao momento da fala: exprime a possibilidade de uma ação ter se realizado no passado. Esta localização temporal deve-se ao aspecto acabado contido na forma nominal: de acordo com a teoria cronogenética de Guillaume (1929: 17), no particípio a tensão verbal já se esgotou e a imagem verbal é composta unicamente de distensão.

Na ausência de qualquer valor de posterioridade, consideramos esta ocorrência como um Futuro modal com a nuance semântica de possibilidade, já contida no auxiliar poder e reforçada pelo morfema -rá. Se não, comparem-se as substituições cabíveis e suas respectivas paráfrases:

- a) este corte terá ocorrido = provavelmente ocorreu;
- b) este corte pode ter ocorrido = possivelmente ocorreu;

c) este corte poderá ter ocorrido = tem a possibilidade de ter ocorrido.

Em (a), a omissão do auxiliar poder traz o fato para o campo da probabilidade; em (b), com o auxiliar no PI, já se define o valor semântico de possibilidade, que o morfema -rá tem a propriedade de reforçar e (c) apresenta o fato com menos chances de ter ocorrido, como uma possibilidade mais remota.

Embora um só caso registrado não permita afirmações conclusivas, a julgar pelas observações e exemplos dos gramáticos, pela orientação do GQ, e pelas conclusões de Alba, diríamos que o FPC, apesar do nome, refere-se primordialmente ao passado e exprime modalidade. É usado em sentenças geralmente interrogativas e exclamativas, que indicam suposição ou probabilidade em relação a fatos passados.

FORMAS ALTERNANTES COM O FPC

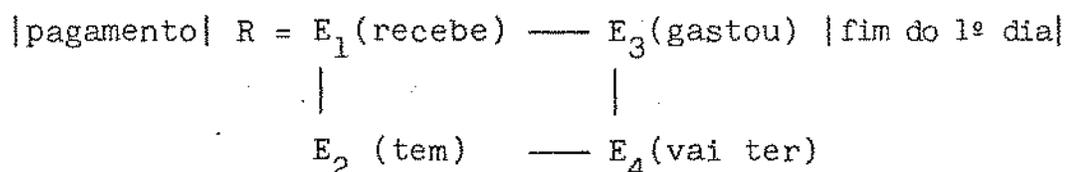
Examinaremos agora as formas alternantes com o FPC, listadas no GQ.

Não se registrou nenhuma ocorrência de perífrase com o auxiliar haver, quer na construção haver + haver + particípio quer em haver + ter + particípio (hão de haver/ter feito), nem alternância com o Futuro simples (Antes que se dê conta, eu o deixarei:: terei deixado).

Poder-se-ia entretanto considerar como alternância com o FPC a ocorrência de Pretérito Perfeito simples no exemplo abaixo:

- (88) "Vamos supor que um assalariado receba um mil e duzentos no início do mês e gaste de uma forma homogênea 40 cruzeiros por dia (). Então no primeiro dia ele recebe 1.200, no primeiro dia então ele gastou 40 cruzeiros, certo? () Então ao fim do primeiro dia ele vai ter 1.160 no bolso" (Inq. 38)
(gastou = terá gastado)

Na situação discursiva, uma aula de Economia, o informante propõe uma situação hipotética e estabelece o momento do pagamento, no primeiro dia do mês, como R; eventos e estados relativos a este R são expressos pelo PI. O fim do primeiro dia é um momento posterior a R, o que é confirmado pelo emprego da perífrase de futuro vai ter numa oração subsequente; também neste momento realiza-se o evento expresso por gastou: deste modo, a forma verbal de Pretérito Perfeito alterna com o FPC, indicando que uma ação futura estará realizada antes de outra também no futuro. Ou seja, gastou = terá gastado.



O emprego de uma forma verbal de passado para representar uma ação futura à primeira vista causa surpresa, mas pode ser explicada. Se já é difícil para a mente humana conceber objetivamente o futuro, com mais razão um futuro anterior; exige uma operação complexa estabelecer um ponto ou evento em uma época futura, portanto, que ainda não aconteceu; depois, em relação a este ponto, visualizar outro evento como já acabado, e além do mais buscar no repertório lingüístico uma forma verbal condizente.

O desuso do FPC certamente decorre das poucas oportunidades de se configurar tal relação nas situações cotidianas de fala. Prevalece então o aspecto acabado do processo, que se apresenta conceitualmente como algo realizado e portanto concreto. É plenamente justificável que a expressão de anterioridade no futuro se realize lingüisticamente com uma forma perfectiva, muitas vezes acompanhada do advérbio já.

(89) Quando você chegar, eu já acabei o trabalho.

Um outro caso de forma alternante com FPC previsto no GQ é a perífrase de ir + ter + participio, que, entre tanto, não ocorreu neste corpus.

1.3. CONCLUINDO

Registramos 81 ocorrências da forma em -rá. Privilegiando a categoria do tempo, classificamos segundo indicassem posterioridade ou simultaneidade em relação ao momento da fala, mas tendo em mente que a primeira corresponde o valor temporal próprio da forma (Futuro temporal) e a segunda, em que não se expressa algo vindouro, mas se destaca alguma atitude do falante quanto ao processo verbal, trata-se do emprego do FP com valor modal (Futuro modal).

Ressaltamos que em muitos casos, pela própria essência do futuro como categoria ontológica, o valor modal se sobrepõe ao temporal, e caberiam em um terceiro grupo que Câmara Jr. chama de temporal com coloração modal. Entretanto, seguimos a orientação de Alba, considerando este terceiro grupo como uma subdivisão do Futuro temporal.

Sob o item I.1.1., FP com valor de posterioridade, examinamos elementos gramaticais co-ocorrentes e, na ausência destes, elementos situacionais e pragmáticos que determinam o emprego do FP, bem como suas outras funções.

Sob o item I.1.2., FP com valor de simultaneidade, analisamos fatores contextuais e situacionais que demonstravam a ausência de qualquer valor de posterioridade, bem como procuramos identificar a modalidade expressa pelo emprego do FP.

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS

Futuro do Presente Simples — 80 ocorrências

Posterioridade: 61 ocorrências

1. Co-ocorrência de elementos gramaticais (39)
 - 1.1. Com advérbios ou expressões que indicavam posterioridade |8|
 - 1.2. Com outra forma verbal de futuro
 - 1.2.1. Com ir + Infinitivo |4|
 - 1.2.2. Com Futuro do Subjuntivo em orações não condicionais |7|
 - 1.3. Em períodos hipotéticos |20|
2. Ausência de elementos gramaticais (15)
3. FP em operadores conversacionais (5)
4. FP como Imperativo (Futuro jussivo) (2)

Simultaneidade: 19 ocorrências

1. Co-ocorrência de elementos gramaticais (9)
 - 1.1. Com advérbios de modo |3|
 - 1.2. Com expressões de dúvida, probabilidade e suposição |3|
 - 1.3. Em períodos hipotéticos |3|
2. Ausência de elementos gramaticais (5)
 - 2.1. FP na forma simples |3|
 - 2.2. FP em locuções verbais |2|
3. Em expressões fixas (será que) (5)

Futuro do Presente Composto

Anterioridade: 1 ocorrência

Alguns comentários:

1. Dentro do critério de considerar como FP com valor de posterioridade todos aqueles que expressassem algo vindouro, o Futuro temporal predominou sobre o Futuro modal na proporção de 3 para 1: neste corpus registraram-se 61 ocorrências de FP com valor de posterioridade (76%) para 19 com valor de simultaneidade (24%).

2. O FP foi mais freqüente em períodos hipotéticos (25 ocorrências, ou seja, 31%), com prótase explícita (sendo 12 com FS, 1 com IR, 2 com PI, 1 com Pretérito Perfeito, e 2 em orações reduzidas) ou reduzida a então (3 ocorrências), além de mais 3 em construções de cunho hipotético.

3. O Futuro do Subjuntivo parece ser o condicionamento sintático predominante para o emprego do FP: 17 casos (21%), sendo 12 em orações condicionais, 4 em orações temporais e 1 em orações correlatas.

4. As expressões adverbiais que acompanharam o FP de modo geral exprimiam um futuro próximo.

5. Co-ocorrendo com a perífrase de you + Infinitivo o FP pode adquirir o valor de ulterioridade, ou seja, um evento futuro posterior a outro também futuro.

6. O FP com função de Imperativo correspondeu a Futuros jussivos, com verbo na 3ª pessoa, indicando obrigatoriedade.

7. O FP esteve acompanhado de elementos gramaticais em 43 ocorrências (54%); na ausência destes, foram examinados elementos situacionais e pragmáticos específicos de cada discurso em que ocorreu o FP.

8. A noção modal predominante foi a de incerteza e possibilidade. A modalidade geralmente era explicitada por meios gramaticais: advérbios, auxiliares modais, ou

nas orações subordinantes, verbos que veiculavam as noções de dúvida, suposição e conjectura.

9. Nos grupos verbais, predominou o auxiliar poder (19 ocorrências, ou 24% do total registrado), nos quais o valor modal de FP está mais fortemente marcado, emergindo inclusive em contextos nitidamente temporais.

10. Nas locuções verbais de FP com valor de simultaneidade, o morfema -rá reforçava a noção modal já expressa pelo auxiliar; nas formas simples, o FP era parafraseável por pode ou deve + Infinitivo, e qual era o valor modal dependia do contexto e da interpretação que a ele se pudesse dar.

11. A expressão fixa será que, que exprime conjectura, correspondeu a 6% do total das ocorrências e os operadores conversacionais com o verbo ver, em EF, a outros 6%.

12. Houve 4 ocorrências com o morfema de FP no auxiliar (irei + Infinitivo).

FIGURAÇÃO DO MORFEMA -RÁ EM RELAÇÃO À FORMA VERBAL

Do ponto de vista formal, a distribuição das 80 ocorrências de FP foi a seguinte:

Na forma simples: 43 ocorrências (54%)

ser (11)	5 <u>será que</u>	trazer (1)
ver (6)		compor (1)
haver (4)		enganar (1)
estar (3)		encher (1)
fazer (3)		ficar (1)
dizer (3)		ler (1)
ter (2)		levar (1)
dar (2)		permitir (1)

Em grupos verbais: 37 ocorrências (46%)

1. Futuro + Infinitivo

Poder + Infinitivo	(15)
irá + Infinitivo	(3)
precisará ter	(2)
conseguiremos fazer	(1)
terá de obedecer	(1)
virá a fazer	(1)

2. Futuro + Gerúndio

estará + gerúndio	(2)
acabará sendo	(1)
irá aprendendo	(1)
virá se reduzindo	(1)

3. Futuro + Particípio

será + particípio	(5)
-------------------	-----

4. Futuro + Infinitivo + Particípio

poderá + ser + particípio	(3)
poderá + ter + particípio	(1)

A incidência do morfema -rá na forma verbal simples supera um pouco (7,5%) a incidência em grupos verbais.

Observa-se que no total das ocorrências predominam os verbos irregulares e dentre estes a grande maioria é monossilábica, fato já apontado por Earl Thomas (1969: 123): "The simple future is comparatively little used in Brazilian Portuguese, except in those verbs whose future stems are monossyllabic. These are ser, es(tar), ter, dar, ver, vir, pôr, ir plus a few others somewhat used, and those whose infinitive is shortened before the future endings: trazer, dizer e fazer". Na verdade, só há 9 ocorrências de verbos regulares no Futuro do Presente.

O MORFEMA -RÁ- NO AUXILIAR IR

Comentaremos aqui quatro ocorrências em que o morfema de FP recaía sobre o auxiliar ir.

Audubert (1972: 87), a partir do estudo de um corpus de textos jornalísticos, considera esta forma uma das mais correntes para a expressão do futuro-pois tem o mesmo emprego, distribuição e valores que o FP e IR, e "pode recobrir sozinha todo o campo do futuro" — a escolha de uma outra forma deve-se a razões estilísticas, quer ênfase, quer necessidade de variação. Para Audubert, a preferência pela construção irei + Infinitivo se justificaria por esta reunir características das outras duas: ser analítica e levar a marca de Futuro sobre o auxiliar. Outra vantagem é se poder utilizar, além de Infinitivo, o Gerúndio ("irá surgindo"), um substantivo ("irá a julgamento") ou um advérbio ("irá abaixo") depois do morfema gramatical.

Thomas (1969:125) também menciona a forma irei + Infinitivo; comenta que tem um uso não muito frequente, mas suficiente para ser considerada uma forma estabelecida, e que é usada na escrita menos formal (jornais) mas raramente na literatura artística. Diz que não é uma redundância de vou + Infinitivo, mas tem outras conotações: alguma ação futura duvidosa, possibilidade aplicada ao tempo futuro e atribuição a partes não nomeadas. Cita especificamente seu uso pela imprensa, para se livrar de responsabilidade. Em uma frase como (90) o assunto vira um rumor ou expectativa, em vez de afirmação fatural.

(90) O senador irá votar contra.

Neste corpus registraram-se 4 ocorrências de irei + Infinitivo. Por se tratar de língua falada, não se encontraram as noções listadas por Thomas.

(15) "Então esse empreiteiro vai contratar os pedreiros e serventes de pedreiro e eles é que então irão realmente construir a casa" (Inq. 5).

- (16) "as fundações por si já vão prever () a divisão das dependências que comporão a casa"
(Inq. 5).

Por outro lado, a comparação dos dados (15) e (16) no DID 5, em que o FP simples e irei + Infinitivo co-ocorrem com IR, ambos exprimindo um E ulterior, apoiaria a afirmação de Audubert de que as três formas se equivalem, mas os dados (40) e (41), e também (26), onde se registrou irá + Gerúndio, contrariam-na:

- (40) "Acho que a televisão brasileira (...) irá encontrar o seu caminho é através da tão malfadada da novela" (Inq. 333).

- (41) "Para muitas faixas a televisão irá substituir o cinema" (Inq. 333).

(41') a televisão vai substituir o cinema.

(41'') a televisão substituirá o cinema.

Comparem-se com (41') — apesar de **todas** serem perífrases, irá + Infinitivo não é intercambiável com IR; o morfema de FP faz sentir uma ruptura psicológica com o presente do falante e ao mesmo tempo, talvez por ter como tópico a televisão, sugere uma localização futural mais remota. E comparando-se com (41'') — com o emprego do FP simples, o evento parece menos distante e adquire uma certa coloração modal de incerteza, ausentes em irá + Infinitivo.

Diríamos que nos poucos dados (5% do total de FP) registrados neste corpus de língua falada, a forma verbal irei + Infinitivo é empregada com um cunho categórico: veicula um grau de certeza sobre a realização do evento predicado e situa seu início em um momento distante no porvir.

Vejam-se também as ocorrências (26) e (21), esta com o auxiliar vir, nas quais o morfema de Gerúndio no verbo principal acrescenta o aspecto progressivo ao processo futuro.

CAPÍTULO II

P R E S E N T E D O I N D I C A T I V O

CAPÍTULO II

PRESENTE DO INDICATIVOII.1. USOS DO PRESENTE

O Presente do Indicativo é a forma mais neutra do sistema verbal: pode expressar fatos simultâneos ao momento da fala, fatos intemporais, e ainda a anterioridade e a posterioridade. Para entender tantas possibilidades em uma só forma morfológica, recorreremos à teoria cronogenética de Guillaume e à interpretação que lhe dá Paul Imbs.

Guillaume (1930: 51) explica que o presente psicogramatical é formado de uma parcela de passado e de uma parcela de futuro, que designa como cronotipos ω e α :



Da justaposição destes dois cronotipos obtém-se o presente como época lingüística, qualquer que seja a época verdadeira, visto que, sendo uma operação de pensamento puramente formal, esta justaposição pode ocorrer dentro de certas condições gramaticais e estilísticas. Cita como exemplo o Presente histórico ou de narração: o emprego do Presente para evocar um fato que se sabe passado torna mais viva, mais direta, a impressão dos acontecimentos ou situações, colocando-os em um plano mais próximo.

Esta composição dual do Presente serviu como ponto de partida para Imbs (1960: 39) explicar os múltiplos valores desta forma verbal: "Toda a economia dos empregos do Indicativo Presente repousa sobre as variações deste compósito no plano do aspecto e no plano do tempo propriamente dito".

Entendemos Aspecto (A) como a qualidade intrínseca do processo verbal, que requer algum tempo (tempo físico, bem entendido) para seu desenvolvimento. Imbs (1960: 22) mostra que o Presente pode expressar todos os valores compatíveis com o aspecto "inaccompli", em que o processo verbal é surpreendido em sua realização, e agrupa-os em A momentâneos e A não momentâneos. O A momentâneo refere-se a processos únicos, não repetidos, em que não se considera a duração (A perfectivo). Pode ser identificado pelo sentido do verbo ou então pelo contexto, e tem como variantes os aspectos incoativo e terminativo, expressos por perífrases ("pôr-se a"; "acabar de"; "deixar de"). O A não-momentâneo, em contrapartida, refere-se a uma ação que se repete, ou a uma ação que dura ou um estado, e compreende o A iterativo e o A durativo: a iteração ou repetição pode vir explicitada por um índice de frequência ("raramente"; "duas vezes por semana") ou pode constituir um hábito ("nas 4^{as} feiras"; "sempre"; "ele fuma") enquanto que a duração pode ser indeterminada ou ter adjuntos adverbiais indicando seus limites inicial e final ("desde", "há", "até", "enquanto"). O A durativo tem como variantes o A cursorio, expresso por perífrases verbais (está -ndo) e o progressivo, este expresso pelo radical do verbo ("aumenta") ou por perífrases ("vai -ndo").

Aspecto inaccompli (inacabado)	momentâneo (perfectivo)	incoativo	
		terminativo	
	não-momentâneo (imperfectivo)	iterativo	
		habitual	
	durativo	cursorio	
			progressivo

QUADRO I - Valores aspectuais do Presente

O presente momentâneo e o presente não momentâneo correspondem respectivamente a uma faixa mais estreita e a uma faixa mais larga do composto passado-futuro postulado por Guillaume.

Da mesma maneira, no plano do tempo lingüístico, entendido como o quadro temporal em que o locutor localiza o processo verbal, se a faixa é mais estreita obtém-se o presente atual do locutor, e se é mais larga, o presente intemporal, que Imbs denomina de onitemporal ou pancrônico, pois o processo verbal pertence a um tempo não dividido em épocas, ou seja, a um tempo indiviso, que compreende o passado, o presente e o futuro.

Para Imbs (1960: 26), definir o valor temporal do Presente "consiste em determinar se o processo verbal visualizado é válido só para o momento atual em que se situa o locutor, ou, ao contrário, vale também ou principalmente, para os outros momentos que não o atual; ou ainda, se o evento se situa em uma das divisões do tempo (presente atual, ou eventualmente passado ou futuro), ou, ao contrário, pertence ao tempo indiviso". A escolha entre tempo dividido e tempo indiviso é fundamental e reflete uma opção do falante. Para transmitir suas intenções, pode apenas sugerí-las, contando com as indicações implícitas da situação ou deixando agir o contexto, ou pode explicitá-las através de meios lexicais.

Se o processo é localizado no tempo indiviso, obtém-se o Presente com valor intemporal, para o qual Imbs aponta os seguintes empregos:

- a) Presente de hábitos e de estados permanentes
- b) Presente das verdades da experiência
ou Presente gnômico (provérbios)
- c) Presente das definições
- d) Presente das verdades eternas

No primeiro caso, devido à idéia de repetição e continuidade que encerra, indica-se que a ação pode valer para o presente, mas vale também para o passado e para o futuro. Nos outros casos a noção de intemporalidade relaciona-se com o caráter genérico das afirmações, que, baseadas na observação ou na experiência coletiva, são válidas para qualquer época.

(90) Ele bebe; ela fala francês; eles têm coragem.

No tempo diviso, o processo expresso pelo Presente geralmente se localiza na época que corresponde ao momento da fala (Presente atual), mas também pode se localizar no passado e no futuro. O Presente atual é o valor mais comum desta forma verbal e, embora possa vir explicitado por demonstrativos ou por adjuntos adverbiais, prescinde de indicações, pois, salvo sugestão em contrário, "o Presente se refere naturalmente a um acontecimento ou a um estado de coisas atual" (p. 30). É empregado normalmente em diálogos e também para descrever o que se tem diante dos olhos, quer concreta, quer mentalmente, como o revelam seus empregos na literatura: monólogos e discursos interiores, presente de descrições, análise de obras, indicações cênicas, etc.

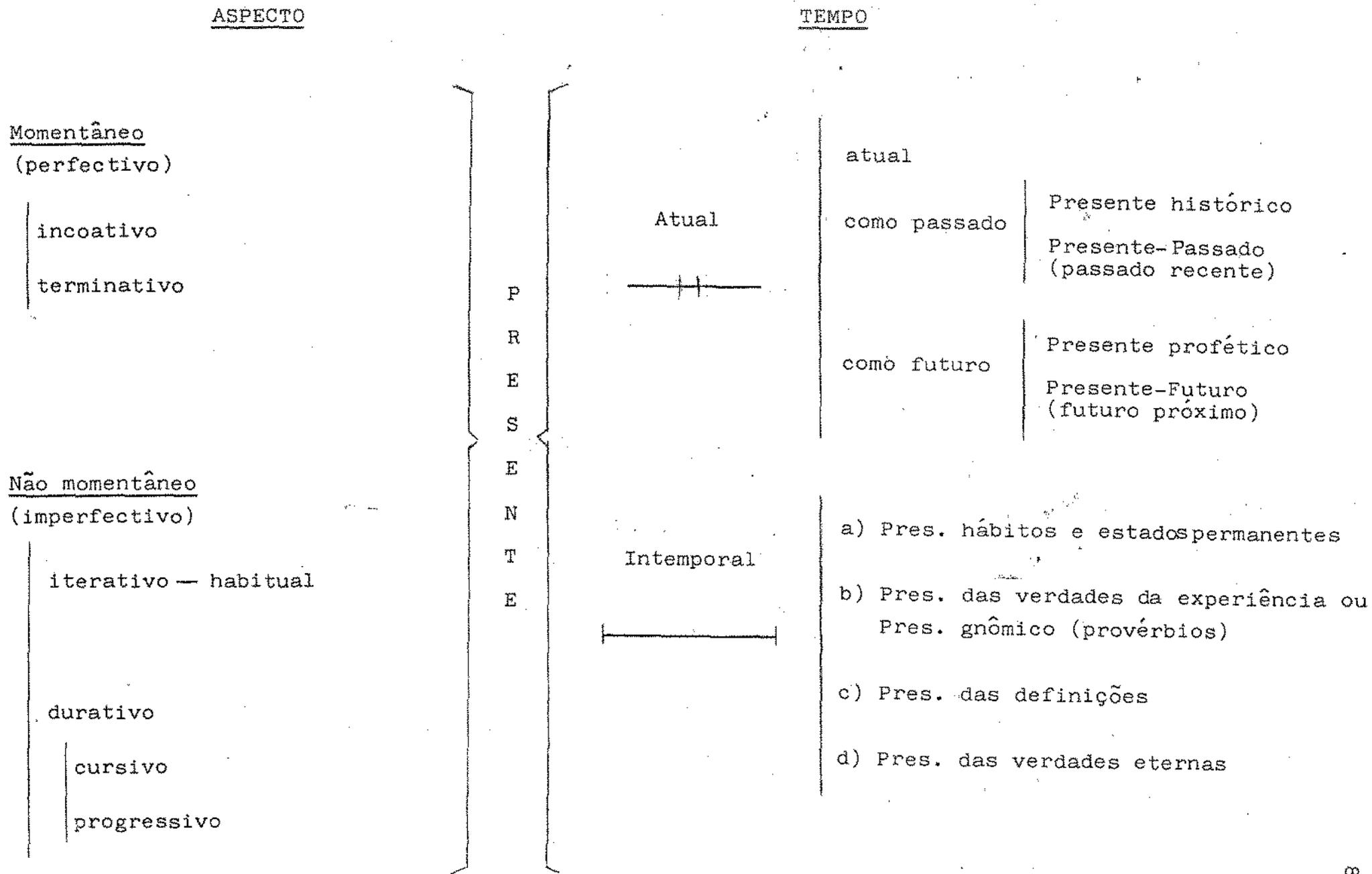
Do fato de o Presente atual ser formado de um pouco de passado (ω) e de um pouco de futuro (α), e, por outro lado, estar em contato imediato com todo o passado e todo o futuro, imbuído depreende os empregos figurados desta forma verbal, que decorrem da predominância do componente ω ou α :

a) por um esforço de imaginação, o falante pode evocar um futuro ou um passado mais remotos e representá-los como se fossem presentes. É o caso do Presente profético e do Presente histórico ou de narração.

b) por incluir um pouco de passado e um pouco de futuro, o Presente pode, em consequência, evocar o passado recente ou o futuro próximo, vistos res-

pectivamente em procedência ou em continuidade lógica ou psicológica com o presente, e pertencendo ao mesmo espaço de tempo que ele. É o Presente inclusivo, que apresenta duas modalidades: o Presente-passado psicológico e o Presente-futuro psicológico.

Comparando agora este ponto de vista de Imbs sobre o tempo (com aplicação ao tempo Presente) com o de Fleischmann, parece que o primeiro é mais amplo que o segundo. Quero dizer que a hipótese de Fleischmann prevê ser sempre possível reconhecer nos enunciados de futuro os componentes E, R, S e as relações que o falante estabelece entre eles (isto é, o tempo dividido de Imbs), e omite os casos em que as especificações produzidas por estes componentes aparecem borradas no enunciado (tempo indiviso de Imbs).



QUADRO II - Valores aspectuais e temporais do Presente de Indicativo

II.2. O PRESENTE PELO FUTURO

O ponto que nos interessa neste capítulo é o Presente-Futuro, que Imbs descreve como um presente prolongado até o porvir próximo e no qual a ação futura é apresentada como decidida, com um grau de certeza. Câmara Jr. (1956: 22) partilha este ponto de vista ao dizer que "o tempo presente é essencialmente cursivo. () Ao contrário de poder obliterar-se nas outras duas divisões temporais, abarca espontaneamente o futuro certo, como tempo genérico, constante e permanente".

Os exemplos com que Imbs ilustra o emprego do Presente-Futuro são acompanhados de expressões temporais ou então são perguntas sobre o futuro imediato, ameaças sob forma de alternativa ou a locução verbal "y aller", na língua falada.

(91) O que faço?; Cale-se ou lhe bato!; J'y vais.

Examinaremos agora os dados deste corpus do Português.

Tendo em vista as múltiplas e variadas possibilidades de emprego do PI, deriváveis de seus valores aspectuais e temporais que procuramos sintetizar no quadro II, muitas vezes deparamo-nos com o problema de decidir se uma determinada ocorrência tem valor de futuro. Os casos mais inequívocos são aqueles em que há na sentença um adjunto adverbial de tempo futuro, com clara referência a posterioridade em relação ao momento da fala. Mas há enunciados em que, embora sem marcas tão evidentes, cabe a interpretação de uma localização futural do evento; neste caso, recorreremos a outras indicações, tais como a dependência de formas verbais que encerram a idéia de futuro no contexto mais amplo do discurso, o verbo enquanto item lexical, e fatores extralinguísticos.

Cabe aqui uma observação: embora os DID sejam definidos como diálogos entre informante e documentador e os D2 como diálogos entre dois informantes, muitas vezes são na verdade elocuições formais a dois. O caso mais flagrante

te é o DID 210, em que o informante discorreu sobre o calendário, texto que aparentemente tinha preparado para a entrevista, embora o documentador lhe perguntasse sobre profissões e ofícios. Realmente não há um diálogo, no qual o texto vai se construindo paulatinamente, com a contribuição dos dois interlocutores. Uma situação muito frequente nos inquéritos examinados é que, a uma pergunta do documentador, o informante discorra sobre algum dos temas previstos no GQ: agricultura, profissões, alimentação, etc. Justifica-se portanto a grande quantidade e série de formas de Presente, muitas com valor intemporal, o que corresponderia ao presente largo de Imbs, abrangendo o tempo indiviso, ou à expressão de simultaneidade com extensão maior que, segundo o GQ "pode compreender desde processos eternos e universais e estados, até aqueles que tocam mais de perto o momento da fala".

Para esclarecer se determinada ocorrência exprime futuramente (seqüência S — E) ou se se trata de posterioridade em sentido amplo (seqüência R — E), procuramos reproduzir o contexto em que se inseria ou explicá-lo de modo que ficasse clara a relação com o momento da enunciação.

II.3. ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS DE PI POSTERIOR

Foram examinadas 93 ocorrências da forma de PI com valor de posterioridade; em 42 delas foi identificado o valor de posterioridade em sentido estrito, ou seja, de futuramente.

Reportando-nos a Imbs (1960: 30), "o Presente, salvo sugestão em contrário, naturalmente se refere a um acontecimento ou estado de coisas atual, o que é mais acentuado na situação de diálogo em que a presença dos interlocutores orienta expressamente para uma interpretação atual dos tempos". Sob este ponto de vista, e considerando-se a situação discursiva em que foi obtida a maioria dos dados deste corpus, DID e D2, não surpreende que a atribuição

de valor de futuro a uma forma de PI (e a possibilidade de comutá-la com o FP) dependa da co-ocorrência de fatores contextuais que passamos a especificar.

1. Co-ocorrência de advérbios ou expressões de tempo que exprimem posterioridade

1.1. Indicando futuridade próxima:

De modo geral, as expressões co-ocorrentes indicavam um intervalo de tempo relativamente curto para a realização do evento:

(92) "Vamos ficar andando até amanhã, amanhã tomamos um avião, vamos prá Recife" (Inq. 208).

(93) "O senhor me chame, o senhor me avise quando a pessoa chegar, em 10 minutos eu me retiro do quarto" (Inq. 208)

Nesta ocorrência, além do adjunto adverbial "em 10 minutos", há outros elementos gramaticais que levariam à interpretação futural: formas de Imperativo e de FS nas orações precedentes e o aspecto perfectivo do radical verbal.

(94) Loc.1: "E agora na Semana Santa, você vai pra algum lugar?"

Loc.2: "() Até nós estávamos com vontade de acampar lá, mas já desistimos nós vamos pra Socorro, eu acho"

() "Lá tem um camping do CCB e nós va-
mos lá"

() "Nós vamos de carro sim e..."

() "Não, é do R, que vai dirigindo então" (Inq. 167).

Embora o advérbio agora se refira basicamente ao presente do locutor (eu-aqui-agora), nestes contextos enfatiza a proximidade da época futura especificada; observe-se que é no discurso do locutor₁ que se estabelece o quadro temporal onde se localiza uma série de PI que o locutor₂ emprega em seus turnos.

- (95) "Olha, daqui mais uns 3 ou 4 meses, a Sr^a, se quiser, pode tentar nova gravidez, num há problema" (Inq. 208).

Toda modalização já encerra a idéia de futuridade, por causa do Infinitivo, e Imbs (1960: 35) explicita que "os semi-auxiliares dever, poder, etc, indicam por si mesmos uma ação futura visualizada no prolongamento do presente". Embora perífrases modais fujam do escopo deste trabalho, listamos o exemplo acima em virtude da expressão de tempo futuro "daqui a uns 3 ou 4 meses": entendemos que é dada uma permissão no presente para efetuar a ação do verbo principal na época futura especificada.

- (96) "Vocês têm 8, 9 anos, em breve você está indo pra drive-in fácil, não tem problema, mas agora não, filha" (Inq. 6).

Incluimos esta ocorrência sob o item proximidade devido ao valor semântico do advérbio, apesar de, por conhecimento extralinguístico, estimarem-se alguns anos para a realização da ação verbal. Entretanto, pelo emprego do PI, o evento apresenta-se como próximo e certo para o falante. Compare-se com o exemplo (96') e com a ocorrência (6), do mesmo informante: o uso do FP neutraliza a noção de proximidade contida no advérbio, ao mesmo tempo que, ao apresentar o evento como mais remoto, também lhe dá um caráter de mera eventualidade.

- (96') em breve você estará indo pra drive-in fácil.

- (6) "em breve estaremos todos nus" (Inq. 208).

Na verdade, nas duas ocorrências o advérbio é empregado metaforicamente e traduz uma atitude condescendente ou jocosa do falante.

(97) "depois eu conto pra senhora a piada, eu conto pra vocês segura o nono!" (Inq. 6).

(98) "O fato é o seguinte: vou conhecer primeiro o Brasil, depois eu saio" (Inq. 133).

Cabe uma observação sobre o advérbio depois: em várias ocorrências com este advérbio que indica posterioridade tratava-se de posterioridade dentro de uma seqüência de ações conhecidas e gerais, válidas em qualquer tempo (seqüência R — E) e não exclusivamente no futuro, como em:

(99) "o café vai para o pano e depois vai para o sacco () depois é que ele é futuramente beneficiado" (Inq. 18).

(100) "primeiro faz os temporários... depois, se quiser, faz os perpétuos" (Inq. 21).

(101) "então depois numa outra panela você cozinha o feijão" (Inq. 235).

Do hábito de ocorrerem as coisas em uma seqüência conhecida, aplicável a vários indivíduos, advém o grau de intemporalidade e generalidade. Portanto, os exemplos acima e muitos outros em que há uma relação de posterioridade no sentido amplo não foram computados como Presente com valor de futuro. Só nas ocorrências (97) e (98), em que há uma referência específica à interlocução, configura-se uma relação de futuridade.

1.2. Indicando futuridade remota

Em alguns casos o PI co-ocorreu com expressões que significavam uma época posterior não especificada; entretanto, pela natureza descritiva dos textos, hesitamos em reconhecer neles o valor de futuridade.

(102) "os produtos sintéticos vêm substituindo muito bem o produto natural e mais cedo ou mais tarde o produto natural desaparece" (Inq. 6).

(102') e mais cedo ou mais tarde o produto natural desaparecerá.

A expressão de tempo refere-se a um futuro indeterminado, mas a forma de PI, com a noção de certeza que lhe é inerente, apresenta o evento como próximo e inevitável. Compare-se com (102'), em que é empregado o FP no mesmo contexto: o evento parece distante no tempo e na esfera psicológica do locutor e também adquire um cunho de eventualidade.

(103) "a fábrica, pelo fato de alegar o motivo de força maior, não deixa de responder eventualmente por algumas obrigações em relação aos seus trabalhadores" (Inq. 250).

(104) "mas é sempre bom manter-se a banheira porque pode amanhã ou depois pretender, digamos, tomar... um banho mais à vontade por uma razão qualquer" (Inq. 5).

Diversamente da ocorrência (95), em que o auxiliar modal poder indicava uma permissão dada no presente para realizar uma ação no futuro, em (104) significa a possibilidade de uma ação se instaurar em algum momento futuro.

2. Co-ocorrência de formas verbais de futuro

Como tal foram considerados o Futuro do Presente do Indicativo (FP), as perífrases compostas de vou + Infinitivo (IR), o Imperativo, e o Futuro do Subjuntivo (FS).

2.1. Com Futuro do Presente do Indicativo

- (6) "e em breve estaremos todos nus, o que não é mau, cada um revela o que tem... não é?" (Inq. 6).

Nesta ocorrência, em que as duas formas verbais são modificadas pelo advérbio em breve, observa-se que com o uso do FP, que indica uma ruptura psicológica com o presente do locutor, o evento se apresenta como mais remoto e portanto menos real, enquanto que o PI transmite um grau de certeza, que aliás está contido nesta oração visto que é uma consequência da primeira.

2.2. Com perífrases de vou + Infinitivo

- (105) "É vai ter uma diferença mais ou menos... bom, não sei se chega a um mês" (Inq. 21).
- (106) "Então ele já... 'Eu vou ser isto' desde o 1º colegial. Então a gente tem os alunos do colegial já mais ou menos pré-determinado o que eles são" (Inq. 41).

O adjetivo pré determinado, que pressupõe um fato posterior, também aponta para a idéia de futuro da ocorrência são.

- (107) "Muito bem, vou pagar à vista, qual a diferença que o senhor me faz?" (Inq. 250).

Nesta ocorrência, IR tem o valor modal de intenção (= pretendo pagar), mas, considerando-se a situação discursiva, ambas as formas verbais representam um futuro imediato.

- (108) "Saber que eu vou tomar um trem, chegar daí a 7 horas, então eu tenho 7 horas realmente de repouso. Então relaxa, entende? e lê" (Inq. 244).

As perífrases vou tomar e (vou) chegar exprimem futuro próximo, e o fato expresso por tenho situa-se na mesma época, logo, "tenho = terei". Mas na oração seguinte, embora as ações relaxa e lê situem-se no mesmo espaço temporal de "eu tenho 7 horas de repouso", foram consideradas como Presentes não atualizados, baseados na mudança de pessoa gramatical. Através do emprego da 3ª pessoa, o falante generaliza o fato, ao mesmo tempo que nele se inclui — seria como "a gente relaxa e lê" — e estende-o para qualquer ocasião em que se configure a situação exposta no primeiro enunciado, ou seja, o conhecimento de 7 horas de viagem predispõe a pessoa a relaxar e ler. Teríamos então um Presente de predisposição, de valor intemporal, nas ocorrências relaxa e lê: e a forma entende, intercalada, é um Presente atual, com função fática.

Registramos vários dados de PI do verbo ir em co-ocorrência com perífrases de futuro:

- (109) "E tenho colegas minhas que vão casar e que vão para Porto Alegre" (Inq. 41).

(110) Loc.2: "X vai ter um neném."

Loc.1: "E prá que maternidade ela vai?"

Loc.2: "A Regina é que vai prá... Maternidade ... acho que é São Paulo sim." (Inq.21).

O verbo de movimento e a especificidade da ação explicitada pelo adjunto adverbial de lugar por si só já atribuíam valor de futuro à forma de PI.

- (111) "então vamos ver o que vai no seu carro e o que vai no outro. Então num carro dava pra 5 pessoas, tá bom, então vai mantimentos pra 5 pessoas" (Inq. 167).

Neste exemplo, na verdade, a perífrase é comutável com o Presente do Subjuntivo ("vamos ver = vejamos) e corresponde a uma exortação para se efetuar uma ação, de onde o valor futuro das formas de PI subseqüentes.

Examinaremos a seguir algumas ocorrências em que a presença de IR não transmite a idéia de futuro à forma de PI.

- (112) "A Caixa Econômica, você vai tomar dinheiro emprestado, normalmente eles exigem ()" (Inq. 250)

Não estamos diante de uma verdadeira perífrase, comutável com o PI (vai tomar = tomará), pois o verbo ir mantém seu sentido original de movimento. Na falta de uma conjunção explícita, podemos interpretar a primeira oração como condicional (se você vai) ou temporal (quando você vai); de qualquer modo, persiste a idéia de habitualidade explicitada na segunda oração com o advérbio normalmente. Isto leva a interpretar exigem como um Presente de hábitos.

- (113) "O filme não é feito num dia só; então os atores têm que descansar; então os atores vão dormir e voltam no dia seguinte" (Inq. 213).

Como no exemplo anterior, não se configura uma perífrase verbal de futuro. Subentende-se uma expressão de lugar: vão (para casa) dormir, de onde se conclui que vão qualifica-se como um verbo pleno de movimento. Por outro lado, a ocorrência de PI está acompanhada da expressão de tempo no dia seguinte, mas trata-se de posterioridade em relação a um momento R qualquer, pois se a relação fosse de futuridade a expressão seria "amanhã". Devido à natureza narrativo-descritiva do texto, interpretamos voltam como um Presente de descrição.

- (114) "Conforme a altura, vai-se fazer o subsolo (); então faz-se a garagem, depois faz-se, digamos, levanta-se o esqueleto do prédio; e logo depois cada andar vai ser dividido então num determinado número de apartamentos" (Inq. 5)..

Esta ocorrência é representativa de numerosas situações em que IR não garante valor futuro à forma contígua. Aplica-se aqui o que foi dito a respeito do advérbio depois: indica posterioridade de um evento em relação a outro (ou seja, seqüência R — E) dentro de uma seqüência de ações repetidas e conhecidas, caracteristicamente expressas pelo PI, em geral Presente de hábitos ou genérico, de valor intemporal.

Comrie (1976: 76) faz uma distinção entre habitualidade e iteratividade, que considera como "ocorrência sucessiva de várias instâncias da mesma situação" e exemplifica com (115):

(115) O conferencista levantou-se, tossiu 5 vezes e disse.

Para ele, o Presente de hábitos descreve uma situação que é característica de um extenso período de tempo, quer por que se repita com regularidade um número suficiente de vezes (ação iterativa) quer porque pode ser prolongada indefinitamente no tempo, iterativamente ou não; faz a ressalva de que "o que constitui um traço característico de um extenso período de tempo em vez de uma situação incidental — ou seja, a freqüência e o grau de regularidade da repetição — é cultural e não lingüístico".

2.3. Com Imperativo

A atribuição de valor de posterioridade ao Imperativo se justifica porque uma ordem é dada no presente do falante para ser executada em um futuro mais ou menos próximo.

(116) "Ah, isso foi algum ponto que arreventou, você leva pro hospital, eu faço uma segunda sutura" (Inq. 208).

Apesar do morfema verbal, consideramos como co-ocorrência de Imperativo em virtude da força ilocucional do enunciado: o pronome de 3ª pessoa e a situação discursiva — um médico dirigindo-se ao marido da cliente — dão à primeira forma de PI o valor de Imperativo (você leva = leve). É reconhecido nas gramáticas o emprego do PI para expressar de maneira delicada uma ordem, um conselho, um pedido, e nossos dados o confirmam:

(117) "Olha, mãe, a tal hora, se eu não estiver acordada, a senhora vai pro meu quarto e me chama".
(Inq. 21).

(118) "O dia que você puder ir a Bahia, vai lá que você vai ver o mercado" (Inq. 208).

Aceitos o emprego do PI pelo Imperativo e o valor futuro deste, tem-se por conseguinte, na ocorrência (116), que o fato contido na segunda oração situa-se necessariamente em um tempo posterior ao momento da fala, de modo que faço = farei.

2.4. Com Futuro do Subjuntivo

O FS em co-ocorrência com o PI se registrou em orações adverbiais temporais, em condicionais introduzidas pela conjunção se, e em orações adjetivas relativas.

2.4.1. Com FS em orações adverbiais temporais

De fato, só ocorreram 3 orações deste tipo, todas no DID 235, num contexto em que a informante explica receitas culinárias, e onde também se registraram orações condicionais com o FS como (119):

- (119) "Vamos fazer uma linda feijoada. Você quer uma receita? O que você vai querer? () Se você preferir fazer uma feijoada em casa, você não vai comprar aqueles prontinhos de supermercado; então covê compra lingüiça calabresa, você compra lombo de porco sãlgado, costela, se você gostar de ossos, né?" (Inq. 235).
- (120) "esses pertences, quando eles estiverem mais ou menos cozidos, você retira da água, deixa escorrer, põe de parte" (Inq. 235).
- (121) "depois que ele estiver cozido, então aí você mistura tudo e deixa tomar o ... deixa que o feijão tome o gosto da carne" (Inq. 235).
- (122) "Quando estiver bem arrumadinho com molho de tomate por cima assim, intercalado também, você põe no forno e espera a vontade de comer " (Inq. 235).

A informante instaura um plano imaginário, e dentro da hipótese passa a descrever um procedimento concreto que lhe é conhecido. As orações temporais assinalam novas etapas do processo e, neste contexto em que se descrevem ações habituais, o FS não contém a noção de futuridade (seqüência S — E) mas sim de posterioridade em sentido amplo (seqüência R — E), o que se coaduna com as observações de Fleischmanne Perini a respeito do FS (Capítulo I, p. 35) e com nossos comentários sobre FS (p. 100 e seguintes).

Observe-se que o FS na oração subordinada pode ser comutado com o PI sem alteração no sentido do enunciado:

- (120') esses pertences, quando eles estão mais ou menos cozidos, você retira da água, deixa escorrer, põe de parte

ao passo que, nas orações coordenadas, o emprego do FP em

consonância com a outra forma de futuro atribuiria um tom profético ou autoritário que não condiz com a natureza do texto, visto que se trata da transmissão de experiência a respeito de fatos do cotidiano:

(120'') quando eles estiverem mais ou menos cozidos, você retirá da água, deixará escorrer, porá de parte.

Portanto, nos dados acima, reconhecendo-se a ausência do valor de futuridade nas formas de FS co-ocorrentes, temos várias possibilidades de interpretação das ocorrências de PI:

- a) como Presente de descrição, de valor atual, como o apresenta Imbs (1960: 20), ligado ao aspecto perfectivo dos processos verbais: criada na mente do falante uma situação imaginária, ele reporta as ações como se elas estivessem se desenrolando diante de seus olhos.
- b) como um Presente genérico, de valor intemporal, por se tratar de uma seqüência de ações conhecidas e generalizadas. O falante usa o pronome de tratamento você devido à situação de interlocução, mas no contexto o pronome adquire um grau de indeterminação, visto que se tratam de instruções válidas para qualquer pessoa.

(120''') quando eles estiverem mais ou menos cozidos, retira-se da água, deixa-se escorrer, põe-se de parte.

- c) como alternante polida ou atenuada do Imperativo: com o PI as ações são apresentadas como meras sugestões. Este emprego pode ser observado, por exemplo, ao se dar informações sobre caminhos; como em (121). A versão escrita das mesmas receitas confirmaria esta interpretação:

(121) Você segue em frente e dobra à esquerda na segunda rua.

(120''') quando eles estiverem mais ou menos cozidos, retire da água, deixe escorrer, ponha de parte.

2.4.2. Com FS em orações adjetivas relativas

Perini (1978: 219), ao analisar o FS como uma variante posicional do FP em determinados ambientes, ressalva que esta análise não se aplica a orações relativas restritivas.

De acordo com a gramática tradicional, em orações relativas emprega-se o modo Subjuntivo quando o antecedente é indefinido, indeterminado ou inexistente. Diga-se, entretanto, que as formas verbais de Subjuntivo não representam noções de época a partir de um ponto de referência, como sucede com o Indicativo: estudos lingüísticos mais atuais como Barbosa (1980) mostram que elas refletem o tempo da oração principal; portanto, a co-ocorrência do FS em orações relativas não transmite valor de futuro à forma de PI.

Nos dados abaixo, a localização temporal dos processos verbais pelo PI é determinada por outros elementos do contexto, tanto assim que a oração com FS pode ser substituída por um sintagma nominal sem que seja afetada a interpretação. Explicitaremos o contexto discursivo para maior compreensão das substituições.

A informante conta que os filhos tinham ido para uma colônia de férias, onde estariam expostos a doenças infantis. A localização futura da ocorrência de PI decorre do significado do verbo, perfectivo:

(122) "Agora que foram pro Paiol, voltam com tudo que tiver por lá." (Inq. 22).

(122') voltam com sarampo, catapora, etc (= voltarão)

No exemplo seguinte, em que a informante narra um problema que tivera com o automóvel, há fatores gramaticais que contêm a idéia de futuro, tal como IR, nas orações precedentes:

(123) "Se eu parar agora e levantar o capô, não vou saber fazer nada; () vou até onde der, né?"
(Inq. 167).

(123') vou até um posto/uma oficina (= irei)

Nas ocorrências abaixo o informante explica normas jurídicas:

(124) "Conforme o que ficar demonstrado na justiça até julgamento final, o trabalhador recebe aquilo a que tem direito" (Inq. 250).

(124') conforme a sentença do juiz, o trabalhador recebe aquilo a que tem direito.

(125) "Quando se empresta de alguém, se for uma dívida particular, depende das condições que as duas partes acertarem " (Inq. 250).

(125') depende das condições acertadas.

Nos dados (122) e (123), por se tratarem de experiências individuais, únicas, é imediato o reconhecimento do valor de futuridade na ocorrência de PI; em (124) e (125), descrevem-se situações repetidas, praxes estabelecidas e portanto permanentes, de modo que o PI tem valor intemporal.

Quanto ao FS nos dados acima, entendemos que ou indica posterioridade em sentido amplo, ou predomina o valor modal de incerteza e possibilidade que, aventariamos, decorre de um ingrediente semântico de indeterminação no antecedente.

2.4.3. Com FS na prótase de períodos hipotéticos

A condição ou hipótese expressa pelo FS na oração su subordinada iniciada por se "refere-se a um fato vindouro cujo cumprimento se espera ou se admite como provável" (Said Ali, 1921: 172). De acordo com a gramática tradicional, existe uma correspondência de tempos, de modo que a oração principal (apódose) que "expressa o fato decorrente ou dependente do fato suposto, dada a realização deste" deveria conter uma forma de FP:

(126) Se eu tiver dinheiro, comprarei uma casa.

Se + Futuro Subjuntivo/ Futuro do Indicativo.

o que coloca a construção que ora examinamos fora do esquema apresentado nas gramáticas:

Se + Futuro Subjuntivo/ Presente do Indicativo

Entretanto Câmara Jr. (1956: 64), discorrendo sobre a condição de irrealidade, aponta para "a distribuição semântica, de caráter modal, entre o Presente, o Futuro do Presente e o Futuro do Pretérito, conforme a intenção seja respectivamente adiantar uma informação segura, possivelmente real ou imaginária".

(127) opinião que

é
será
seria

 muito difícil de sustentar.

O emprego do PI como forma concorrente com o FP na apódose de períodos hipotéticos apresentaria então o fato com um maior grau de certeza.

Examinando nossos dados, constatamos que nem sempre a condição ou hipótese expressa pelo FS se refere a um fato vindouro, o que apresenta problemas para se considerar esta co-ocorrência como um critério válido para a atribuição de valor temporal de futuro ao PI da apódose.

Nas estruturas do tipo:

se / quando		
toda vez que / sempre que		+ FS, V
quem / qualquer que		

Há uma combinação de três noções: tempo, hipótese e repetição. A idéia de repetição está clara na locuções toda vez que e sempre que, e também com pronomes indefinidos, que permitem generalizações a qualquer sujeito que preencha determinadas condições. Nas estruturas com as conjunções quando e se, só informações de discurso ou da situação podem determinar qual noção predomina, embora tal julgamento seja em parte subjetivo.

Registramos neste corpus 48 períodos hipotéticos de estrutura Se Futuro Subjuntivo/Presente Indicativo, mas, a um exame individual, em poucos a hipótese representa posterioridade. Na maioria dos casos, embora formuladas com uma forma verbal de futuro, as orações condicionantes referem-se a situações repetidas e conhecidas, localizadas no tempo indiviso. De maneira geral, há uma relação de posterioridade lógica e cronológica entre os dois enunciados, no sentido de que, preenchida a condição, decorre o efeito, mas tal relação se dá em qualquer época, e neste trabalho o que nos interessa é a noção de futuridade (sequência S — E).

Para efeitos desta análise poder-se-iam classificar os períodos hipotéticos de estrutura Se+Futuro Subjuntivo/Presente Indicativo em três grupos:

- a) a prótase representa uma ação singular e específica, com nítido conteúdo de futuro, que é transmitido à apódose.

(128) "A, se você não fizer este casamento, eu faço"
(Inq. 208).

Trata-se de um fato único que, além do mais, é explicitado pelo demonstrativo este. A hipótese é claramente situada em uma época vindoura e com mais razão o fato decorrente, expresso por faço.

(129) "Vamos tentar este ano; se vocês tiverem prejuízo, eu recompenso vocês, eu compro o arroz do ano inteiro pra vocês" (Inq. 93).

(130) "Ah, eu sei, já falei: 'Se furar o pneu comigo eu paro na hora, viu?' Eu acho que ponho a boca no mundo, sei lá" (Inq. 167).

Em (129), na oração antecedente há uma forma verbal de tempo futuro IR, e em (130), pelo contexto maior deduz-se que o falante ainda não passou por esta experiência; portanto, trata-se de uma hipótese futura.

(131) "Eu preciso dar uma |vacina| bem depressa se não pego eu, que ainda não tive |caxumba|" (Inq. 22).

Postulamos um FS implícito, baseados na presença da expressão se não: 'Se eu não der uma vacina, eu pegarei caxumba'. Mas outros elementos contextuais levariam à interpretação futural: a perífrase modal, indicando a necessidade de uma ação futura, o adjunto adverbial bem depressa, que situa a primeira ação em um futuro próximo, além do conhecimento partilhado de que na falta de vacinação a pessoa é mais suscetível ao vírus da caxumba.

(132) "O homem tem que tomar... e fazer essa escolha, para que ocorra realmente uma comunidade de homens, se não o que nós teremos é realmente um cemitério de homens" (Inq. 255).

A mesma explicação se aplica à ocorrência acima: 'Se não tomar/fizer, o que nós teremos é um cemitério de homens'.

- (133) "Se eu perguntar à senhora qual era a população do Rio de Janeiro por volta de 1850, provavelmente a senhora não sabe responder" (Inq. 214).

Temos aí uma verdadeira hipótese, em que, ao contrário da condição, não há uma relação de causa e efeito entre as duas orações, critério utilizado por Brunot (1926: 869) para classificar as hipóteses em eventuais e condicionais. Geraldi (1982: 50), em seu trabalho sobre enunciados condicionais, distingue na estrutura "Se p,q" condição, em que a consequência seria decorrente do fato "p" expresso na prótase (ex. 134) e hipótese, em que o fato expresso na apódose não encontra sua causa, seu motivo, na oração antecedente (ex. 135).

(134) Se Pedro vier, João virá.

(135) Se te interessa saber, parto amanhã.

De acordo com a classificação de Geraldi para as sentenças iniciadas por se, na ocorrência (133) estamos diante de um se-dialógico, caso em que "as orações que consistem o período não podem ser classificadas em antecedentes e consequentes, pois "p" e "q" não mantêm relação entre si — a oração iniciada por se é o motivo pelo qual "q" é enunciado" (p. 42). Incluímo-la, entretanto, sob o item (a) em virtude da especificidade do fato e do nítido conteúdo de futuro da prótase, evidenciado por marcas linguísticas que se referem à enunciação, como os pronomes "eu" e "a senhora".

b) a prótase representa fatos habituais ou permanentes, ou situações generalizadas, cuja localização se dá no tempo indiviso, de modo que se dilui a idéia de futuridade.

(136) "O tuberculoso sara se for no começo, se for tratado" (Inq. 22).

(137) "Meu lenço sempre tem an... inicial. E minha mulher não deixa usar se não tiver inicial" (Inq. 6).

Tratam-se geralmente de situações concretas que por força da repetição se incorporam à nossa experiência, assumindo um grau de previsibilidade em relação a futuras ocorrências. Embora fatos hipotetizados, adquirem um cunho de realidade - a repetição seria como uma ponte entre o imaginário e o real. A conjunção se equivale a "toda vez que" e a localização intemporal da hipótese impede que se já atribuído um valor de futuro pleno ao PI da apódose.

(138) "É, se a pessoa estiver lúcida ele primeiro procura... confessar a pessoa, e pode dar comunhão também" (Inq. 21).

(139) Doc.: "E depois, como chamam quando ela não casa depois de uma certa idade?"

Loc. 1: "Ela fica solteirona."

Loc. 1 e 2: "Ficou pra titia..."

Loc. 2: "E são chamadas de meninas. Se ela tiver... mesmo que não tenha netos, mas se ela tiver sobrinhos pequenos próximos, normalmente chamam de avó" (Inq. 21).

Observe-se o advérbio normalmente, que exprime um padrão de repetição.

(140) "Se a pessoa for comungar, ela já coloca a hóstia num cálice" (Inq. 21).

(for = pretender, tiver a intenção de)

(141) "Se exercer uma atividade de dentro de casa e tiver contato com outra pessoa, deve-se fazer uma entrada que iria ()" (Inq. 5).

(142) "ela |a fábrica| tem que requerer concordata se não for à falência" (Inq. 250).

A intemporalidade pode estar ligada à generalidade da afirmação: aplica-se a vários indivíduos, pessoas ou instituições, um determinado tipo de comportamento. O contexto pode conter marcas de indeterminação: a pessoa, o pronome se indeterminado, pronomes de 3ª pessoa ou sujeitos genéricos — a fábrica, o aluno, etc. — representativos de uma classe.

(143) "Agora, se você souber preparar a massa em casa, então você prepara, né?" (Inq. 235).

(144) "mas também na sua caderneta de cheques, se você for cuidadosa, você controla, porque você tem, você assentou que tem Cr\$ 5.000,00 no banco, e no cheque número tal você retirou Cr\$ 10.000,00 (Inq. 250).

Nestes dados em que a prótase indica uma qualidade ou um estado permanente, embora o pronome de tratamento seja marca de interlocução, entendemos como índice de indeterminação que permite generalizações — "você", bem como qualquer pessoa. A observação é aplicável a qualquer um, em qualquer época, e este grau de intemporalidade é que permite continuar o discurso com uma forma verbal de passado, que o falante emprega para exemplificar a qualidade de ser cuidadoso.

As ocorrências sob este item (b) fazem parte de textos descritivos, em que o informante discorre sobre situações conhecidas, quer porque sejam dados da observação, quer praxes estabelecidas ou conhecimento partilhado pela comunidade. Estas situações se localizam em um tempo não dividido em épocas, onitemporal, de modo que o FS, do mesmo modo que o FP modal, não exprime posterioridade mas sim modalidade — no caso, possibilidade.

Por outro lado, as condições da prótase poderiam ter sido formuladas com o PIsem que fosse afetada a interpretação temporal:

(138') Se a pessoa está lúcida, ele primeiro procura confessar a pessoa.

Parece-nos que ao empregar o FS o falante enfatiza o valor modal do enunciado. Vejamos por quê. Pelo sentido e pela natureza do texto, o enunciado tem valor onitemporal; a noção de hipótese é explicitada sintaticamente pela conjunção se; e ao privilegiar o FS, o falante apresenta o fato condicionante como uma possibilidade em aberto, como se não tivesse nenhum exemplo concreto a citar. Diríamos que esta interpretação decorre da natureza genérica das afirmações, mas, mesmo no dado (137), o único caso que se refere a uma situação individual, compare-se o efeito do emprego do FS e do PI na prótase:

(137) "Meu lenço sempre tem an... inicial.
E minha mulher não deixa usar se não tiver ini
cial" (Inq. 6).

(137') e minha mulher não deixa usar se não tem ini
cial.

Com o FS, o fato de não ter inicial apresenta-se como uma hipótese mais remota, como se nunca tivesse acontecido ou com pouca probabilidade de ocorrer, enquanto que o PI, por seu conteúdo de atualidade, sugere um fato real e habitual.

Confira-se com outros dados deste corpus em que o PI da apódose co-ocorre com outro PI na prótase (Se PI/PI):

(145) "Se cria pus na feridinha, sempre fica com a cicatriz" (Inq. 22).

(146) "Então, se você vai receber, bom, eu estou fugindo um pouquinho da pergunta, se você pede Cr\$ 10.000,00 emprestado e o banco empresta por 60 dias, vamos dizer, ele já te desconta pelo menos uns 5%" (Inq. 250).

Portanto, em enunciados de caráter intemporal, não obstante a co-ocorrência do FS, as formas de PI na apódose de períodos hipotéticos são Presentes genéricos, razão

pela qual não serão computados como PI posterior.

c) a prótase constitui um texto à margem da narrativa, como um comentário ou ressalva por parte do falante, de modo que o FS também não afeta temporalmente as formas de PI.

(147) "Eu tenho a impressão que ô fundo de garantia, se estiver em ordem, responde pelos interesses dos trabalhadores" (Inq. 250).

(148) "Guardar o dinheiro no banco é a coisa mais fácil desde que se tenha o dinheiro a ser guardadado. É claro, se houver sobra, o banco aceita de bom grado" (nq. 250).

(149) "A pessoa durante 3 meses tem que deixar imobilizado ali no banco, se puder, uma importância" (Inq. 250).

Como em muitos dos dados anteriores, o contexto aponta para uma interpretação intemporal. As orações condicionais com FS apresentam-se entre vírgulas, correspondendo a um tom descendente, e têm valor modal, ligado à noção de possibilidade; esta noção pode vir antecipada, como o mostram a expressão de incerteza na oração principal em (147) e a oração condicional com o verbo no Presente do Subjuntivo em (148).

(119) "Então você compra lombo de porco salgado, costela, se você gostar de ossos, né?" (Inq. 235).

Ao apresentar como uma hipótese, uma eventualidade, o falante faz uma ressalva que atenua a força do enunciado na oração principal, criando um espaço para a manifestação do desejo do outro: à obrigatoriedade contida na locução modal tem que contrapõe-se uma possibilidade (ex. 149); a prescrição encerrada no PI com função de Imperativo dá lugar à preferência do indivíduo (ex. 119); o regu-

lamento de uma instituição leva em conta a vontade dos participantes em (150):

(150) "|votos religiosos| primeiro faz os temporários, depois, se quiser, faz os perpétuos" (Inq. 21).

Note-se que nos períodos hipotéticos dos grupos (b) e (c), em que a condição ou hipótese formuladas com o FS não encerram a noção de futuro, de maneira geral o processo verbal é imperfectivo: se for no começo, se estiver lúcida, se tiver sobrinhos, se souber, se houver, se puder, se gostar, se quiser.

3. Ausência de elementos gramaticais de futuro

Examinaremos sob este item as ocorrências de PI em que, na ausência de indicações temporais, o valor futural é dedutível do contexto discursivo.

(151) "Agora eles já estão quase fazendo 20 anos de casados. Mas agora a avó está muito mal, não sei se chegam a tanto" (Inq. 22).

(152) "Faz 15 anos que ele está tuberculoso e ainda não morreu. Esse não morre mais, não precisa nada" (Inq. 22).

De modo geral, tal interpretação deriva da natureza semântica do processo verbal, de aspecto perfectivo, que o contexto oracional projeta para o futuro.

(122) "Agora que foram para o Paiol, voltam com tudo que tiver por lá" (Inq. 22).

(123) "Vou até onde der, né, porque num vou ser, num vou saber fazer nada" (Inq. 167).

A co-ocorrência de FS nos dados (122) e (123) já foi examinada sob o item 2.4.2., onde vimos que ela não

transmite valor temporal à forma de PI: o contexto é que indica se o fato expresso pelo PI situa-se em um momento posterior à enunciação.

(153) "Ela vai agora pra Europa" (Inq. 22).

(154) "O senhor vai como médico, porque eu sou o seu cliente, já estou muito velho, e só viajo acompanhado de meu médico" (Inq. 214).

Deve-se apontar a quantidade de ocorrências do verbo ir com valor de futuridade (ex. 95, 110, 111, 112, 123). Assinale-se, e estes exemplos servem de evidência, que a construção "vou ir" encontra escassa acolhida na língua portuguesa. Além do mais, ir como verbo pleno contém a idéia de movimento, de deslocamento para algum lugar, o que exige um certo tempo, e os verbos de movimento em si já encerram uma noção prospectiva, independentemente de uma especificação temporal.

(155) Ele vem de carro. Volto com ele.

II.4. CONCLUINDO

Encontramos neste corpus uma quantidade de formas de PI que indicavam um evento ocorrendo posteriormente a outro, mas dentro de uma seqüência conhecida. Registraram-se geralmente em textos narrativo-descritivos, em que o falante explica processos que, por mostrarem um padrão de repetição com um certo grau de regularidade e freqüência, criando a expectativa de que ocorram da mesma maneira no porvir, bem como por terem uma abrangência geral, foram incorporados à sua experiência ou ao conhecimento partilhado por uma comunidade, a ponto de até serem institucionalizados (relações de parentesco, ritos religiosos) ou regulados por lei (contratos, falências).

Nas ações em seqüência, as novas fases do processo eram marcadas quer por meios lexicais (expressões adverbiais como "depois", "em seguida", "então"), quer por formas verbais (perífrases de IR, Futuro do Subjuntivo), que às vezes alternavam-se com o PI no contexto oracional (ex. 114, 119, 120) e estabeleciam novos pontos de referência R.

As séries de PI que expressavam ações repetidas dentro de processos conhecidos foram classificadas como Presente de hábitos, de valor intemporal, tanto o primeiro E que também funcionava como ponto de referência R, como o evento que o sucedia, visto que esta relação de posterioridade se verificava em um tempo indiviso, abrangendo as três épocas temporais (seqüência R — E).

Encontramos também 43 dados de PI co-ocorrendo com Futuros do Subjuntivo na prótase de períodos hipotéticos, mas os verbos, geralmente imperfectivos, tinham valor modal, indicando uma possibilidade válida em qualquer tempo e não exclusivamente na época vindoura. Nestes casos em que a oração iniciada por se exprimia uma condição geral e/ou intemporal, as ocorrências de PI também não veiculavam a idéia de futuro.

Portanto, das 93 ocorrências examinadas neste capítulo de PI como forma alternante do FP, depois de excluídos os casos de posterioridade em sentido amplo (seqüência R — E), identificamos apenas 40 ocorrências de PI com valor de futuridade (seqüência S — E). Na quase totalidade dos casos esta noção dependia da co-ocorrência de elementos gramaticais com conteúdo de futuro no contexto da ocorrência de PI, i.e., na sentença ou em orações contíguas e em umas poucas vezes, no contexto mais amplo do discurso.

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS

1. Co-ocorrência de advérbios ou expressões de tempo que exprimem posterioridade (14)
 - 1.1. futuridade próxima |14|
 - 1.2. futuridade remota |4|*
2. Co-ocorrência de formas verbais de futuro (20)
 - 2.1. com Futuro do Indicativo |1|
 - 2.2. com perífrases vou + Infinitivo |8| + |10|*
 - 2.3. com Imperativo |1|
 - 2.4. com Futuro do Subjuntivo
 - 2.4.1. FS em orações adverbiais temporais [7]*
 - 2.4.2. FS em orações relativas |2| + |2|*
 - 2.4.3. FS na prótase de períodos hipotéticos
 - a) ação específica (PI = FP) [10]
 - b) ações habituais ou generalizadas [25]*
 - c) comentário ou ressalva [7]*
3. Ausência de elementos gramaticais de futuro (6)
 - * sem valor de futuridade

Alguns comentários

1. Os advérbios e expressões de tempo localizavam a ação verbal em um futuro próximo do momento de enunciação, ou numa época precisa ('em 10 minutos', 'amanhã', 'daqui a 3 meses') ou não especificada ('depois', 'em breve', 'mais cedo ou mais tarde'). Houve duas instâncias com o advérbio agora que marcava não um futuro imediato, mas a proximidade psicológica da época futura (ex. 94 e 153). Outras expressões que acompanhavam o PI sugeriam um futuro indefinido, uma eventualidade, mas no contexto o PI não equivalia ao FP (ex. 102 a 104).

2. As perífrases IR não tiveram muita relevância para a atribuição de valor futural ao PI, pois outros elementos no contexto discursivo e pragmático já apontavam para esta interpretação.

3. O Futuro do Subjuntivo em co-ocorrência com o PI foi registrado em orações temporais, adjetivas relativas e condicionais, num total de 53 dados de PI, 42 dos quais em períodos hipotéticos, mas a peculiaridades de emprego daquela forma verbal, dependente de circunstâncias não relacionadas com o tempo da ação, não a recomendam como determinante da localização futural do PI: ora indicava uma nova etapa dentro de um processo conhecido, ora uma eventualidade, ora situações hipotetizadas habituais, de alcance geral e intemporal. Assim sendo, só foram computadas 10 ocorrências em que o FS na prótase referia-se a ações singulares e específicas, com nítido conteúdo de futuro, que se transmitia ao PI da apódose.

4. Encontramos 6 casos em que, na ausência de fatores gramaticais co-ocorrentes, a atribuição do valor de futuridadade deriva exclusivamente da natureza semântica dos verbos — perfectivos, e do contexto.

Na seção 1 deste capítulo, USOS DO PRESENTE, expusemos a teoria de Imbs sobre a correlação entre os valores aspectuais e temporais do PI. Pelo quadro II (p. 84) poder-se-ia relacionar o Presente não-momentâneo (imperfectivo), representado pelo Aspecto iterativo-habitual e durativo, com o valor intemporal e o Presente momentâneo (perfectivo) com o valor atual desta forma e com seus empregos figurados, dentre os quais se inclui o Presente-Futuro psicológico, ou seja, o emprego da forma verbal de Presente para expressar um evento futuro.

Nossos dados confirmam a observação de Imbs: das 42 ocorrências de PI com valor de futuridadade, em 36 o radical verbal era de aspecto perfectivo. Destes, 20 correspondiam a verbos de movimento (retirar-se, sair, viajar, vol

tar), sendo 15 ocorrências com o verbo ir, às vezes em série.

Ainda a partir destes dados, queremos assinalar um fato curioso, embora não de todo surpreendente, dadas as características do futuro como categoria ontológica: refere-se à distribuição das formas de PI e de FP entre as pessoas verbais. Nos dados de FP, predominou de maneira quase absoluta a terceira pessoa, geralmente do singular, e sujeitos com o traço [- humano]. Houve apenas 5 ocorrências na primeira pessoa do plural (6% do total), sendo que em 3 o informante referia-se a um sujeito genérico indeterminado, sem necessariamente se incluir, e as outras duas eram em operadores conversacionais, em EF, onde também se registraram 3 ocorrências referindo-se à segunda pessoa do discurso (4%) ("como vocês verão"); houve apenas uma ocorrência na primeira pessoa do singular, e assim mesmo em uma pergunta retórica (ocorrência 7).

Em contraposição, as formas de PI com valor de futuro ocorreram 15 vezes na primeira pessoa do singular (36%), 6 na primeira pessoa do plural, além de um caso de "nós" genérico (17%), e 5 referindo-se à segunda pessoa (12%); na terceira pessoa verbal, 11 tinham sujeito [+ humano].

Na comparação entre PI e FP, a distribuição diametralmente oposta da primeira pessoa do singular e do traço [\pm humano] parece-nos um rico filão para descobertas sobre os valores e empregos do FP e do PI como sua forma alternante, que deixamos como sugestão para futuras pesquisas.

CAPÍTULO III

A PERÍFRASE VERBAL

VOU + INFINITIVO

CAPÍTULO III

A PERÍFRASE VERBAL VOU + INFINITIVOIII.1. IR: VERBO OU AUXILIAR

Como vimos na Introdução, as perífrases de Infinitivo valiam-se dos auxiliares habere (ad) (de), debere, volere, venire (ad), ire, vadere, potere, ambulare/annare/alare/aller. Por outro lado, o Futuro, mesmo no Latim clássico, não expressava somente a localização do processo verbal em uma época posterior ao momento da fala, mas também — ou primordialmente — uma atitude do falante diante do que ainda não aconteceu e, conseqüentemente, não tinha realidade objetiva.

Tal fato já transparece nos verbos que vieram a compor as perífrases de significação futura: ou são verbos de movimento do agente, que preparam a ação (venire, ire, annare/allare), ou são verbos modais que indicam a "voluntas" subjetiva ou a forma que dirige a atuação do agente (valere, habere, potere, debere), segundo Lausberg (1962: 312).

Na construção vou + Infinitivo, que veio a constituir o futuro analítico no Português atual, encontram-se também as noções de movimento e de modalidade paralelamente à noção de tempo, quando então o verbo ir perde o seu sentido próprio e passa a funcionar como um auxiliar de formação de futuro, o que é nosso interesse fundamental neste capítulo.

Sobre o tema da auxiliaridade, iniciaremos com Said Ali (1921: 160). Ele adota o critério da gramaticalização e comenta a possibilidade de ambigüidade nas construções em que ir, vir, andar e tornar são seguidos de Infinitivo. Ao lado de casos em que estes verbos mostram cla-

ramente sua função auxiliar, há outros em não há fusão semântica com a forma finita: "Nesta hipótese, os dois verbos justapostos enunciarão cada qual um ato concreto. Será o caso de dois verbos simples pertencentes a orações diferentes. Sendo assim, devem ocorrer também casos intermediários, em que será difícil decidir se se dá fusão perfeita ou se há mera justaposição de verbos concretos" (1921: 160-161).

Autores mais recentes deixaram de lado o critério semântico e procuraram sistematizar os "casos intermediários". Examinando o tratamento dispensado por Lobato (1971), Pontes (1973), Ilari (1979) às perífrases de vou + Infinitivo, vemos que estes autores distinguem entre ir₁, verbo pleno, com sentido de movimento e ir₂, auxiliar de tempo futuro.

Lobato (1971) examina a auxiliaridade em geral. Inicialmente estabelece critérios de quatro tipos: semânticos, funcionais, formais e operacionais para determinar o limite entre o que é e o que não é auxiliar. Fixa-se em dois: o critério da unidade semântica, i.e., se houve uma perda ou enfraquecimento de sentido do auxiliar, e o critério operacional da oposição a uma forma simples, sendo esta a não-marcada. As marcas seriam de três tipos e classificariam os auxiliares em três classes semânticas: diátese, em que a oposição transforma a forma ativa em forma passiva; desenvolvimento, que dá ao grupo verbal uma especificação aspectual, e modalidade, em que a oposição acarreta uma diferença modal.

A classe da diátese é bem definida, mas nas outras há uma superposição dos auxiliares das classes de desenvolvimento e de modalidade. Lobato utiliza a noção de oposição sobre um eixo contínuo, de B. Pottier e aí situa os auxiliares: o limite entre o que é e o que não é auxiliar é uma questão de grau, da mesma forma que a inclusão de determinado auxiliar na classe do desenvolvimento ou da modalidade, classes estas que se superpõem. Assim, haver, de, dever, querer, poder pertencem à classe da modalidade,

mas "possuem um sema prospectivo, sempre conservado, que permite o emprego como auxiliar de desenvolvimento e em alguns contextos neutraliza-se o sema modal, mantendo-se só o de prospecção ('quer chover'). Por outro lado, ir é predominantemente auxiliar de desenvolvimento, e o menos ligado à classe da modalidade.

Além dos dois critérios maiores para determinar as três classes de auxiliação, Lobato aplica no interior destas classes:

- 1) O critério de liberdade de escolha, i.e., com quantas e com quais formas pode ser comutado um determinado grupo verbal; com isto pretende determinar os diferentes graus de integração dos grupos em auxiliação (vai/ está para viajar; disse/falou/contou/etc. saber);
- 2) o critério de colocação na passiva, para verificar os diferentes graus de ligação entre os grupos verbais e seus sujeitos;
- 3) prova da incidência de um adjunto adverbial de tempo ou de um adjunto adverbial de espaço, para determinar as homônimas e resolver as ambigüidades.

Lobato distingue ir verbo comum, de movimento espacial, construído com um complemento de lugar (ex. 156) de ir auxiliar de futuro imediato e futuro progressivo (ex. 157 e 158):

(156) Vou a Paris.

(157) Vou ficar aqui.

(158) Seu medo vai crescendo.

Assinalamos entretanto que, enquanto que no futuro imediato há só a categoria de Tempo, no futuro progressivo estão envolvidas as categorias de Tempo e Aspecto, sendo que o A progressivo está não em ir + ndo mas sim no sufixo ecer do verbo principal crescer.

Ainda Lobato, em enunciados como (159) e (160) há uma intersecção dos dois sememas:

(159) Vou pela rua a cantar.

(160) Vou cantando pela rua.

A explicação é que estes dois sememas se opõem sobre um eixo contínuo, em cujas extremidades têm-se duas unidades homônimas, uma espacial e outra noçional, e na zona intermediária há um caso de polissemia, devido à intersecção dos dois sememas.



Na página 199, em que analisa o auxiliar ir seguido de Infinitivo, diz que marca um futuro imediato e tem um paradigma incompleto: não admite o Futuro nem o "Pretérito", já que estes não indicam o futuro imediato. A partir do exemplo (161), afirma que o Futuro tem um valor modal e torna a ação infinitiva "duvidosa, insolente e impossível de ser realizada", e que o Pretérito, ou marca um incoativo do estilo indireto (ex. 162), ou mantém seu sema espacial (ex. 163) ou também tem valor modal (ex. 164).

(161) Quem irá meter coisas daquelas nos ouvidos de Deus?

(162) Mas quando foi abrir a blusa, (...)

(163) Foi cear.

(164) Mas com quem o Arlindo se foi meter!

Comenta ainda que o auxiliar ir pode ser empregado:

- 1) para denotar simples intenção, quando o contexto explicita que a ação verbal não se realizou (Obs: ir ocorre no Imperfeito).

(165) A Lambertini ia abrir a boca para responder
() mas agarrou-se a mim e desatou a chorar ruidosamente.

- 2) com valor intensivo, quando serve de simples reforço à idéia denotada pelo auxiliado:

(166) Afinal cresce e vou encontrá-la em Lisboa, a morrer de doença e miséria.

- 3) com valor modal quando marca:

a) uma eventualidade, uma probabilidade quase certa.

(167) Cuidado! Ela vai cair!

b) uma ordem ou proibição.

(168) Vais ceiar e dormir que são horas.

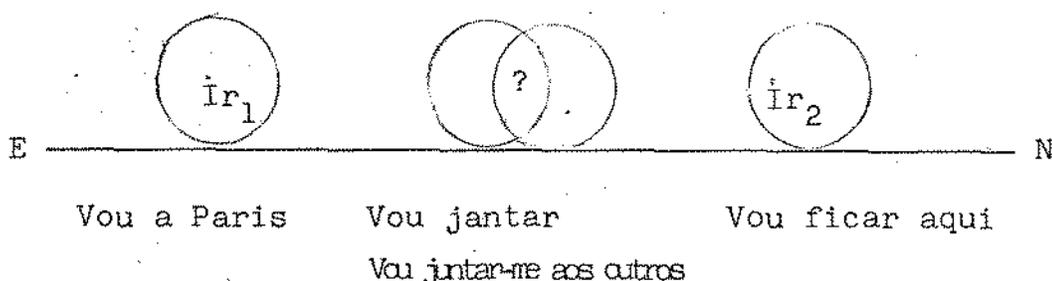
c) o caráter derrisório de uma ação.

(169) Quem irá meter coisas daquelas nos ouvidos de Deus?

d) a desaprovação, a culpa.

(170) Com quem ele se foi meter!

Conclui dizendo que em vários enunciados é difícil dizer se estamos na presença de ir auxiliante ou de ir verbo espacial. Encontra-se também aí a oposição do tipo contínuo:



Em suma, Lobato caracteriza ir como verbo auxiliar, juntamente com os auxiliares tradicionais ser, estar, ter e haver; distingue ir espacial de ir auxiliar de futuro; menciona os valores em emprego do auxiliar mas, além de restrições paradigmáticas, não apresenta critérios definitivos de diferenciação.

Poderíamos, entretanto, para distinguir os dois verbos ir, aproveitar o que a autora escreve sobre a polissemia de ir + gerúndio nas sentenças (159) e (160): "ir se aproximará mais do espacial ou do nocional segundo a incidência adverbial recaia sobre ir ou ir cantando, respectivamente" (1972: 191). É o subcritério 3, prova da incidência de um adjunto adverbial de tempo ou de lugar, para determinar as homônimas e resolver as ambigüidades. Mas isto não solucionaria a ambigüidade de sentenças em que não há um adjunto adverbial de lugar.

Outra possibilidade seria uma analogia com vir, que também apresenta dificuldade de classificação em certos enunciados, devido à já citada oposição no eixo contínuo. Existe vir, verbo comum, indicando movimento, quando as duas formas verbais podem ser dissociadas pelas conjunções "para" e "a fim de" (ex. 171) e vir auxiliante, que tem por função reforçar a ação expressa pelo verbo principal (ex. 172). Entendemos como "reforçar" um emprego do verbo para fins de ênfase, sem qualquer função significativa, tanto que pode ser omitido sem que se altere o sentido do enunciado (ex. 173).

(171) Venho dizer-lhe adeus.

(172) Veio encontrá-la desfalecida.

(173) Encontrou-a desfalecida.

Desta maneira, tanto ir quanto vir, se indicassem movimento, poderiam ter o Infinitivo desdobrado em uma oração; caso contrário seriam auxiliares. Mas, até que ponto é legítimo equiparar a função de reforço de vir à função temporal do auxiliar ir? Além do mais, este também pode exercer uma função de reforço, como foi apontado por Lobato no exemplo (166). Teríamos então:

(172) Veio encontrá-la desfalecida = Encontrou-a

(174) Vai encontrá-la desfalecida = Encontra-a

Postulamos então uma correspondência entre as formas simples e as locuções verbais formadas com ir e vir, em termos de seu valor intensivo.

+ ênfase		- ênfase
ir + Infinitivo	vir + Infinitivo	forma simples
foi encontrar	veio encontrar	encontrou
vai encontrar	vem encontrar	encontra
vai encontrar	—	encontrará
irá encontrar	virá encontrar	encontrará
ia encontrar	vinha encontrar	encontrava
ia encontrar	—	encontraria
iria encontrar	viria encontrar	encontraria

QUADRO III

As locuções verbais com ir e vir podem ser a expressão enfática da forma simples do mesmo tempo do auxiliar (vai/vem encontrar = encontra), mas no caso do verbo ir podem também encerrar uma noção temporal, correspondendo a uma perífrase com valor de futuro (vai encontrar = encontrará).

Pontes (1973) expõe a tradição gramatical a respeito dos verbos auxiliares em Português; inicialmente critica a falta de definição dos termos usados, especialmente locução verbal (LV) que alguns autores definem como "uma sequência verbal que tem uma certa coerência interna, de tal modo que funcione como verbo simples" e que distinguem de tempos compostos (TC). Mas, com exceção de ter e haver, não há acordo sobre quais constituiriam TC e quais seriam conjugações perifrásticas e locuções verbais; parece ser mais devido à tradição, e, à falta de fundamento, a autora trata-as todas de locuções verbais.

Dentre os critérios mais usados pelos gramáticos para definir LV, ela lista o de evolução semântica, o de gramaticalização, o de comparação com outras línguas e o critério sintático, aí entendidas tanto a estrutura interna da LV quanto as relações na sentença, i.e., se funciona como um sintagma ou se o verbo principal pode ser desdobrado em uma oração, caso em que não se tem uma LV.

Pontes recusa os critérios histórico, o de comparação e o semântico, este por ser pouco seguro, e insiste em que o critério preponderante na análise deve ser o comportamento sintático dos verbos, e não o seu significado, porque, "na prática, nem sempre é fácil verificar se se trata de LV ou de verbos separados, se nos basearmos no critério semântico" (1973: 38).

E exemplifica justamente com os verbos andar, ir e vir, que podem ser interpretados como indicando movimento e duração ou como auxiliares. Forma então um grupo com os auxiliares modais, os "acurativos" e ir, que indica "movimento para realizar um intento futuro", visto que todos podem ter uma oração como sujeito, dentro da teoria transformacional chomskiana.

Vamos nos deter nos casos de ir seguido de Infinitivo.

Pontes distingue ir₁, que se completa com um adjunto adverbial de lugar, de ir₂, que se constrói com o Infinitivo; esta diferença tanto é semântica, pois o primeiro indica movimento (locomoção) e o segundo futuridade, quanto sintática:

- 1) ir₂ não apresenta restrições de seleção: combina-se com qualquer sujeito, mesmo abstrato, e com qualquer verbo, mesmo impessoal.

(175) A sinceridade vai assustar o menino.

(176) Vai chover.

ir₁ não se combina com nomes abstratos, visto que o deslocamento exige nome com sema concreto.

(177)* A sinceridade vai lá.

- 2) ir₁ pode ser precedido de ter-do e estar-ndo.

(178) João tem ido à escola.

(178') João está indo à escola.

ir₂ pode preceder, mas não pode ser precedido de ter-do e estar-ndo.

(179) João vai₂ ter comprado um livro.

(180) João vai₂ estar estudando.

(181) João vai₂ saber a lição.

(181')*João tem ido₂ saber a lição.

(181'')*João está indo₂ saber a lição.

3) ir₂ não admite Imperativo.

(182)* Vá₂ saber a lição!

(182')* Vá₂ ter sabido a lição!

ir₁ admite Imperativo, já que se pode acrescentar aí um adjunto adverbial de lugar.

(183) Vá₁ (para casa) estudar!

Assinale-se que o emprego do verbo saber nos exemplos causa problemas, especialmente no teste 3, pois, como verbo cognitivo, tem um componente lexical que repele o componente gramatical do Imperativo, da mesma maneira que os verbos sensitivos (ex. 184):

(184)* Vá sentir pena!

(185) ? Vá (para casa) saber a lição!

(185') ? João está indo (para casa) saber a lição.

Depois de analisar o verbo ir (páginas 112-114), a autora conclui que há dois verbos homônimos; ir₁, verbo como vir, que admite sujeito animado e um SN ou uma oração como complemento e ir₂, verbo como parecer, que admite uma oração como sujeito, apontando entretanto que uma sentença como (186) é ambígua, pois o verbo ir aí pode significar locomoção ou futuridade.

(186) João vai estudar.

Na verdade, a idéia de movimento está sempre presente em ir: ir₁ expressa um movimento espacial e ir₂ um movimento temporal. Em ir₂, mantendo-se o sema de movimento, torna-se possível a inserção de um adjunto adverbial de lugar.

Ilari (1979) baseia-se em três fenômenos sintático-semânticos para diferenciar ir₁, construído com um adjunto adverbial de lugar aonde, de presença obrigatória, e um de onde, facultativo, indicando procedência, de ir₂, auxili

liar de tempo futuro:

1) ir₁ co-ocorre com estar e acabar de; ir₂ não.

(187) Vou comprar água.

(187') Estou indo comprar água.

(187'') Acabo de ir₁ comprar água.

(188) Vou chegar de carro.

(188')* Estou indo₂ chegar de carro.

(188'')* Acabo de ir₂ chegar de carro.

2) Sentenças construídas com ir₁ podem ser relacionadas a perguntas aonde, o que não ocorre com ir₂.

(189) Aonde você vai? - Vou₁ fechar a porta.

(190) Aonde você vai? -*Vou₂ chegar de carro.

3) ir₁ está sujeito a condições dêiticas opostas mas correlatas às de vir, mas ir₂ não.

(191) Ele vem aqui, passar fome como todos nós.

(192)*Ele vai₁ aqui, passar fome como todos nós.

(193) Aqui, ele vai₂ passar fome como todos nós.

(194) Ele vem encontrar-nos aqui.

(195) Ele vai₂ encontrar-nos aqui.

(196) Ele vai encontrar-nos aí.

(197) Ele vem encontrar-nos aí.

Temos alguns comentários:

- a) quanto à presença do adjunto adverbial de lugar aonde; embora obrigatória, pode estar implícita, como o demonstram os exemplos apresentados pelo autor.
- b) ir₁ parece só ocorrer com verbos e advérbios de lugar que indiquem afastamento do eu. Por outro lado, há ambigüidade em (196), que poderia ser classificada como ir₁ (ex. 196') ou ir₂ (ex. 196").

(196') Ele está indo encontrar-nos aí.

(196") Ele nos encontrará aí.

Cabe apontar a originalidade destes testes, representada pela substituição por outras formas perifrástica que expressam as diferentes fases do movimento.

Admitida a existência de dois homônimos, ir₁ verbo de movimento, e ir₂ auxiliar, procuraremos sintetizar os critérios apresentados pelos diversos autores para diferenciá-los:

- ir₁: - verbo pleno;
- indica movimento, locomoção;
 - presença ou possibilidade de inserir um adjunto adverbial de lugar indicando direção;
 - pode ser relacionado com perguntas aonde;
 - não admite nome abstrato como sujeito nem verbo impessoal;
 - não ocorre com verbos estativos nem com verbos que indiquem aproximação do falante;
 - não tem restrições paradigmáticas, admitindo inclusive o Imperativo;
 - pode ser precedido por estar-ndo, ter-do, acabar de, e seguido de para e a fim de.

- ir₂: - verbo auxiliar;
- indica futuridade;
 - não pode ser relacionado com perguntas aonde;
 - não tem restrições de seleção: combina-se com qualquer verbo, mesmo impessoal, e com qualquer nome, mesmo abstrato;
 - não admite o Imperativo nem o Pretérito Perfeito;
 - forma um grupo verbal indecomponível;
 - pode ter valor modal ou valor intensivo.

Realmente, só há uma situação em que a seqüência vou + Infinitivo indica claramente movimento: a presença de um adjunto adverbial de lugar incidindo sobre ir, e não sobre o grupo verbal.

(198) Vou para o escritório trabalhar.

Fora disto, se o grupo verbal for relacionável a perguntas aonde, i.e., se se puder inserir um adjunto adverbial de lugar que indique afastamento do falante, ou se puder combinar-se com estar-ndo, ter-do e acabar de, apenas poderá ser interpretado como ir₁, verbo de movimento.

Significa então admitir a existência de ambigüidades insolúveis, polissemia na linha de Lobato, ou de casos intermediários no processo de gramaticalização, segundo Said Ali, em que, em vez de perda, houve apenas um enfraquecimento do sentido próprio de ir. Em termos práticos, significa não haver critérios adequados, apesar dos esforços dos autores examinados e do vasto elenco de testes apresentados, para determinar se estamos em presença de uma perífrase verbal ou de uma seqüência de verbos concretos. Só outros elementos no contexto ou na situação é que poderão solucionar este impasse.

(199) Vou estudar — ambíguo

(200) Vou para casa estudar — movimento

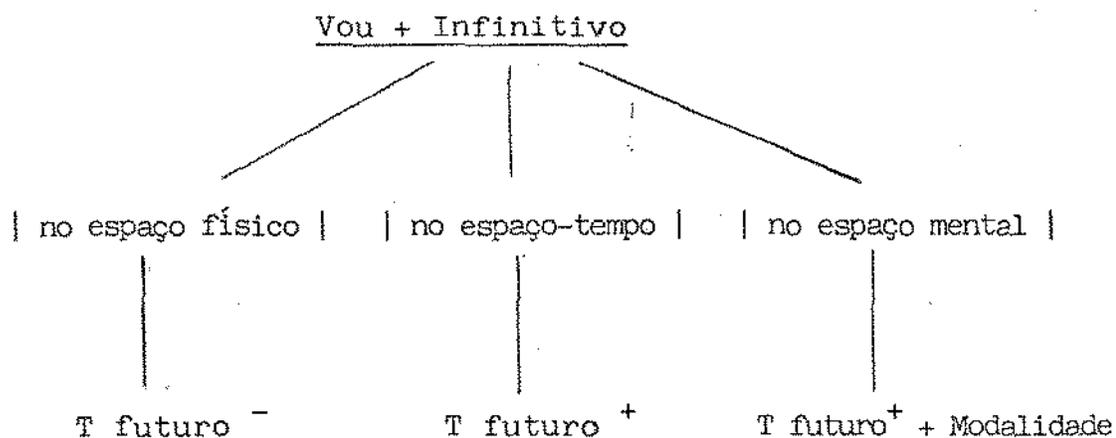
(201) Vou estudar à noite — futuro

Por outro lado, poderíamos questionar esta oposição entre tempo e movimento. Já diz Klum (1966: 57) que o movimento é uma das características fundamentais do tempo, movimento este "em direção ao futuro, Unidirecional e irreversível".

Baseados no valor semântico de ir, para efeito de classificação das seqüências em que este verbo ocorre no Presente seguido de Infinitivo, queremos propor o movimento como supracategoria, abrangendo deslocamento, tempo e modalidade. A estas categorias corresponderia movimento entendido no espaço físico, no espaço-tempo e no espaço mental do falante, respectivamente.

No primeiro caso, ir conserva a sua significação própria e o Infinitivo expressa destinação; trata-se de um grupo verbal não comutável com o Futuro do Presente. Nos outros dois casos estaria configurada uma perífrase verbal com valor de posterioridade, visto que o movimento psíquico também tem por objetivo algo que está por se realizar.

Ter-se-ia o seguinte esquema, que apresentamos como proposta para classificação das ocorrências de vou + Infinitivo.



QUADRO IV

Não devemos esquecer, entretanto, que qualquer classificação em Lingüística é um mero esforço ordenatório: as categorias se recobrem e a ambivalência é própria dos fatos — especialmente em se tratando de língua falada, em que elementos da interação têm um peso na interpretação dos enunciados.

Citamos a propósito Câmara Jr. (1956: 36) que, através do exemplo (202) 'Vou esperar no carro, doutor', mostra a ambigüidade intrínseca da construção, que só o contexto ou situação dissipam: "ao lado da significação temporal primordial a esta locução verbal, há complementarmente, em primeiro lugar, o matiz de significação modal, conotando a intenção do sujeito, e em segundo lugar, o próprio sentido do verbo ir, pressupondo um movimento físico".

III.2. ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS

Nosso esquema de estudo das ocorrências aproveita sugestões de leituras de Paul Imbs (1960), Arne Klum (1966) e José Joaquim Montes (1962).

Imbs também distingue a construção em que ir guarda o sentido próprio daquelas em que forma uma perífrase temporal (IR). Atribui à perífrase a função de expressar o futuro próximo e do ponto de vista modal só registra o emprego volitivo-imperativo. Insiste na necessidade de haver um sentimento de continuidade com o presente, que compara a "um trampolim do qual vêm lançar-se o evento futuro; na ausência de tal sentimento, o Futuro do Presente é que é de regra" (1960: 55). Imbs compara, do ponto de vista psicológico, três frases:

(203) Ele se casa no próximo ano.

(204) Ele se casará no próximo ano.

(205) Ele vai se casar no próximo ano.

Nas últimas duas o porvir é visto como uma entidade psicologicamente distinta, mas em (205) "com a ajuda do verbo ir empregado no PI, construo uma ponte entre o presente e o futuro. () Ao contrário de (203), em que o porvir estava incluído no presente, é o presente que é aqui incluído no porvir: daí decorre que o porvir é facilmente concebido como uma seqüência lógica do presente" (1960: 56).

O mesmo ponto de vista é encontrado em Klum, para quem a perífrase, ao contrário do FP, não opera uma ruptura psicológica com o presente, ponto primário de referência; também atribui ao morfema de PI a função de indicar essencialmente proximidade temporal (escalar) e psicológica da ação verbal: "ao ligar mais ou menos estreitamente o processo à esfera do locutor, o Presente do Indicativo e a perífrase, por oposição ao Futuro do Presente, podem fazer sentir uma fase psicológica, preparatória da ação: a nuance de vontade, de subjetividade, de interesse acrescenta-se assim frequentemente ao valor relacional" (1966: 73).

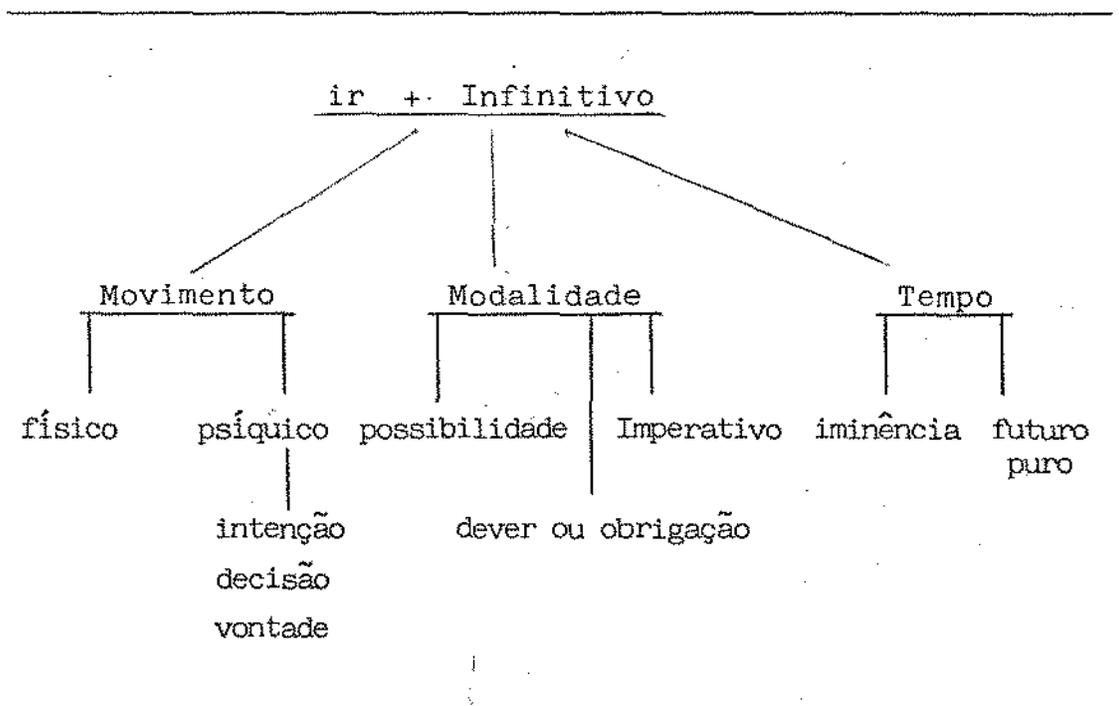
Montes (1962: 19) já tem outra abordagem. Ordena as perífrases de ir + Infinitivo no Espanhol da Colômbia, que comenta serem numerosíssimas e de extraordinária riqueza semântica, sob os seguintes valores e empregos, acompanhando-os de copiosa exemplificação:

- a) o verbo ir mantém parte de seu significado primitivo de "dirigir-se".
- b) de movimento físico passa a indicar movimento psíquico (intenção, decisão, vontade), mas ainda com forte matiz temporal.
- c) pode predominar a incerteza sobre o que está por realizar-se; a perífrase expressa mera possibilidade.
- d) o sentido de iminência ou de intenção que frequentemente acompanha IR se manifesta em fórmulas

exortativas e convites; a perífrase equivale ora a um simples presente, ora a um futuro imediato.

- e) pode expressar dever ou obrigação (mas seus exemplos, perguntas ou expressões irônicas, equivalem a uma negação enfática: 'Não devo').
- f) tem valor de Imperativo.
- g) tem valor puramente temporal.

Em termos esquemáticos, o que Montes está propondo é algo como:



QUADRO V

Deste quadro nos afastamos em nosso Quadro IV ao incluir movimento psíquico na categoria de modalidade; sob o item (d), Montes ordena valores temporais, modais e o valor de reforço de ir, que apresentamos como uma categoria a parte. Nosso esquema propõe o movimento como uma supra categoria e destaca a presença ou não de valor futural. e nestes termos é que classificamos as 518 ocorrências de ir seguido de Infinitivo.

III.2.1. MOVIMENTO NO ESPAÇO FÍSICO

Foram encontradas 40 ocorrências em que ir atende aos testes apresentados na seção anterior para a identificação de ir₁, verbo pleno, com sentido de locomoção.

Destacaremos inicialmente dois exemplos em que um adjunto adverbial de lugar interposto caracteriza de maneira incontestável ir₁:

(206) "Bom, vamos ao hotel, Hotel Chile, ver se conseguimos alguma coisa" (Inq. 208).

(207) "É uma profissão que está sendo bastante reconhecida; inclusive elas vão, podem ir pro Instituto Geográfico fazer trabalhos" (Inq. 41).

Do ponto de vista temporal, temos em (206), em que se exprime uma ação singular, um Presente atual, simultâneo ao momento da fala, e em (207) um Presente de descrição. Observe-se que nesta o informante retifica sua fala, modalizando-a, ao substituir vão por uma perífrase modal.

Nas demais ocorrências classificadas sob este item nas quais não havia um adjunto adverbial de lugar incidindo sobre o primeiro verbo, procuramos no contexto discursivo ou situacional elementos que permitissem caracterizá-las como um grupo verbal, não comutável com o FP, visto que ir conserva seu sentido próprio.

Um dos testes propostos por Pontes para a identificação de ir₁ é a possibilidade de inserir um adjunto adverbial de lugar. Neste corpus encontramos três situações:

a) há no contexto uma expressão de lugar:

(208) "Na Biblioteca Central da USP é que vai muita gente de nível médio, alguém que vai procurar uma coisa, sente dificuldade e tal" (Inq. 162).

(209) "A Caixa Econômica, você vai tomar dinheiro em prestado na Caixa Econômica, normalmente eles exigem (...)" (Inq. 250).

(210) "Porque aquelas igrejas antigas, hoje eu até me aborreço quando eu vou visitar de ver todo mundo fazendo da igreja um museu" (Inq. 242).

b) o lugar está incluído no predicado verbal ou se pode inferir:

(211) "Confessionário é fechado dos lados com portinholas e é destinado só pra^s pessoas que vão se confessar" (Inq. 21).

(212) "Eu já não saberia fazer isso; vou comprar a gasolina, ponho a gasolina, mas e depois?" (Inq. 167).

(213) "Um filme musical, a gente vai assistir um filme musical, quer ouvir uma voz boa, uma música boa e a boa dicção" (Inq. 213).

No primeiro exemplo, o radical verbal já contém a idéia do lugar onde se realiza a ação (= vai à igreja se confessar); nos outros infere-se "ao posto", "ao cinema".

c) por informações contextuais e extralingüísticas, entende-se que é necessário um deslocamento para efetuar a ação expressa pelo Infinitivo.

(214) "É, se for social você tem que ir vestida de acordo com a família do morto que você vai visitar" (Inq. 22).

(215) [o informante descrevera o café da manhã]
"An... eu vou trabalhar" (Inq. 6).

(216) "Então fica lendo um livro, faz alguma coisa, dorme à tarde, à noite vai passear, vai a um cinema, se reúne" (Inq. 167).

Os grupos verbais examinados até agora não são comutáveis com o FP, visto que não há noção de posterioridade. Nota-se, outrossim, que o contexto indica ações repetidas,

quer iterativas, quer habituais. A idéia de repetição pode estar ligada ao próprio falante, a um grupo ou classe de pessoas ou a sujeitos indeterminados:

- (217) "às vezes, quando eu vou dormir tarde e preciso levantar mais cedo, eu falo..." (Inq. 167).
- (218) "a turma de Fortaleza sábado e domingo vão passear em Pirapora, vai nadar, tem um balneário lá" (Inq. 133).
- (219) "os peões, eles costumam chamar o gado, por exemplo, quando ele vai levar o sal no pasto, e coloca o sal no cocho, ele já costuma avisar o gado" (Inq. 18).
- (220) |coleta na igreja| "pode passar uma bandeja, uma cesta, ou às vezes fica na frente mesmo e as pessoas vão levar" (Inq. 21).

Nestes contextos em que se exprimem ações repetidas, o verbo ir corresponde a um Presente iterativo ou de hábitos. Observa-se que em algumas ocorrências, em que o informante descreve ações conhecidas ou generalizadas, a noção de habitualidade predomina sobre a de movimento: o grupo verbal pode ser substituído pelo PI do segundo verbo sem causar qualquer modificação no sentido do enunciado, como o demonstram os exemplos abaixo, em que alterna com uma forma de PI na oração contígua:

- (221) "Não, não, leite e pão se vai comprar na padaria, não é? compram pãozinho na padaria, vai comprar um presunto, um queijo" (Inq. 7).
- (222) "Então nós temos aquele dentista que tem um consultório e aquele dentista que vai trabalhar pro governo ou trabalha em escola" (Inq. 41).

A substituição também é possível em (219):

(219') "quando ele vai levar o sal no pasto" = quando ele leva.

Em alguns casos poderíamos considerar que há ambigüidade entre ir₁, verbo pleno, e ir₂, auxiliar de futuro, pois o grupo verbal, ao mesmo tempo em que satisfaz os critérios para identificação como verbo de movimento, poderia ser comutado pelo FP:

(214') "a família do morto que você vai visitar" = que você está indo visitar :: que você visitará.

(220') "fica na frente e as pessoas vão levar" = vão na frente levar/estão indo levar :: levarão

Há um valor de posterioridade, pois se trata de uma ação subsequente a outra (R— E). Paralelamente há a noção de generalidade, marcada por "as pessoas" e "você" indeterminado, e de intemporalidade, visto que se descreve uma norma de comportamento social ou uma prática vigente na igreja; isto favorece a interpretação de ir como verbo pleno, correspondendo a um Presente de descrição, de valor intemporal.

(216') "à noite vai passear" = vai para a rua passear :: passeará.

Neste dado, em que a informante descreve o que (se) faz na praia num feriado chuvoso, tratam-se de ações em seqüência, habituais — há uma série de formas de PI; com o emprego de vai + Infinitivo, ela destaca um momento distinto em sua rotina, separa as atividades diurnas das noturnas, as realizadas em casa das realizadas fora.

Sob o item III.2.1. — Movimento no espaço físico — em que as ocorrências de ir + Infinitivo foram classificadas como uma seqüência de dois verbos plenos, observamos que na maioria dos casos o processo de gramaticalização não se efetuou porque o contexto se refere a ações ou si-

tuações repetidas, quer habituais, quer generalizadas. Estes dados em que ir mantém o sentido próprio e o Infinitivo exprime destinação, pelo fato de não constituírem uma verdadeira perífrase, não foram computados como formas alternantes do FP.

III.2.2. MOVIMENTO NO ESPAÇO MENTAL

Em alguns casos o movimento é de natureza psíquica e se passa no espaço subjetivo do falante, que assume diversas atitudes a respeito do evento futuro: intenção, determinação, desejo, dúvida, suposição, expectativa, etc. A perífrase adquire uma coloração modal, sem entretanto perder seu valor temporal de posterioridade, visto que se refere a algo que está por se realizar.

Lobato (1970: 40), que classifica ir como auxiliar de desenvolvimento e o menos ligado à classe da modalidade, diz que "suas nuances modais são efeitos de sentido comparáveis aos do 'tempo' futuro e dependentes do contexto: interrogativo, exclamativo, negativo".

Fleischman (1982: 155 e 132), ao comentar que nas línguas românicas atuais duas formas disputam a expressão do futuro — uma sintética, primordialmente modal e outra analítica, primordialmente temporal, ressalva que IR pode exprimir algumas das modalidades associadas ao FP, especialmente "likelihood" (= probabilidade/expectativa razoável) e volição.

Usamos como teste para classificar as ocorrências de IR neste item a substituição por um auxiliar modal que especificasse a subcategoria em que se pode enquadrá-las; determiná-la com exatidão é praticamente impossível, pois, além de as noções por vezes se sobreporem, depende também da situação em que a sentença é emitida, das relações entre os interlocutores, da entoação e de elementos extralinguísticos. Desta forma, o teste representa apenas uma tentativa para explicitar a nossa intuição.

ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS

1. Indicando intenção, vontade, determinação

Para as noções acima, propomos a comutação pelos auxiliares pretender, querer e haver de.

(223) "Vocês vão acampar lá?" (Inq. 167).

(224) "E eu mostrava prá todo mundo e as pessoas: 'Mas vocês vão fazer uma cidade aqui?'" (Inq. 312).

(225) "Mas é preferível a pessoa se organizar e se todo ano ele vai renovar, digamos, vinte alqueires de sua lavoura" (Inq. 38).

Aqui a perífrase é modificada por um adjunto adverbial que expressa habitualidade, repetição, o que dilui a idéia de futuro; isto leva a interpretar vai renovar = pretende renovar.

(226) "em plena gravação ele pára e 'Olha aqui, num vou falar sobre nada disso, eu vou falar sobre minha vida profissional'" (Inq. 350).

(227) "juros paga quem deve, eu não vou dever, vou pagar à vista" (Inq. 250).

(228) "Essa menina, agora questão de meia dúzia de anos (), deu um estalo na cabeça dela, ela disse: 'Vou ser advogada'" (Inq. 250).

A pessoa verbal (1ª pessoa do singular) bem como o tipo oracional (orações independentes, asseverativas) relacionam-se naturalmente com as noções verbais acima; e o tom de voz, mais ou menos enérgico, definirá o grau de decisão do sujeito: de mera intenção até determinação firme, caso em que ir = haver de.

A determinação do falante de que se realize o fato expresso por IR também está presente em:

(229) "Agora você vai ver, vai pôr em ... vai tirar a dúvida quanto ao que AM escreveu (Inq. 208).

2. Indicando incerteza

No quadro IV foi atribuída a IR indicando movimento no espaço mental a noção de T futuro⁺ acrescido de modalidade, o que seria paralelo ao Futuro temporal com coloração modal. Houve entretanto um dado em que o valor futural esteve ausente:

(230) "Você olha de longe assim, você tem a impressão de que lá longe vai estar garoando" (Inq. 167).

As formas de PI nas orações precedentes, bem como o aspecto durativo do auxiliar estar e do morfema de gerúndio no verbo principal neutralizam a noção de posterioridade de IR. Duas interpretações são possíveis: considerar como um uso puramente modal, ou seja, do ponto de vista temporal o evento está em relação de simultaneidade com o momento da fala (SE ou ES), analogamente ao Futuro modal. Para determinar qual é a noção modal, propomos a comutação pelo auxiliar dever: a sentença é parafraseável por "deve estar garoando", "provavelmente está garoando", interpretação esta relacionada com a presença de uma expressão de incerteza na primeira oração.

Outra possibilidade de análise, diante da ausência do valor de posterioridade, é a de se atribuir ao auxiliar ir a função de reforço, o que será comentado na conclusão deste capítulo. Observe-se que pode ser omitido, substituindo-se a construção verbal pelo PI do segundo auxiliar sem que se altere o sentido do enunciado; permanece o matiz de incerteza, decorrente do conteúdo da oração subordinante.

Registramos outros dados em que IR é acompanhada de uma expressão de incerteza. Entretanto, esta co-ocorrência não garante uma interpretação modal a IR, que pode inclusive manter um valor puramente temporal, como em (231):

(231) "Você tem a impressão que vai acabar destruindo todo o canavial" (Inq. 38).

(232) "Não sei se vou responder bem sua pergunta" (Inq. 250).

(233) "Com o primário só está difícil; ele vai trabalhar numa indústria, mas não vai pegar um cargo assim especializado, vai ser um auxiliar" (Inq. 251).

Estas ocorrências admitem a substituição por poder, mas o contexto sugere para este auxiliar, além de possibilidade, o sentido de capacidade: "ser capaz de", "ter condições de".

(232') Não sei se posso responder bem = não sei se sou capaz de responder bem

(233') Ele pode trabalhar numa indústria = ele tem condições de trabalhar numa indústria

A noção de incerteza também pode estar relacionada com o padrão interrogativo, como nestas perguntas que os informantes fazem a si mesmos:

(234) "Que mais que eu vou falar? Ah! Ele foi tratar no médico" (Inq. 21).

(235) "Então, se eu vou orientar uma pessoa que precisa trabalhar, o que é que eu vou orientar?" (Inq. 41).

(236) "Eu acho difícil a gente saber o quê, como é que deveria ser (). Como é que a gente vai saber como é que deveria ser o teatro e o cinema?" (Inq. 213).

3. Expressando conjectura

Destacamos 6 ocorrências de vamos ver, correspondendo a "quem sabe?". Registraram-se em 3 inquéritos e encerravam uma noção de conjectura, geralmente somada a sentimentos de expectativa ou desejo por parte do falante.

(237) "sempre trabalhando, lutando, e vai indo, vamos ver até quando" (Inq. 208).

(238) |viagem à Bahia pelo litoral| "Mas seria bem interessante, vamos ver. Essa viagem é bem bonita, vamos ver a próxima vez, agora vai ter congresso em Recife" (Inq. 167).

(239) "Olha, tem quatro dias, vamos ver se a gente consegue pegar uns dois ou três dias de sol" (Inq. 167).

(240) "Vamos ver se vai sair "A Muralha", né? Vamos ver. Há tanto tempo prometida..." (Inq. 333).

4. Outros matizes modais

Agrupamos sob este item ocorrências em que elementos lingüísticos e extralingüísticos sugerem diversas interpretações para IR como perífrase modalizada; insistimos que o valor modal acrescenta-se ao valor temporal de posterioridade, não o anula.

Na maioria dos casos, o auxiliar ir é comutável por poder e o contexto é interrogativo, mas o que assoma é um sentido negativo, de impossibilidade de se efetuar a ação verbal.

Fleischman (1982: 132) lista entre as aplicações modais do FP o Futuro de indignação, que "ocorre tipicamente em perguntas retóricas e transmite o sentimento de afronta do

falante, ou de ser colhido de surpresa por alguma coisa que lhe foi implicada ou atribuída no discurso precedente". Tal emprego não foi registrado no Capítulo I, mas estes dados de IR são exemplares:

(241) "Eu sei que J. gosta do rapaz, os dois se amam, então prá que que você vai impedir?" (Inq. 208).

(242) "Se começa à 9 horas um concerto, eu vou ter que sair de lá às 9:15 pa chegar aqui às 10. Então o que qu'eu vou fazer lá?" (Inq. 208).

(243) "Mas doutor, se a minha senhora não fica de pé, como eu vou levá-la no seu consultório pa tirar os pontos?" (Inq. 208).

Aqui também não se pressupõe que o interlocutor responda objetivamente ao falante que, através destas perguntas, manifesta sua perplexidade, sua indignação. Veiculam uma atitude de protesto e correspondem a uma negação enfática: "Não vou levá-la!".

(244) "Quem aqui em São Paulo vai sentar pra pedir um cafezinho, não?" (Inq. 7).

Subentende-se aqui o mesmo sentido negativo, de impossibilidade de realizar a ação verbal; pelo contexto pragmático, ir tem o sentido de ousar.

Nas ocorrências abaixo, ir pode ser comutado pelo auxiliar dever com o sentido de obrigação. É de se notar que as sentenças são negativas:

(245) "Uma pessoa de mais idade tem que ser mais correta, mais sóbria; por exemplo, um homem, um homem não vai aparecer com aquela calça muito larga, né?" (Inq. 244).

(246) "Se você preferir fazer a feijoada em casa, você não vai comprar aqueles prontinhos de supermercado não, que aquilo lá é cheio de gordura" (Inq. 235).

- (247) "De fato a gente está acostumado a raciocinar em taxa de juros a gente pagando; não vamos esquecer que os bancos recebem, certo?" (Inq.250).

Dados os contextos discursivos, IR corresponde a uma recomendação.

5. Com valor de Imperativo

O Imperativo está ligado à modalidade da volição, que abrange desde ordens enérgicas até convites e sugestões. Teríamos um pedido no exemplo abaixo:

- (248) "Pois é, sabe, |Cuiabá| não me impressionou, vai desculpar" (Inq. 133).

A interpretação como Imperativo também poderia ser deduzida da situação discursiva, das relações entre os interlocutores — nos exemplos abaixo, marido e mulher, médico e paciente, orientadora e alunos. É linguisticamente marcada pela presença de um pronome de 2ª pessoa, mas dependerá da entonação.

- (249) "Bom, você não vai tomar coisa nenhuma, vai consultar o ginecologista e ele que te receite o que deve ser feito" (Inq. 208).

- (250) "A senhora vai pôr mercúrio-cromo e deixar fechar" (Inq. 208).

- (251) "Você vai trabalhar em engenharia ()
Você vai ser médico" (Inq. 41).

6. Em exortações

Destacamos neste item os dados em que ir vem conjugado no Presente do Subjuntivo, podendo o grupo verbal ser substituído por este tempo gramatical:

(252) "Então vamos ver o que vai no seu carro e o que vai no meu" (Inq. 167).

(252') Então vejamos o que vai no seu carro ...

Montes (1962: 23) atribui este emprego ao "sentido de iminência ou intenção que freqüentemente acompanha esta perífrase" e "que se manifesta principalmente em certas fórmulas exortativas ou de convite".

(253) "então fala: 'Vamos almoçar comigo?'
Então vocês 'Vamos'" (Inq. 235).

(254) Doc: "E nós procuraremos falar sobre o ciclo da vida"

Inf: "Então vamos começar" (Inq. 21).

(255) "Bom, vamos continuar, eu me perdi um pouquinho" (Inq. 5).

Há neste caso o emprego da linguagem em sua função conativa, que Bühler denomina apelo: o locutor procura influenciar o destinatário da mensagem, obter sua adesão à ação proposta, ao mesmo tempo em que nela se inclui.

Há um caso interessante no DID 5:

(256) "Eu estava conversando um dia com um amigo meu e ele me disse de fazer então um curso de Economia: 'Vamos fazer Economia?' né, vamos fazer Economia. Eram 10 horas da noite, então entramos na casa dele e começamos a estudar" (Inq. 5).

As duas ocorrências de vamos fazer Economia situam-se em planos diferentes: na primeira é reportado um convite e na segunda o locutor dirige-se a si mesmo, numa espécie de auto-apelo.

Como critério de identificação das exortações, propomos a marca de 1ª pessoa do plural no auxiliar e a comutabilidade pelo Presente do Subjuntivo do verbo principal:

(257) "Então vamos dizer que tivesse um orçamento bem elevado" (Inq. 5).

(258) "Por outro lado, vamos supor uma fazenda que tenha uma cota" (Inq. 38).

O locutor apresenta uma situação hipotética e propõe ao ouvinte que o acompanhe neste plano irreal, ou que aceite o exemplo com que ilustra um texto narrativo-descritivo.

(88) "Vamos supor um assalariado que receba um milhão e duzentos no início do mês" (Inq. 388).

Assinale-se que em 50% dos dados em que IR corresponde a uma exortação registrou-se o verbo supor.

7. Como operadores conversacionais

Consideramos como tal ocorrências de vamos dizer e vamos supor em contextos sintáticos bem definidos. Devido ao número considerável e às suas funções específicas, merecem destaque, embora sem um tratamento aprofundado, visto que não afetam a predicação.

Foram registradas 57 ocorrências de vamos dizer e 10 de vamos supor que embora atendam aos critérios de classificação no item anterior — verbo na 1ª pessoa do plural e comutabilidade pelo Presente do Subjuntivo — têm, por outro lado, a característica de ocorrer entre pausas (ortograficamente representadas por vírgulas) e corresponder a uma mudança no padrão entonacional.

A expressão vamos dizer tem por função manter o discurso do falante, dando-lhe tempo para coordenar as idéias ou procurar alguma palavra ou melhor forma de expressão; algumas vezes marca uma insegurança ou reserva quanto a um termo empregado.

- (259) "É preciso desenvolver muito nos professores é a ... o ... vamos dizer, o trabalho de motivar o aluno para que eles aproveitem tudo isso (Inq. 242).
- (260) "A tulha é um, vamos dizer, um barracão fechado onde o café fica armazenado" (Inq. 18).
- (261) "Nós vemos esses, vamos dizer assim, imigrantes do norte ()" (Inq. 214).

Cumpra assinalar que 60% dos dados (34 ocorrências) advieram de um mesmo informante, que também a empregava em um padrão interrogativo:

- (262) "O terreiro é uma porção, vamos dizer, de terra calçada com lajota, bom, às vezes cimentada, mas em geral é com lajota e fica ali ... é, como vamos dizer, poderia chamar ... um chão, às vezes até chão batido, mas normalmente tem lajota no terreiro" (Inq. 18).

Em alguns inquéritos, vamos dizer alternou-se com digamos. Ocorreu também um número considerável do grupo verbal quer dizer, mas este tem uma função diferente: anuncia a explicitação de declarações anteriores.

- (263) "digamos, dentro do razoável, dentro de certos parâmetros, vamos dizer assim" (Inq. 5).
- (264) "A vaca produz leite enquanto ela tem bezerro. E essa, vamos dizer, é a situação natural; e uma vaca muito boa continua produzindo leite até sem bezerro, quer dizer, se o bezerro morre, ela continua produzindo leite" (Inq. 18).

A expressão vamos supor como operador conversacional registrou-se em 3 inquéritos; corresponde a "por exemplo".

- (265) "Quando se planta um cereal, vamos supor, o milho" (Inq. 38).

(266) "um espetáculo, vamos supor, de cinema" (Inq. 213).

(267) "os empregados vão ... de ... uma determinada é poca do ano, vamos supor, por exemplo, por mês, cada mês" (Inq. 93).

Observe-se que a omissão dos operadores conversacionais não afeta o sentido do enunciado.

Os operadores conversacionais, por exprimirem estados de espírito do falante, foram classificados como perífrases com valor modal; identificação da categoria da modalidade a que pertencem é problemática, justamente por constituírem uma estereotípiã. Do ponto de vista temporal, referem-se naturalmente ao presente da enunciação.

O exame de nossos dados e as observações ao longo do item II — Movimento no espaço mental — sugerem que descobrir valor modal em IR é mais um exercício de interpretação das intenções comunicativas do falante do que um trabalho de taxonomia gramatical.

III.2.3. MOVIMENTO NO ESPAÇO-TEMPO

Examinaremos agora os casos em que ir corresponde a ir₂, com função de auxiliar, o que configuraria uma perífrase verbal com valor de posterioridade, comutável com o Futuro do Presente.

Vimos na Introdução que ao contrário do FP, que sugere um distanciamento ou ruptura escalar e psicológica com o momento da fala, com o emprego de IR vê-se o evento como que vinculado a esse momento.

Segundo a maioria dos autores, IR expressa primordialmente o futuro próximo, "um futuro que está em contato imediato e em continuidade com o presente" nas palavras de Imbs (1960: 55) que, numa imagem feliz, compara ir a um caminho que liga as duas divisões do tempo. Ainda Imbs vê a

expressão de futuro próximo através desta perífrase de duas maneiras:

- a) só o começo de um processo verbal, em si durativo, situa-se no futuro próximo.

(267) Isto vai durar 17 anos.

- b) Todo o processo verbal é situado no futuro, quando a idéia verbal é perfectiva.

(268) Vai começar daqui a duas horas.

Para Klum (1965: 73), embora o FP, PI e IR partilhem da função vetorial +V (posterioridade), eles se opõem pelo fato de que PI e IR normalmente indicam proximidade temporal e, em virtude do morfema de Presente, do ponto de vista psicológico estão estreitamente ligados ao presente da enunciação e ao locutor; o FP, por outro lado, em princípio é neutro quanto ao intervalo de tempo que separa S de E e marca facilmente, por oposição, uma dissociação psicológica com o observador-locutor.

Fleischman (1982: 86) contesta a distribuição entre IR e FP em termos de distância temporal de S, pois ambos podem exprimir futuridade próxima e distante e combinar-se com os mesmos adjuntos adverbiais de tempo. Depois de examinar e criticar as várias diferenciações propostas — temporais, aspectuais e modais — fixa-se em prospecção ou relevância presente, um critério aspectual que engloba iminência, inepção-incoação e evento assumido, ao qual acrescenta intencionalidade/premeditação: "está inerente a todas estas noções uma conexão entre presente e futuro, segundo a qual a ação ou evento futuro, independentemente de sua distância no tempo real de S, é visto pelo falante como resultado ou de algum modo relacionado com o estado de mundo atual. O ponto a assinalar é a natureza psicológica em vez de cronológica desta ligação com o presente, o que explica a possibilidade de vou + Infinitivo marcar eventos localizados mesmo no futuro remoto" (p. 96).

Já Câmara Jr. (1956: 35), ao definir IR como "um tempo por vir que se estende do tempo atual sem solução de continuidade", ao contrário das formas em -r-, que representam a expressão "absoluta" ou autônoma de um processo vindouro, desligado do momento atual, também assinalava "uma evolução semântica de IR no sentido de um futuro amplo, para qualquer fato posterior ao momento atual". Por esta ampliação de sentido está tomando o lugar da forma sintética em todas as línguas românicas.

A predominância de IR no Espanhol falado na Colômbia foi constatada por Montes e no México por Alba. Neste corpus registramos 348 ocorrências de IR em relação a 80 ocorrências de FP. Na análise dos dados, procuramos manter o critério sintático de co-ocorrência de elementos gramaticais mas também levar em conta informações do contexto extralingüístico.

ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS

1. IR em co-ocorrência com elementos gramaticais

1.1. co-ocorrência de advérbios ou expressões temporais

São relativamente poucos os enunciados em que IR apresenta-se acompanhado de um advérbio ou expressão de tempo: 61 ocorrências. Klum (1965: 217), a respeito do sistema temporal francês, assinala esta economia adverbial — em 398 ocorrências de IR, só havia 34 (8,5%) em combinação com os complementos do tempo que ele estudava — e explica pelo fato de que os advérbios compatíveis com IR apenas redobrariam o valor escalar de posterioridade e o valor relacional de proximidade já implicados pela perífrase. Ressalva entretanto que "não é impossível encontrar esta série verbal com um advérbio denotando o porvir remoto ou vagamente indicado".

1.1.1. indicando futuro próximo

A respeito deste subtítulo, sob o qual foram classificadas 53 ocorrências, diga-se que o valor semântico da expressão temporal não é decisivo para se determinar a distância entre S ou E e E; tal valor pode até ser contrariado pelo contexto discursivo ou por fatos de conhecimento do mundo. Assinale-se ainda que classificar um evento como próximo ou mais distante depende de avaliação individual, como também determinar o limite entre o que é futuro próximo ou futuro remoto: um mês, um ano, sete anos?

Registramos 9 ocorrências com o advérbio agora que, aliás, nos dados de Klum foi responsável por 50% dos casos de combinação de IR com advérbio.

(269) "e por isso vamos agora afirmar que os objetos voadores não identificados não são novidade" (Inq. 365).

(270) "eu num vou votar agora em 15 de novembro" (Inq. 214).

(271) "dizem até que vai haver um sistema agora de vo cê ligar e ver a cara da pessoa" (Inq. 255).

Embora este advérbio relacione-se com o presente da enunciação — o "eu-aqui-agora" — nossos dados apontam para uma distância temporal variada entre S e E, indo desde um futuro imediato. (5 dados), correlacionado com verbos "diciendi", até um intervalo de tempo considerável, levando-se em conta a informação pragmática, como em (271). A escolha de um advérbio que denota o presente da enunciação é um recurso que o falante emprega para enfatizar a proximidade psicológica da ação ou eventos futuros.

(272) "eu acho isso repousante, saber que eu vou tomar um trem, chegar daí a sete horas" (Inq. 255)

(273) "como a gente vai ver na próxima aula" (Inq. 388)

Houve 3 ocorrências com o adjunto adverbial 'na próxima aula', na EF 388; 7 com o advérbio hoje e 2 com amanhã.

(274) "hoje vai ter um filme bom, vai passar um filme que eu já assisti, então eu até aviso o pessoal: 'Olha, vamos ver hoje esse filme'" (Inq. 255).

(275) "o que se ouve hoje no rádio só vai ser dado amanhã no jornal de cedo" (Inq. 133).

(276) "uma coisa que hoje, se eu usar, vão dar risada de mim, é galocha" (Inq. 6).

Observe-se a variação semântica do advérbio hoje: em (274) denota um momento específico, posterior a S, que por razões pragmáticas interpreta-se como "hoje à noite"; em (275) corresponde a um momento dilatado, com todo um dia de duração; ou, considerando-se a forma de PI ouve associada à partícula de indeterminação se, que instituem um presente amplo R, de valor intemporal, o enunciado teria uma interpretação generalizada, de modo que os advérbios hoje e amanhã equivaleriam respectivamente a "em um dia" e "no dia seguinte"; e em (276) hoje tem sentido de "atualmente", "nos dias atuais".

(277) "se não conseguir |um hotel|, vamos ficar andando até amanhã" (Inq. 208).

(278) "quem tempera as carnes que eu vou assar no dia seguinte é a minha baiana" (Inq. 11).

(279) "você planta |a cana| e vai dar o primeiro corte de julho a novembro do ano seguinte." (Inq. 38).

Há um paralelismo entre as ocorrências (274) e (277) e entre as ocorrências (275) e (278). As expressões temporais em (277) e (278) são equivalentes em termos de intervalo de tempo, mas em (277) a relação de posterioridade do

processo verbal expresso por IR corresponde a uma seqüência S—E, como também é o caso da ocorrência (274), enquanto que em (278) corresponde a uma seqüência R—E, como também em (275).

Foram registradas 7 ocorrências com o advérbio depois em enunciados que correspondiam tanto a seqüências S—E quanto a seqüências R—E.

- (280) "Tudo isso a gente vai discutir um pouquinho me lhor depois" (Inq. 388).
- (281) "então põe as coca-colas, põe a cerveja, depois vamos pôr os colchões" (Inq. 167).
- (282) "depois o pedreiro vai preparar a argamassa; en tão ele vai misturar com a enxada" (Inq. 5).
- (283) "ele não está preocupado se aquele resíduo da fábrica vai matar os peixes e depois então as populações rurais pobres não vão se... poder se alimentar daquele peixe nem entra na cogitação dele" (Inq. 255).

Em (281) há uma sucessão de ações expressas pelo Presente de narração que culminam com a ação expressa por IR; em (283) camadas temporais sucessivas são marcadas pelo PI, pela primeira forma de IR e pela oração com IR introduzida pelo advérbio depois.

(284) Loc.1: "Ah, tenho sim, ela vai ter o bebê agora em janeiro, né?"

Loc. 2: "É ... pois é, ela vai ter o bebê prá janeiro, um pouquinho antes da Ana... que vai ter em fevereiro, né?" (Inq. 21).

(285) "Neste ano de 1973 eu vou fazer o Pantanal" (Inq. 133).

Estes foram os únicos exemplos com datas: não há uma indicação da época de S para que se possa avaliar a distância temporal de E, mas em (284) o advérbio agora no turno do locutor₁ e em (285) o demonstrativo deiticamente ligado à enunciação apresentam a época futura como próxima.

(286) "vai aumentar a rentabilidade desta ação no mês que vem" (Inq. 388).

- (287) "daqui a 6 meses a Srª vai ter que fazer operação de períneo" (Inq. 208).
- (288) "parece que a partir do ano que vem já não vai haver mais esse símbolo, essa tapa simbólico" (Inq. 21).
- (289) "daqui a uns 10 anos o professor secundário não vai ter em que trabalhar" (Inq. 41).

Nos dados acima, embora as expressões temporais exprimam um momento futuro cronologicamente distante, têm como referência o momento atual do observador-locutor (8 ocorrências); isto confirmaria a opinião dos autores supracitados de que com o emprego de IR mantém-se o laço psicológico que liga o evento futuro, mesmo remoto, ao locutor, como um desenvolvimento natural de seu presente. Aliás, as expressões temporais também ilustram "as duas perspectivas sobre a relação entre homem e evento" (Fleischman 1982: 79): situado em seu ponto de observação, seu presente atual, vê o futuro vindo em sua direção ou então move-se em direção a ele.

A co-ocorrência de meios lexicais explicitará a duração ou repetição do processo verbal:

- (277) "vamos ficar andando até amanhã" (Inq. 208).
- (290) "nas camadas mais altas eu acho que o cinema ainda vai perdurar durante muito tempo" (Inq. 333).
- (291) "eu acho que a Paula vai ser sempre Paula" (Inq. 22)
- (292) "Se você depositou Cr\$ 2.000,00, vamos figurar sempre a hipótese de que a gente deposita mais do que tira, né?" (Inq. 250).
- (293) "No fim da tarde do dia 30 ele recebe de novo Cr\$ 1.200,00; então ele vai ter de novo no bolso... han... ele vai ter cr\$ 1.200,00 novamente de moeda... e reinicia o ciclo" (Inq. 388).

Reportamo-nos a Imbs que diz que quando o processo verbal em si é durativo — e em (290) e (291) as expressões co-ocorrentes prolongam-no ainda por uma época distante, a perífrase situa o início do processo no futuro próximo.

- (294) "E a Teresa vai de vez em quando lembrar, né, ler, ouve a fita..." (Inq. 11).

- (295) "Então essas pessoas, essas grandes faixas de população pobre, evidentemente vão cada vez mais ... hê ... renunciar ao cinema" (Inq. 333).

Observação análoga aplica-se aos dados acima, em que as expressões co-ocorrentes transmitem ao processo verbal os aspectos iterativo e progressivo.

1.1.2. indicando futuro remoto

Em apenas 5 dados as expressões co-ocorrentes referem-se a uma época vaga ou indeterminada para a realização do E, que se poderia interpretar como um futuro remoto.

- (296) "que futuramente eu acho que vai ser o mais certo" (Inq. 93).
- (297) "então para o futuro nós vamos ter em vez de colegial, clássico-colegial, nós vamos ter várias profissões, desde vidraceiro, jardineiro e tudo" (Inq. 41).
- (298) "Não adianta, pode discutir quanto quiser que nunca vai se chegar a uma conclusão" (Inq. 32).
- (299) "Mas o H já disse que qualquer hora vai acontecer a mesma coisa" (Inq. 167).

Um comentário sobre a ocorrência (299): à primeira vista a expressão qualquer hora refere-se a um futuro indeterminado, mas no contexto discursivo, em que a informante discorre sobre problemas mecânicos que tivera com o automóvel, entende-se uma noção de iminência.

1.2. IR com outra forma verbal de futuro

Foi registrada a co-ocorrência de IR com 1 forma de FS em oração não condicional e com 6 de FP.

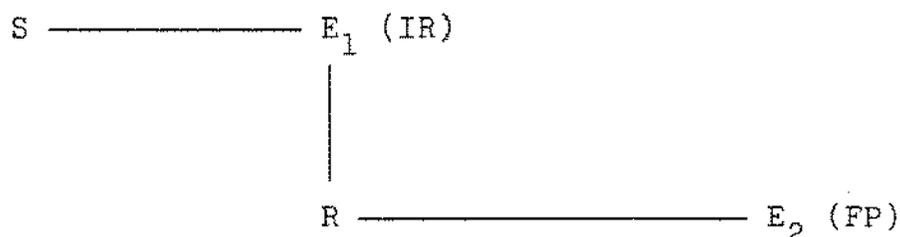
- (300) "quando ele chegar na minha condição de hoje, ele vai verificar que deixou muito a desejar na escola" (Inq. 5).

Neste dado, a oração adverbial temporal com o FS estabelece uma época futura como ponto de referência R, em relação à qual o E expresso por IR é simultâneo: tem-se uma

seqüência S—RE.

A co-ocorrência de IR com o FP já foi examinada no Capítulo I: exemplos (15) a (20) e exemplo (78). Nas ocorrências (15), (16) e (18) há uma relação de ulterioridade: o E_1 expresso por IR, já com o traço de posterioridade, representa R para a localização do E_2 , expresso pelo FP, que então lhe é posterior, ou ulterior.

(16) "As fundações já vão prever as dependências que comporão a casa"



Na ocorrência (19), IR é uma perífrase modalizada, em que o auxiliar ir tem o sentido de "pretender" e o morfema do FP em uma forma verbal composta intensifica o valor modal do auxiliar precisar.

(19') "Se todo ano ele vai renovar (), ele precisará ter"

Na ocorrência (20), trata-se de construções verbais em que ir é um verbo pleno de movimento, sem ligação com o E expresso pelo FP, que indica posterioridade em relação ao PI genérico pergunta.

(20') "A pessoa vai fazer um pagamento na compra de um imóvel () e pergunta: 'O senhor exige o cheque... visado?' e o outro, o que vai receber, o vendedor, dirá sim ou não" (Inq. 250).

Finalmente, na ocorrência (78), IR segue-se à expressão fixa será que: o enunciado como um todo exprime conjectura do falante quanto à efetivação de um evento futuro.

(78) "Será que vai demorar muito?" (Inq. 167).

Registre-se aqui que não é rara a ocorrência de várias formas de IR no mesmo contexto. (vide ocorrências (282) e (283)).

1.3. IR em períodos hipotéticos

1.3.1. IR ocorre na prótase

Ao contrário do FP, IR não tem restrições distribucionais e pode ocorrer em orações adverbiais introduzidas pelas conjunções "quando" e "se".

Foram registradas 7 ocorrências de IR em orações adverbiais condicionais, mas em duas não se configurou um período hipotético, em que o fato da oração principal é decorrente da realização do evento da oração condicionada. Por exemplo, em (301) há dois atos de fala distintos, uma suposição e uma pergunta retórica com que o falante exprime sua perplexidade, seu desconcerto, quando se depara com a situação de ter de orientar vocacionalmente um aluno que não pode se dedicar exclusivamente ao estudo:

(301) "então, se eu vou orientar uma pessoa que precisa trabalhar, o que é que eu vou orientar?"
(Inq. 41).

Compare-se (301) com substituições pelo FS:

(301') Se eu orientar

(301'') Se eu for orientar

Com o emprego do auxiliar no PI, a hipótese apresenta-se como mais concreta e real, ao passo que FS lhe dá um caráter de eventualidade. Em (301') teríamos um futuro indefinido, que combinaria com a expressão "algum dia", e em (301'') uma época mais remota ainda, mais eventual, algo como "alguma vez na vida".

(302) "então, se a gente vai assistir o teatro lírico, tem que ouvir a música e a voz" (Inq. 213).

(303) "Se você vai fazer um tipo de adubo, aí é ... aproveita aquele adubo que foi pro milho" (Inq. 93).

(304) "Se vai plantar o milho, é um tipo de adubo, o café, outro tipo de adubo. E se for prá pasto, também outro tipo. Se vai plantar o arroz, é outro tipo de adubo" (Inq. 93).

Não há valor de posterioridade nas ocorrências acima. A natureza descritiva dos textos transmite ao sujeito verbal — "a gente", "você" — um grau de indeterminação que permite generalizar estes enunciados para qualquer pessoa e localizá-los em qualquer época. Em (302) a forma vai cor responde a ir₁, verbo pleno de movimento, no caso Presente de hábitos; em (303) e (304) tem um sentido modal de intenção (= se você pretende plantar), já comentado a respeito da ocorrência (20), no Capítulo I. Observe-se que no inquérito 93, em que a informante discorre sobre adubação, o emprego da forma de FS apresenta o uso ou preparo da terra para o pasto como uma hipótese mais rara, mais improvável.

1.3.2. IR ocorre na apódose

A perífrase na oração condicionada co-ocorreu com 12 formas de FS e 5 de PI na oração condicionante, num total de 17, o que representa uma frequência relativamente bem menor do que as outras formas de futuro — FP e PI posterior — na mesma construção sintática.

Neste corpus distingüimos dois casos:

- a) a prótase representa situações conhecidas, quer por serem repetidas, quer por serem generalizadas, cuja localização se dá em um tempo indiviso.

- (305) "e canta uma nota, se ela não toça igual, ela vai ter que ficar estudando até achar a nota" (Inq. 32).
- (306) "quer dizer, se ele tem dificuldade em transmitir, então a gente vai procurar colaborar, vai perceber, mas então nós normalmente elogiamos" (Inq. 5).
- (307) "as entradas que você tem de tomar, se você per de uma daquelas, bau-bau, vai andar longe" (Inq. 133).
- (308) "Se a casa for bastante elevada, então eles vão fazer aqueles andaimes nas laterais para que se possa então, digamos, ir subindo a casa" (Inq. 5).
- (309) "e se ele for convidado a entrar numa partida de vôlei, ele vai pôr um kédís" (Inq. 6).

Temos aqui também textos de natureza descritiva e as formas de PI e de FS na prótase exprimem fatos ou situações que, por sua habitualidade ou generalidade, localizam-se em um tempo não dividido em épocas, abrangendo o presente, o passado e o futuro.

Explicaremos os contextos discursivos: em (306), em que o informante discorre sobre tipos de professores, o advérbio normalmente já indica um padrão de repetição; em (307), em que o informante explica o sistema viário de Brasília, o pronome de tratamento você é usado impessoalmente; em (308) o informante descreve o processo de construção de uma casa e em (309), em que o tema é vestuário, o pronome ele refere-se a um sujeito indeterminado. Em (305) e (306) temos Presentes de descrição e em (307) um Presente genérico; analogamente, em (308) e (309) o FS não tem valor de posterioridade: indica possibilidade, válida em qualquer época.

Incluimos aqui duas ocorrências de cunho hipotético:

(310) "acham que a vaca ouvindo música vai produzir mais leite" (Inq. 93).

(= se a vaca ouvir música)

(311) "o lavrador que se dedica à cultura da cana, ele não vai se dedicar a outros plantios" (Inq. 38).

(= se o lavrador se dedica)

Em (310) tem-se uma oração reduzida de gerúndio, que pode ser parafraseada por uma oração condicional, e em (311) uma estrutura do tipo [o SN |que SV|^{restritivo}, IR], a restrição de um nome através de uma relativa implica em uma seleção, dada como hipótese aceita.

Nos períodos hipotéticos classificados sob este item, a consequência expressa por IR está em uma relação de posterioridade a um presente amplo estabelecido pelo PI ou pelo FS na hipótese. Seria uma seqüência "Se R—E".

b) a prótase representa uma ação singular e específica, não atualizada, de onde o valor de futuro do enunciado.

(312) "Se for prá fazer a revolução, vou fazer revolução na minha... casa, na minha fazenda" (Inq. 208).

(313) "Eu tinha planejado uma família com três filhos, ela disse: 'Se quiser o terceiro, você vai arranjar com qualquer negrinha que você quiser, mas aqui a fábrica pegou fogo, não tem mais'" (Inq. 208).

(314) "Se parar à noite na marginal sem gasolina eu vou ter que andar uns bons quilômetros ()" (Inq. 167).

Assinale-se que as 8 ocorrências classificadas sob

este item co-ocorriam com uma forma de FS na prótase, à qual o contexto discursivo atribuía um valor de futuridade. Computamos neste total os dados (276) e (277) em que há co-ocorrência de uma expressão adverbial de tempo.

Tem-se aqui uma relação de ulterioridade: o FS da prótase estabelece um ponto R na época futura ao qual o evento expresso por IR é posterior. Seria uma seqüência: S—Se R—E.

2. Ausência de elementos gramaticais

Examinamos até aqui os dados em que IR co-ocorre com advérbios, formas verbais e padrões oracionais com o traço de posterioridade. A maioria dos dados, entretanto, veio desacompanhada de elementos gramaticais; procuramos então no contexto situacional e extralingüístico elementos que confirmassem a inclusão de uma determinada ocorrência em III.2.3— Movimento no espaço-tempo.

Em consonância com o item anterior, distribuímos as ocorrências segundo indicassem futuro próximo, com suas diferentes gradações em termos de distância temporal entre S ou R e E, ou segundo indicassem futuro remoto.

2.1. IR indica futuro imediato

Entendemos como tal os enunciados em que o evento segue-se ao ato da fala.

Dado o contexto situacional de obtenção dos dados — gravações de entrevistas ou de palestras — houve um grande número de ocorrências em que IR expressava futuridade imediata: 43 dados.

(315) "então vamos iniciar sobre a construção (). Eu nunca construí uma casa portanto vou ter certas dificuldades, digamos, em dizer sobre uma casa" (Inq. 5).

(316) "para ordenar o trabalho, vamos dar certas definições e historiar alguns fatos que esclarecem" (Inq. 365).

(317) "eu pôderia contar, mas aqui vai atrapalhar a entrevista" (Inq. 6).

Assim como nos operadores conversacionais do tipo "como veremos", comentados no Capítulo I, o evento expresso por IR é posterior à enunciação, mas situa-se no presente do locutor, ou seja, na própria entrevista ou palestra.

O futuro imediato relaciona-se naturalmente com verbos "dicendi". Registramos 25 ocorrências com estes verbos, do total de 43 dados.

(318) "este é um aspecto do problema sobre o qual eu não vou falar aqui" (Inq. 350).

(319) "mas eu num vou descrever pro gravador; ou vou?" (Inq. 133).

(320) "eu devo dizer que... o que vou declarar é muito aleatório" (Inq. 250).

Destacamos algumas ocorrências de não vou dizer(que), cuja função parece ser a de uma ressalva: o falante se resguarda, não se compromete com o que declara a seguir.

(321) "não vou dizer que ele é nenhum virtuoso em nenhum deles" (Inq. 32).

(322) "porque, como vê, eu sou um fumante an... não vou dizer inveterado, que isso sim é boco-moco, mas eu digo que vou tomar o café" (Inq. 6).

(323) "Agora eu tenho a impressão de que a Justiça Trabalhista, eu não vou dizer que falha sempre, mas ela funciona muito mais no sentido dos interesses patronais que dos trabalhadores" (Inq. 250).

Significativamente, a maioria das ocorrências de IR expressando um futuro imediato foi registrada em elocuições formais: 15 só na EF 388. Houve uma ocorrência em um D2, mas num trecho em que a informante reportava um diálogo:

(324) "eu sei se a Maria morreu ou não morreu, mas eu não vou dizer a você" (Inq. 333).

O inquérito 388, uma aula de Economia, é um caso interessante de distribuição de formas verbais de futuro: em contraste com Ø ocorrências de FP e de PI posterior, foram registradas 49 formas de IR, das quais 17 com valor de futuridadade (seqüência S—E). Vejamos alguns dados.

(325) "vamos tentar explicar porque... a demanda de moeda, vamos dar esta notação"

(326) "nós podemos resumir isto nuns exemplinhos numéricos e nós vamos verificar"

(327) "Isso a gente vai discutir um pouquinho melhor ... há"

O locutor empregava IR não só para anunciar uma nova etapa de sua exposição, como também para descrever uma ação simultânea à sua fala, como em (328), em que se deduz que ele está escrevendo no quadro-negro:

(328) "vamos fazer aqui um esqueminha; vamos colocar aqui o tempo e aqui neste eixo a quantidade de moeda retida"

A perífrase é empregada na 1ª pessoa do plural — ou marcada morfologicamente no verbo ou através de expressão coloquial "a gente" — um recurso discursivo para obter a adesão do interlocutor; o referente, entretanto, varia ao longo do discurso: ora é o 'eu' falante, ora vocês alunos e muito raramente nós inclusivo.

- (329) "a expressão K e Y, K tem um nomezinho que a gente vai dar, vocês entendem?"
- (330) "Bom, vamos então entender porque existe uma expectativa sobre rentabilidade"
- (331) "nós vamos associar a taxa de juros... hum... como sendo esse rendimento, certo?"

Do ponto de vista da pragmática, considerando as relações em sala de aula e as expectativas quanto às funções do professor e do aluno, interpretamos que em (329), bem como em (324), o referente é o eu falante — talvez tenha-se aí um exemplo de IR como Futuro de professor ou de conferencista, listado por Imbs; em (330) bem como em (326) o morfema -mos corresponde a vocês; e em (331) e (327) talvez o pronome nós e a locução a gente tenham seu sentido próprio.

2.2. IR indica futuro iminente

A ação predicada se efetuará a qualquer momento em um futuro próximo, e o auxiliar ir pode ser comutado com estar para:

- (332) "É, ouvi contar de gente que até faz roupa porque sabe que tem gente que vai morrer" (Inq.22).
- (333) "Inclusive você... há... quando vai nevar assim como esse... parece como aqui em São Paulo quando vai garoar, sabe?" (Inq. 167).

2.3. IR indica futuro próximo

Sob este item classifica-se, por exclusão, a grande maioria das ocorrências de IR. Entendemos como futuro próximo os casos em que há um intervalo de tempo entre S ou R e E, intervalo este variável, dependendo, na ausência de

elementos gramaticais que especifiquem a localização temporal de E, de informação advinda de dados situacionais e extralingüísticos bem como de interpretação individual destes mesmos dados, como já foi exposto anteriormente.

Vejamos algumas ocorrências:

- (334) "Quando ele não sabe mesmo a matéria, vai tentar encher um saco de vento" (Inq. 5).
- (335) "Parece consultório analítico, vai curar tudo quanto é mal que eu tenho aqui" (Inq. 6).
- (336) "Então ele empresta, mas ele vai receber juros que andam... brincando brincando, vai aí, o negócio vai 2,5 ao mês." (Inq. 250).
- (337) "Há proprietários que detestam isso; acham que vai estragar o meio do café" (Inq. 38).
- (338) "É na faculdade que eles vão mudar" (Inq. 41).
- (339) "Ele não está preocupado em saber se o resíduo da fábrica despejado no rio vai matar os peixes que estão dentro daquele rio" (Inq. 255).

A nosso ver, estas ocorrências estão listadas em ordem crescente de distância temporal entre S ou R e o E expresso por IR. Esclarecemos os contextos discursivos para justificar tal interpretação: em (334) o informante comenta sobre tipos de professores e suas atuações; (335) refere-se à entrevista para obtenção dos dados do NURC; em (336) o informante discorre sobre a instituição bancária e imaginamos um prazo de empréstimo de seis a doze meses; em (337) o demonstrativo isso refere-se a outras lavouras intercaladas no cafezal; em (338) uma orientadora vocacional fala sobre alunos do segundo grau e, por conhecimento pragmático, pressupõe de um a quatro anos para estarem na universidade; e em (339) não há informação sobre o tipo ou a quantidade de poluentes.

A um segundo exame admitimos que o fato em (339) pode se concretizar antes do de (335) e este pode ocupar o último lugar; e por falta de conhecimento sobre a agricultura, a posição de (337) na lista foi puramente arbitrária. Estas digressões visam reafirmar que na interpretação de dados referentes à localização temporal de eventos futuros tem grande peso o fator individual, o universo de referência de cada um a partir dos esquemas cognitivos vigentes na sua comunidade.

2.4. IR indicando futuro remoto

Consideramos como tal uns poucos dados em que um elemento lexical, aliado ao tema do discurso, aponta para uma distância temporal considerável entre S ou R e a realização de E. Aliás, sob este item, IR só exprimia futuridade (seqüência S—E).

(340) "Então, o que representa isto de violação à personalidade do homem, do homem verdadeiro, entende? Só os futuros historiadores é que vão afe- rir com precisão o que aconteceu, né?" (Inq. 255).

(341) "Eu acho que o jornal vai desaparecer; o jornal do futuro, o jornal impresso, vai ser apenas os comentários" (Inq. 133).

Hesitamos em incluir neste item esta ocorrência em que o informante refere-se à Transamazônica...

(342) "porque, olha, acho que uma estrada, um caminho lá num vai destruir tudo, né?" (Inq. 163).

Observe-se que mesmo nas ocorrências em que IR exprime futuro remoto, mantém-se o vínculo que liga o evento ao presente do falante, ao contrário da ruptura psicológica expressa pelo FP.

III.3. CONCLUINDO

FUTURIDADE X POSTERIORIDADE

Analogamente ao Futuro temporal, os eventos expressos pela perífrase podem se apresentar sob duas situações: são posteriores ou ao presente atual do falante ou a um presente amplo.

Vejamos a primeira situação, em que os eventos expressos por IR são posteriores ao momento da enunciação (sequência S—E), ou seja, IR tem valor de futuridade. Exemplos desta situação são encontrados tanto nos dados em que IR indica futuro imediato (ocorrências (315) a (321)) como naqueles em que indica futuro remoto (ocorrências (340) a (342)), e na maioria dos dados que ilustram o item III.2.2. — Movimento no espaço mental — em que, como já foi dito, a colocação modal acrescenta-se ao valor temporal.

Os exemplos relacionam-se naturalmente com as pessoas verbais ligadas à interlocução; predomina a 1ª pessoa do singular, especialmente com verbos "dicendi" e em narrativas, visto que o mais comum na fala é o uso do discurso direto:

(343) "então eu disse: 'Vamos primeiro fazer um exame médico prá ver se isso é resfriado'" (Inq. 208).

Outro fator determinante do valor de futuridade é o tópico do discurso: um projeto em implantação na EF 365, em que IR alterna-se com formas de FP; prognósticos sobre os meios de comunicação (especialmente no D2 333; no D2 255 predominou o FP); comentários sobre a situação de entrevista e sobre assuntos ligados à esfera pessoal do falante: planos de viagem, troca de informações sobre amigos ou conhecidos em comum (casamento, gravidez) ou sobre interesses partilhados (televisão, teatro) em D2.

Na segunda situação, a perífrase tem valor de posterioridade, ou seja, o evento expresso por IR é posterior a um presente amplo, que representamos por R, abrangendo as

três épocas temporais (seqüência R--E). Este R geralmente é marcado por uma forma de PI com valor "intemporal": Presente de hábitos, Presente genérico ou um Presente de descrição, mas pode ser outro IR em contextos em que se exprimem ações em seqüência (ocorrência (114)).

Relaciona-se com o tipo de texto: na descrição de processos conhecidos devido à sua repetição ou generalidade, uma forma de PI estabelece o ponto de referência e a perífrase indica uma etapa subsequente. Não é incomum a co-ocorrência de outro IR que às vezes exprime um momento posterior ao do primeiro evento, ou seja, um ulterior (ocorrência (283)).

Há numerosos dados de IR indicando posterioridade no DID 5, no qual o informante descreve detalhadamente a construção e o acabamento de uma casa (ocorrências (114), (282) e (308)), bem como no DID 38, em que o tema é agricultura e pecuária (ocorrências (279) e (311)); também no DID 41 em que uma orientadora vocacional fala sobre profissões e empregos e no DID 250, a respeito de bancos (ocorrências (233) e (288)); e na EF 388, em um trecho em que o informante explica a demanda de moeda. Predomina a 3ª pessoa verbal: marcas de indeterminação, como se impessoal, pronome você ou a gente usados genericamente; a pessoa ou o pronome ele referindo-se a um grupo ou classe de pessoas.

Os advérbios e expressões temporais co-ocorrentes de modo geral indicavam futuridade (dados (269) a (277)); foram comentadas expressões que exprimem o mesmo intervalo de tempo mas que variam conforme estejam em uma relação de posterioridade ou de futuridade (ocorrências (274) a (279)).

EMPREGO DE IR COM VALOR INTENSIVO

Na introdução a este capítulo, ao discutir o status de ir, comentou-se sobre seu emprego com valor intensivo, analogamente ao auxiliar vir. O quadro III na página 121 mostra que grupos verbais com ir e vir podem ser a expressão enfática da forma simples do mesmo tempo do auxiliar.

Este emprego é mencionado por Lobato (1971: 199) e ilustra do com o exemplo (166): ir "serve de simples reforço à idé ia denotada pelo auxiliado".

(166) Cresce e vou encontrá-la em Lisboa ()

Neste corpus registraram-se 6 ocorrências em que, ausentes a idéia de movimento, o valor de posterioridade e matizes modais compatíveis com a noção de futuro, interpretamos que ir é empregado com o objetivo de ênfase: sua omissão não afeta o sentido do enunciado.

(340) "Todo mundo sabe que a gente não vai gastar quarenta cruzeiros todo dia, bonitinho, certo?" (Inq. 388).

(341) "Evidentemente tem dia que ele vai ter um milhão e duzentos, outro dia ele tem zero" (Inq. 388).

(342) "Nós temos o pastor das igrejas que, naturalmente, ele vai administrar os trabalhos na sua igreja, e ele então desenvolve uma série de atividades" (Inq. 163).

(343) "Mas é claro que há determinados setores onde você vai encontrar então as lojas melhores" (Inq. 7).

Seria possível a comutação pela forma do FP, mas em seu emprego metafórico, ou seja, com valor de simultaneidade — nos dados (34) e (341), pelo fato de todo o discurso ser situado em um plano hipotético: "Vamos supor que um assalariado receba cr\$ 1.200,00 no início do mês", e em (344) há uma nuance de possibilidade — mas predomina a noção modal de certeza, decorrente de se apresentar o evento como um fato real e de conhecimento geral ou de IR estar acompanhado de advérbios e expressões que veiculam esta noção: evidentemente, naturalmente, é claro.

(344) "cada cidade tem sua faculdade agora, tá tendo, e se não tem, tem ã ... pegado; então nós vamos ver que toda região em São Paulo, a mais longe de São Paulo, quase divisa com ... tem o centro, tem a sua faculdade" (Inq. 41).

(345) "tem os alunos do colegial já pré-determinado o que eles são. E geralmente a gente vai ver que eles são aquilo que o pai deles naturalmente fazem ou gostam que eles fazem" (Inq. 41).(sic).

(346) "isso é chocante com/pruma platéia culta, né? que num fala palavrão em casa e vai ver palavrão no teatro e tem que bater palmas depois" (Inq. 213).

Nestas ocorrências em que ver tem o sentido de 'verificar', 'constatar', 'ouvir', ir não tem qualquer função significativa e a perífrase pode ser substituída pelo PI do verbo principal.

Em III.2.1. — Movimento no espaço físico — foram comentados casos de ambigüidade entre ir₁, verbo pleno, e ir₂, auxiliar de formação de futuro (ocorrências (214), (216) e (220)), em contextos narrativo-descriptivos nos quais, predominando a idéia de habitualidade, também cabe a substituição pela forma de PI (ocorrências (219), (221) e (222)). Propomos então que nestes casos interprete-se o emprego de ir como um reforço ao sentido do segundo verbo.

(221) "Não, não, leite e pão se vai comprar na padaria, não é? Compram pãozinho na padaria, vai comprar um presunto, um queijo" (Inq. 7).

(220) "pode passar uma bandeja, uma cesta, ou às vezes fica na frente mesmo e as pessoas vão levar" (Inq. 21).

Tal interpretação é favorecida quando a idéia de movimento está contida no lexema verbal, como em (216) e (220) mas vejam-se os dados a seguir, em que vou corresponderia a um Presente de predisposição.

(347) "novela é isso que a gente tá vendo aí e o público vai aceitando isto porque acha que num tem muita coisa melhor pra fazer, os semi-analfabetos não vão ler, mesmo agora que tão vendendo livros a dois cruzeiros na rua ninguém compra" (Inq. 213).

(348) "comprei até uma chavinha pra ver, se não tem mesmo corrente elétrica, eu vou mexer, apesar de que hoje eu trabalho com isso, né, mas não mexo" (Inq. 5).

(eu vou mexer = me disponho a mexer = eu mexo).

Também com função de ênfase poder-se-ia classificar o uso de ir na ocorrência (230), o único caso em que a perífrase tem um emprego puramente modal, sem qualquer valor de posterioridade, e também o único em que se reconhece um matiz de probabilidade.

(230) "Você olha de longe assim, você tem a impressão de que lá longe vai estar garoando" (Inq. 167).

Na análise deste dado, tínhamos sugerido a comutação com o auxiliar dever, interpretação esta decorrente da presença de uma expressão de incerteza na oração principal. A um segundo exame, consideramos que ir não tem função significativa e cabe a paráfrase (230'):

(230') Você tem a impressão de que lá longe está garoando.

Nestes termos, o emprego de ir exprimindo incerteza resume-se à noção de possibilidade e à de conjectura.

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS

Para este trabalho foram examinadas 518 ocorrências da construção vou + Infinitivo. Neste total estão incluídos tanto os casos em que ir é um verbo pleno como seu uso como auxiliar, seja em perífrases temporais, com ou sem coloração modal, seja em exortações e em operadores conversacionais comutáveis com o Presente do Subjuntivo.

Acompanhando a organização do capítulo, foram classificados conforme expressassem movimento no espaço físico, no espaço mental e no espaço-tempo, entendendo-se que ao primeiro corresponde um grupo verbal em que ir é um verbo pleno de movimento conjugado no Presente, seguido de Infinitivo de destinação; no segundo, nuances modais que refletem o estado de espírito do falante acrescentam-se ao valor temporal, e no terceiro têm-se verdadeiras perífrases temporais em que vou + Infinitivo só é comutável com o Futuro do Presente. Comentamos atrás uns poucos dados em que ir tem a função de reforço do sentido do verbo principal.

Movimento no espaço físico: 40 ocorrências

Movimento no espaço mental: 124 ocorrências

1. indicando intenção, decisão, vontade |15 + 1*|
2. indicando incerteza |5|
3. indicando conjectura |6|
4. outros matizes modais |9 + 2*|
5. como Imperativo |2|
6. em exortações |16|
7. em operadores conversacionais |71|

Movimento no espaço-tempo: 348 ocorrências

1. Co-ocorrência de elementos gramaticais - 85
 - 1.1. com advérbios e expressões temporais (61)
 - 1.1.1. indicando futuro próximo |53 + 1*|
 - 1.1.2. indicando futuro remoto |8|
 - 1.2. com outra forma verbal de futuro (5 + 2*)
 - 1.3. em períodos hipotéticos (19)
 - 1.3.1. na prótase |2 + 1*|
 - 1.3.2. na apódose |17 + 9*|
2. Ausência de elementos gramaticais - 263
 - 2.1. indicando futuro imediato (49)
 - 2.2. indicando futuro iminente (5)
 - 2.3. indicando futuro próximo (207)
 - 2.4. indicando futuro remoto (2)

IR com valor intensivo: 6 ocorrências

- * Assinalamos com um asterisco ocorrências classificáveis sob aquele item mas que foram computadas sob outro, como, por exemplo, o dado (19), em que foi privilegiado o valor modal de intenção, mas ao mesmo tempo IR é registrado em um período hipotético (item 1.3) e co-ocorre com uma forma de FP (item 1.2).

Alguns comentários

1. Foi registrado um total de 518 ocorrências de vou + Infinitivo. Excluindo-se os dados em que ir é um verbo pleno, os comutáveis com o Presente do Subjuntivo e aqueles em que tem valor de ênfase, resultam 385 ocorrências com valor futural (F*, de acordo com o quadro IV), ou seja, 385 formas alternantes com o FP.

2. Das 385 ocorrências, só 39 (9%) continham também um matiz modal. Assinale-se que 7 eram perguntas retóricas e 19 ocorriam na 1ª pessoa do singular, o que se relaciona naturalmente com as noções de intenção, decisão e vontade.

3. Embora comentados em III.2.2., não foram computados como F* os 87 dados (70% deste item e 17% do total) em que vou + Infinitivo era comutável com o Presente do Subjuntivo, ou seja, as exortações e os operadores conversacionais.

4. As 16 ocorrências de IR como exortação estavam distribuídas em 3 dados com o verbo dizer, 3 com o verbo supor e 10 com outros verbos; incluem-se aí os 2 dados em que IR é empregado com a função de convite.

5. Os operadores conversacionais correspondem a 71 ocorrências, sendo 13 vamos supor e 58 vamos dizer. Assinale-se entretanto que o informante do DID 18, discorrendo sobre fazendas, foi responsável por 36 destes.

6. A respeito dos 348 dados de perífrases temporais: em 85 ocorrências (24%) IR esteve acompanhado de elementos gramaticais, sendo que predominaram os advérbios e expressões temporais (17%). Registrou-se a co-ocorrência de 9 advérbios agora, em geral correspondendo a S, 7 advérbios depois, a maioria com valor de futuridade, 19 expressões que exprimiam uma época futura definida e próxima de S, e 8 foram interpretadas como referindo-se a uma época remota ou vagamente indicada:

7. Geralmente IR apresentava-se por si só ou co-ocorria com o PI ou com outros IR, raramente com outras formas de Futuro. Co-ocorreu entretanto com 6 FP, dos quais 4 referiam-se a um E posterior ao expresso por IR, ou seja, um E, ulterior; com 15 FS em períodos hipotéticos e com 1 FS em uma oração temporal.

8. Ao contrário do FP, foram relativamente poucos os dados de IR na apódose de períodos hipotéticos (5% do total de F*): IR co-ocorreu com 6 formas de PI e 15 formas de FS, 10 das quais exprimiam futuridade. Nas demais, com o emprego do PI a hipótese se apresentava como um evento habitual e com o FS ela se referia a ações ou situações habituais ou generalizadas, localizadas no tempo indiviso.

Houve 7 ocorrências de IR depois de se condicional, onde, por restrições distribucionais, não pode ocorrer o FP. Em 4 ir tinha o matiz modal de intenção e nas outras seria uma forma alternante com o FS, mas o emprego do PI no auxiliar dava um cunho de realidade à hipótese.

9. A maior parte das perífrases temporais, ou seja, 263 dados (75%) não esteve acompanhada de elementos gramaticais e, destas, 59% foram classificadas, a partir de informações contextuais e extralingüísticas, como estabelecendo uma pequena distância temporal entre S ou R e E. Há, entretanto, enunciados ambíguos, em que as noções de movimento, tempo e modalidade se sobrepõem— vide os comentários de Câmara Jr. a respeito do exemplo (202) e os dados (18) e (348) deste corpus.

Apenas 2 ocorrências foram interpretadas como uma localização futural indefinida ou remota para o evento. E a respeito das 49 ocorrências (14%) classificadas como futuro imediato, em 25 registraram-se verbos "dicendi" e 24 referiam-se à situação de obtenção dos dados, aí incluídas as 12 ocorrências na EF 388, gravação de uma aula.

10. Destacaremos os inquêritos com maior frequência/quantidade/número de ocorrências de IR indicando futuro próximo e os tópicos que as determinaram:

DID 5 - 26 ocorrências - todo o processo de construção e a cabamento de uma casa (houve um grande número de formas de Futuro do Pretérito) e descrição de tipos de professores.

EF 388 - 21 ocorrências - rentabilidade da moeda e cálculo da média de um salário. Houve 15 dados com valor de futuro imediato que tinham como sujeito a 1ª pessoa do plural ou a expressão a gente, mas o referente era o próprio falante.

DID 41 - 14 ocorrências - orientação vocacional, formação de pessoas e profissões.

C O N C L U S ã O

C O N C L U S Ã O

CONCLUSÃO

Meu objetivo neste trabalho foi descrever a expressão do futuro no Português culto falado em São Paulo. Fundamentei-me em 25 horas de gravações do Projeto NURC, distribuídas entre as variáveis sexo, faixa etária e tipo de gravação, de acordo com as especificações do Projeto.

Analisei a expressão do futuro através das formações do Futuro do Presente (FP), do Presente do Indicativo (PI) e da perífrase vou + Infinitivo (IR). Como o interesse fundamental da Dissertação era focalizar a forma do Futuro, esta foi submetida a uma análise quantitativa que consta no Apêndice.

Na Introdução foi comentado que o FP, desde sua origem no século III, evoluiu ciclicamente, alternando entre forma sintética no Latim clássico para forma analítica com perífrases modais no Latim vulgar, predominando o auxiliar habere; depois para a forma sintética em -r- nas línguas românicas até a forma analítica com o auxiliar ir nas línguas modernas. Como remanescente desta evolução registrou-se a ocorrência abaixo que mostra que a forma que deu origem ao Futuro atual mantém-se viva em Português:

- (349) "Aí ela pôs a mão no quadril, me olhou - eu nunca hei de esquecer isso, faz tantos anos - e |disse| 'Por que a senhora não quer que lhe dê madamie?'"
(Inq. 333).

Acompanhando o Guia-Questionário do Projeto NURC, que privilegia a categoria do tempo, as formas de FP foram classificadas segundo expressassem eventos posteriores ou eventos simultâneos ao momento de fala, caso em que o FP, correspondendo temporalmente a um Presente, passa a indicar modalidade: as diversas atitudes do falante a respeito do processo verbal, algo que por não ter realidade objetiva suscita sentimentos de dúvidas expectativas e receio.

Os casos em que os dois valores se acumulam e que caberiam melhor em um terceiro grupo - Futuro temporais com coloração modal, segundo Mattoso Câmara Jr. - foram considerados como uma subdivisão do Futuro temporal pois, de uma forma ou de outra, designam algo vindouro.

A partir destes valores, procurei seguir um critério sintático descrevendo os dados de acordo com a co-ocorrência de elementos gramaticais: advérbios e expressões adverbiais, formas verbais de futuro, padrão oracional, semantema verbal e, na falta desses, de elementos do contexto maior do discurso ou de elementos extralingüísticos, que levam em conta a interação e o conhecimento de mundo.

Neste corpus foram registradas 81 formas em -rá, 61 (76%) com valor de posterioridade, às vezes acrescido de um matiz modal, 19 (23%) com valor de simultaneidade e 1 (1%) de anterioridade.

O FP esteve acompanhado de elementos gramaticais em 48 dados (60%); o contexto privilegiado de ocorrência foram os períodos hipotéticos em que na prótase figuravam diversos tempos verbais, inclusive de passado. O condicionamento sintático predominante para o emprego do FP parece ser o Futuro do Subjuntivo: registrado em orações condicionais, temporais e correlatas correlacionou-se com 17 dados (21%) de FP.

O Futuro temporal co-ocorreu com advérbios e expressões que indicavam posterioridade e seqüenciação; semanticamente exprimiam um curto intervalo de tempo mas não era especificada a distância em relação ao momento da fala. Co-ocorrendo com IR, o FP às vezes marcava a ulterioridade, isto é, um evento posterior a outro também futuro. Houve 4 ocorrências em que o morfema de FP incidia sobre o auxiliar (irei + Infinitivo). Nestes dados, o emprego do FP localizava o evento em uma época mais remota mas sem o matiz da incerteza que usualmente lhe é atribuído.

No Futuro com valor de simultaneidade, a noção modal predominante foi a de possibilidade: o auxiliar poder foi registrado em 19 ocorrências (24%) e nas formas simples o FP era parafraseável por pode ou deve + Infinitivo. Outras modalidades registradas foram as de probabilidade, de incerteza e de conjectura, veiculadas respectivamente por advérbios, por verbos nas orações subordinantes ou pela expressão será que, e as de necessidade e obrigatoriedade, explicitada pelos auxiliares modais. Estas noções estiveram presentes em diversas ocorrências do Futuro temporal. Nas locuções verbais com valor de simultaneidade o emprego do morfema -rá apenas reforçava a noção modal já expressa pelo auxiliar.

O FP foi empregado na quase totalidade dos casos (89%) na 3ª pessoa verbal, geralmente do singular; sujeitos com o traço [-humano], sujeitos indeterminados ou referidos genericamente e também verbos e expressões impessoais. Só se registraram 5 ocorrências na 1ª pessoa do plural, 3 na 2ª pessoa do singular e o único dado na 1ª pessoa do singular foi registrado em uma pergunta retórica.

A expressão fixa será que, que exprime conjectura, e os operadores conversacionais como/conforme veremos, usados em elocuições formais, corresponderam a 15% das ocorrências de FP.

A incidência do morfema -rá - na forma simples - 43 ocorrências (54%) - superou em pouco a incidência em grupos verbais - 37 ocorrências (46%). Predominaram os verbos irregulares: 70 ocorrências com 14 verbos diferentes: só se registraram 9 verbos regulares no FP e destes 7 eram monossilábicos ou tinham seu radical reduzido diante de terminação de Futuro.

Não se registraram formas que exprimissem uma ação futura anterior a outra - nem Futuro do Presente Composto (FPC) nem uma forma alternante, a perífrase vou + ter/haver + Particípio. Ocorreu entretanto um Infinito Perfeito modalizado por poder no FP, acompanhado de uma expressão temporal, o que permitiu desenvolver observações sobre a localização temporal do evento predicado.

O FPC é um tempo relativo cujo valor de posterioridade deriva da co-ocorrência de uma expressão de tempo vindouro. Ainda assim depende da posição do complemento adverbial: exprimirá posterioridade se o complemento está anteposto ao predicado verbal - nesta posição ele se instaura como ponto de referência; se está posposto, prevalece o aspecto acabado do particípio e o FPC terá valor de anterioridade, acrescido da nuance semântica de possibilidade.

No Capítulo II comentei sobre a multiplicidade de valores aspectuais e temporais do Presente do Indicativo, relacionados com o fato de o processo verbal ocupar uma faixa mais estreita ou mais larga do composto passado-futuro de que consiste este tempo como categoria psico-gramatical: pode exprimir desde um evento atual, relativo ao momento de enunciação, até o intemporal. Seu emprego como forma alternante do FP está relacionado com o aspecto momentâneo (perfectivo) e com o valor atual: o fa

lante prolonga a atualidade em que vive e ali situa o que vai acontecer'.

Dada a natureza das gravações-entrevistas em que o interesse primordial parecia ser a elicitación do léxico, fazendo com que o falante assumisse uma atitude narrativo-descritiva, houve um grande número de formas de PI que indicavam um evento ocorrendo posteriormente a outro, mas tratava-se de ações em seqüência dentro de procedimentos conhecidos, quer habituais quer generalizados. Estes dados em que a relação de posterioridade se verificava em um tempo indiviso, conceito de Imbs que abrange as três épocas temporais, ou seja, que tinha validade onitemporal, não foram computados como formas alternantes do FP.

Nestes termos, foram identificadas 40 dados de PI com valor de futuridade, valor este dependente da co-ocorrência de fatores gramaticais com nítido conteúdo de futuro. Registraram-se 14 ocorrências (36%) com advérbios e expressões temporais e 21 ocorrências (52%) com formas verbais que indicavam posterioridade (FP, IR, Futuro do Subjuntivo e Imperativo) em contextos em que estava ausente a idéia de habitualidade. As expressões adverbiais em geral indicavam proximidade do momento de fala; com as que exprimiam uma época não definida ou eventual o PI não adquiria valor de futuridade. Nem com a maioria das formas de Futuro de Subjuntivo, que ora indicavam uma nova etapa dentro de um processo conhecido, ora situações habituais hipotetizadas ora eventualidade ou simplesmente indeterminação do antecedente.

Houve ainda 6 dados de PI (15%) em que, na ausência de elementos gramaticais, o valor futural derivou do contexto mais amplo do discurso e do semantema verbal, perfectivo. Assinale-se que em 34 ocorrências de PI posterior (85%) o radical dos verbos era de aspecto perfectivo, a maioria verbos de movimento - 20 ocorrências, aí incluídas as 15 com o verbo ir. Em outros termos, em 38% dos dados em que a forma de PI exprimia futuridade ocorreu o verbo ir; isto se explica pelo fato de que a construção vou ir não é de uso no Português atual e a forma vou sintetiza as noções de movimento e de futuro.

No Capítulo III, sobre a perífrase vou + Infinitivo, depois de comentar que os critérios para distinguir ir₁, verbo de movimento, de ir₂, auxiliar de formação de futuro, não são con-

clusivos pois haverá sempre casos intermediários, propus o movimento como supracategoria, abrangendo deslocamento, modalidade e tempo, o que corresponderia a movimento no espaço físico, movimento psíquico no espaço mental do falante e movimento no espaço-tempo. Mas, além dos casos insolúveis em que estas noções se superpunham registraram-se 6 ocorrências em que ir não se enquadrava nas categorias acima e sua omissão não afetava o sentido do enunciado. Foram classificadas como um emprego de ir com valor intensivo, com a função de enfatizar, reforçar o sentido do verbo principal.

Foi analisado um total de 518 ocorrências de vou + Infinitivo, aí incluídos os casos em que ir é um verbo pleno (40 ocorrências - 8%), bem como seu uso como auxiliar em perífrases temporais (385 ocorrências - 74%), com ou sem colocação modal (39 e 346 ocorrências, respectivamente) e em exortações e operadores conversacionais comutáveis com o Presente do Subjuntivo (87 ocorrências - 17%).

Na categoria de movimento no espaço físico foram registrados 40 dados com ir + Infinitivo; neste caso, o grupo verbal pode ser dissociado por para, a fim de. A classificação como sequência de dois verbos concretos devem-se à presença de um complemento adverbial de lugar, ou a possibilidade de inferi-lo a partir do predicado verbal, associada à noção/idéia de habitualidade encerrada no contexto.

Registraram-se 124 ocorrências em que IR exprimia movimento no espaço mental, aí incluídos 87 dados de vamos + Infinitivo, comutáveis com o Presente do Subjuntivo. Destes, 16 corresponderam a exortações e 71, com os verbos dizer e supor ocorrendo entre pausas e com tom descendente, corresponderam a operadores conversacionais em que o primeiro significava "por exemplo" e o segundo tinha a função de manter o turno do falante durante uma pausa ou hesitação.

Os grupos verbais em que IR era comutável com o FP foram bem numerosos - 385 ocorrências - 74%. Como o Futuro, também apresentavam as noções de tempo e de modalidade mas, ao contrário deste, não adquiriam o valor de simultaneidade - a colocação modal refletindo as atitudes do falante simplesmente acrescenta-se ao valor de posterioridade, não o anula, pois a perífrase sempre se refere a algo que está por acontecer.

Houve entretanto um dado em que o aspecto durativo do predicado verbal expresso pelo auxiliar estar seguido de Gerúndio permitiria atribuir àquela ocorrência o valor de simultaneidade. Neste emprego metafórico IR exprimia probabilidade, no que se distingue das outras ocorrências que contêm a noção de incerteza pois nelas a nuance modal que assoma é a de possibilidade.

Foram poucas as ocorrências em que IR como forma alternante do FP, continha também um valor modal - apenas 39. Predominou a modalidade volitiva - matizes de intenção, determinação e desejo associados à primeira pessoa do singular. A noção de expectativa e conjectura foi relacionada com vamos ver significando "quem sabe?" e a de incerteza a expressões de dúvida na oração subordinante e ao padrão interrogativo. Este padrão, correspondendo geralmente a perguntas retóricas, além de noção de incerteza, veiculava também a indignação do falante, em algumas das perguntas havia um sentido negativo, de não realização da ação verbal: exprimiam então ou um protesto ou uma recomendação. Uma nota: ao contrário do que ocorreu no FP, em que o auxiliar modal poder correspondeu a 24% dos dados com o morfema -rá em perífrase temporais, só foi registrado duas vezes.

Mas a grande maioria dos dados de IR - 348 ocorrências ou 67% do total - exprimia movimento no espaço-tempo. Excetuando-se um número até significativo de advérbios e expressões que indicavam futuro próximo, entre os quais 9 advérbios agora e outras que transmitiam valores aspectuais ao processo verbal, a perífrase ocorreu geralmente desacompanhada de elementos gramaticais. Por informações contextuais e extralingüísticas depreende-se uma gradação na distância temporal entre o momento de referência e o de ação verbal: o evento se daria em um futuro imediato, associado a verbos "dicendi", freqüentes devido à situação de entrevista, ou em um futuro iminente, ou próximo, ou remoto. Por exclusão a maioria dos dados foi classificado como futuro próximo, mas tal interpretação é de cunho individual e deriva do sentimento de continuidade com o presente, decorrente do morfema de PI no auxiliar. Também ao contrário do FP, a perífrase foi registrada poucas vezes em períodos hipotéticos e na prótase, onde também pode ocorrer, esteve modalizada por matizes de intenção.

Na Introdução, a respeito da categorização lingüística do Futuro, definido como tempo dos eventos posteriores ao presente

do locutor, foi hipotetizado que os eventos podiam estar em uma situação de ruptura com este momento ou numa situação de sobreposição do mesmo segmento temporal, expressas respectivamente pelo FP ou pelo PI ou IR. Os advérbios e expressões que co-ocorreram com o FP confirmariam esta hipótese: embora significassem um curto intervalo para a realização do evento, excetuando-se dois casos em gravações de palestras, tratava-se de uma posterioridade não especificada, do tipo logo, sucessivamente, sem relação com o momento da fala. Assim sendo, os advérbios agora, amanhã ou as expressões daqui a ou X que vem não foram registradas com o FP mas, por outro lado, tampouco qualquer expressão indicando um futuro remoto.

Em contrapartida, aqueles foram freqüentes com IR e com o PI: agora marcava o futuro imediato mas também, e particularmente, a proximidade psicológica de ação, mesmo temporalmente distante; amanhã e futuramente co-ocorreram com estas duas formas verbais e com o PI registraram-se ainda expressões que apontavam para uma época remota e até eventual.

No caso de co-ocorrências destas formas verbais, especialmente em textos narrativo-descritivos, a perífrase depois de uma forma de PI ou de outra IR marcava uma nova etapa dentro de uma seqüência de ações enquanto que o FP apresentava o evento como que destacado em uma época autônoma.

Além do mais, o condicionamento sintático predominante para o emprego do FP foram os períodos hipotéticos, geralmente em co-ocorrência com o Futuro do Subjuntivo - além de futuro, há uma idéia de eventualidade; o fato é visto como fora de esfera psicológica do locutor, de sua atualidade, de sua realidade.

Por outro lado, o morfema de Presente na perífrase e no PI estabelece um vínculo com o eu-aqui-agora, apresentando os eventos como próximos e reais, mesmo que, por dados extralingüísticos, se saibam remotos.

Assim sendo, a descrição encontrada nas gramáticas de que o PI e IR indicam o futuro próximo e o FP o futuro remoto, esclarece-se que esta distinção refere-se não a uma distância temporal, mas a uma ligação psicológica com o presente do falante, como transparece dos elementos gramaticais co-ocorrentes.

Na descrição das formas verbais que expressam o futuro distinguem-se entre posterioridade, em que um evento segue-se a outro

estabelecido como ponto de referência e localizado em qualquer parte do continuum temporal - especificamente em um presente amplo (seqüência R-E) - e futuramente, um subtipo de primeira, em que o evento é posterior ao momento da fala (seqüência S-E).

A atribuição de valor de futuramente dependia de algum elemento ligado à enunciação - ou a 1ª pessoa verbal, ou um advérbio ou expressão adverbial com clara referência ao ato de fala, mas também, como sucedeu na maioria dos casos, de informações do contexto discursivo ou extralingüísticos, tal como o conhecimento partilhado de que o evento ainda não se realizara. A co-ocorrência de formas verbais de futuro não se mostrou um critério adequado para avaliação de valor futural: o FP bem como IR podem expressar tanto futuramente como posterioridade, e o Futuro do Subjuntivo (FS) tem particularidades de emprego que não se relacionam com o tempo de ação.

Foram analisadas 74 ocorrências de FS com as três formas verbais. Seu uso em orações relativas era causado por um traço semântico de indeterminação no antecedente; em orações temporais, co-ocorrendo com FP e IR, o Futuro do Subjuntivo marcava um momento simultâneo ou levemente anterior ao do evento predicado por aquelas formas verbais e co-ocorrendo com o PI num contexto em que se davam explicações marcava uma nova fase de um processo dominado pelo falante. Em orações convencionais, a localização temporal do enunciado dependia de dados não lingüísticos sobre o evento da hipótese - se era uma ação específica que se projetava para o futuro ou que, pelo conhecimento partilhado, sabia-se que ainda não ocorrera ou então se tratava de fatos habituais ou permanentes ou situações generalizadas; na prótase figuravam verbos imperfectivos que traduziam uma hipótese geral e/ou intemporal. Em alguns enunciados, geralmente co-ocorrendo com o PI, a oração condicional com o FS não constitui um período hipotético em que há relações de condição e consequência - parece funcionar como um comentário ou ressalva.

O critério determinante para se atribuir a uma determinada ocorrência valor de posterioridade ou de futuramente é o tipo de texto em que ela se insere. O falante se coloca em uma atitude narrativo-discursiva e discorre sobre eventos que se sucedem em uma seqüência conhecida, ou por serem repetidos ou por se aplicarem a vários indivíduos. Há no contexto várias marcas de indeterminação: predomina a 3ª pessoa verbal: se impessoal, sujei-

tos indeterminados (quem, uma/a pessoa, o indivíduo) ou sujeitos genéricos representando um grupo ou uma classe e ainda a gente e o pronome você que, em vez de marcas de interlocução, são usadas impessoalmente. Isto permite generalizações: a observação se aplica a você bem como a qualquer pessoa.

Da noção de habitualidade e de generalidade advém o valor de intemporalidade. Em geral um evento no PI serve de ponto de referência para a localização dos eventos expressos pelas formas de futuro; trata-se de uma relação de posterioridade que é válida nas três épocas temporais.

No caso de futuridade o momento da enunciação, que serve como ponto de referência ou é explicitado por elementos dêiticos ou é dedutível de dados contextuais e extralingüísticos.

Em conclusão, fica evidenciado por essa análise que a noção de futuridade é dependente do contexto e não se sustenta integralmente pela morfologia do verbo ou pelos elementos gramaticais co-ocorrentes.

Terá sido a volatilidade dessa noção a responsável pela instabilidade de sua morfologia ao longo da história? O desenvolvimento deste tema reclama, assim, a seleção de argumentos de caráter textual para uma reflexão mais ambiciosa sobre sua natureza.

No Apêndice consta uma análise estatística dos dados de FP em relação às variáveis sexo, faixa etária e tipo de gravação, em que resultados numéricos são cortejados com particularidades dos dados - para se chegar a uma apreciação mais realista dos resultados. Por exemplo, embora o FP fosse registrado em 55% dos inquéritos e fosse usado por metade dos informantes, 71% das ocorrências concentraram-se em cinco inquéritos, um deles com 20% do total dos dados.

A hipótese geralmente aceita de que o FP é mais usado por informantes de mais idade e em situações mais formais de fala não encontra confirmação nos dados deste corpus. Por exemplo, em um inquérito com duas informantes de faixa III uma empregou o FP treze vezes e a outra nenhuma; em EF é maior a frequência de FP por hora de gravação, mas a um segundo exame verifica-se que um dos informantes não usou esta forma, outro só a empregou em operadores conversacionais e o terceiro é responsável por 7 das 9 ocorrências desta categoria.

É difícil apresentar resultados conclusivos diante da exigência de amostragem e da irregularidade de distribuição. Pode-se apenas afirmar que o FP foi menos registrado em inquiridos da faixa I - menos informantes o empregaram e em menor frequência; que embora fosse usado por metade dos informantes de cada sexo, os homens o empregaram 2,3 vezes mais e em situações mais variadas. Excetuando-se uma informante que o usou 13 vezes, um caso à parte, as informantes do sexo feminino limitaram-se a Futuros modais ou modalizados: houve 7 ocorrências com o verbo ser, especialmente na expressão será que e 3 em locuções modais.

Se pensarmos em uma categorização textual do verbo, proposta por Castilho (1978:132), em que formas verbais refletiriam diferentes impressões de proximidade e afastamento entre o texto e os interlocutores, o tema e o ato de fala; e que o ponto máximo de afastamento corresponderia às narrativas de demonstração em que, predominando o plano das idéias e sem vínculos com referências temporais produzem-se textos dissertativos e argumentativos, nas quais figuram formas de Presente impessoal e por isso intemporal e formulam-se hipóteses através de formas de Futuro do Presente, Futuro do Pretérito e Infinitivos modalizados, o que dizer do discurso feminino?

Mais um motivo para se dirigir a pesquisa para a dimensão textual do verbo.

A P Ê N D I C E

ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

O objetivo deste trabalho não era quantitativo, mas sim qualitativo, mas em todo caso quisemos submeter os dados do Capítulo I, onde se trata do Futuro propriamente dito, a uma análise quantitativa, e apresentamos a seguir os resultados.

Foi examinado um corpus de 24 horas de gravação distribuídas por 31 inquéritos, sendo 23 DID, 5 D2 e 3 EF. Foram considerados 36 informantes, metade de cada sexo, pertencendo a 3 faixas etárias, com a participação de 40 minutos cada, de acordo com as especificações do Projeto NURC.

Para padronizar a apresentação dos resultados, foi utilizada como medida FP/h, definida como o número de ocorrências de formas verbais de Futuro do presente por hora de gravação.

A amostragem é muito reduzida para que se possam fazer generalizações conclusivas, razão por que sempre nos reportamos à realidade dos dados: para que as diferenças relevantes não fiquem totalmente diluídas na abstração dos números.

Foi considerado em relação a cada variável - tipo de gravação, sexo e faixa etária - o emprego (FP^+) ou não emprego (FP^-) da forma de FP pelos informantes, a quantidade de FP/h em relação ao número total de informantes da categoria considerada e, em relação aos informantes daquela categoria que empregaram o FP.

De pronto, fique claro que reconhecemos o caráter elementar deste levantamento estatístico. Impunha-se uma análise computacional dos dados, em que fossem cruzadas as variáveis, mas isto está fora de nosso interesse no presente momento.

Foi registrado um total de 80 ocorrências de formas de FP em um corpus de 24 horas, compreendidas em 31 inquéritos, com 36 informantes, o que corresponderia a 3 (3,33) ocorrências por hora de gravação, 3 (2,58) por inquérito e 2 (2,2) por informante.

A distribuição, entretanto, é bastante irregular: o FP ocorreu em quase metade dos inquéritos examinados, mas apenas uma vez em 5 deles e duas vezes em outros 5, geralmente em expres-

sões do tipo serã que e conforme veremos. Além do mais, 71% das ocorrências concentraram-se em 5 inquéritos, um deles com 20% do total registrado:

D2	255	(2 H II)	-	16 ocorrências
D2	333	(2 M III)	-	13 ocorrências
DID	38	(H II)	-	11 ocorrências
DID	250	(H III)	-	10 ocorrências
EF	350	(H II)	-	7 ocorrências

Examinaremos a seguir cada variável:

a) Tipo de Gravação

Dos 31 inquéritos analisados, num total de 24 horas de gravação, 23 consistem de diálogos entre informantes e documentador DID, correspondendo a 15 horas e 20 minutos; 5 de diálogos entre dois informantes D2, correspondendo a 6 horas e 40 minutos, e 3 eram elocuições formais EF, correspondendo a 2 horas.

Nº de inf.	Tipo de gravação	FP ⁺	FP ⁻
23	DID	10 (43%)	13 (57%)
10	*D2	6 (60%)	4 (40%)
3	EF	2 (67%)	1 (33%)
31		18 (50%)	18 (50%)

QUADRO VI - Distribuição de FP⁺ e FP⁻ por tipo de gravação

* Os inquéritos D2, nos quais participaram dois informantes, tinham a duração de 80 minutos, ou seja, 40 minutos de gravação atribuídos a cada informante.

Tipo de gravação	Frequência	Em relação ao total	Em relação a FP ⁺
DID	38 (48%)	2,48 FP/h	6,8 FP/h
D2	33 (41%)	2,47 FP/h	9,9 FP/h
EF	9 (11%)	4,5 FP/h	5,8 FP/h
	80 (100%)		

Quadro VII - Distribuição das ocorrências por tipo de gravação

O FP ocorreu em 55% dos inquéritos e foi empregado por 50% dos participantes, diferença devida ao fato de que em quatro dos cinco D2, só um dos indivíduos usou o FP.

Quanto à frequência de emprego desta forma em relação ao total de participantes nos três tipos de gravação, observa-se que nas situações dialógicas, seja com o documentador, seja com outro entrevistado, a quantidade de FP/h coincide (2,5 FP/h), ao passo que há um aumento considerável em EF. Isto confirmaria a expectativa de que em elocuições dirigidas a um público, em que há mais cuidado com a produção lingüística em virtude de maior formalidade de situação, ocorreria uma quantidade maior de PF. Por outro lado, os dados de EF mostram que um dos informantes não usou esta forma, outro só a empregou como operador conversacional e o terceiro é que contribuiu com 7 das 9 ocorrências da categoria.

Se considerarmos apenas os informantes que usaram o FP (FP⁺), teremos uma distribuição bem diferente e mais condizente com a realidade dos dados, com a menor incidência justamente em EF (6 FP/h) e a maior em D2 (10 FP/h). Deve-se assinalar ainda que nas EF 55% das ocorrências eram o operador conversacional conforme veremos, em que o FP não representa uma categoria da gramática, mas sim do tipo de texto.

Voltando ao FP⁺ no quadro VI, poder-se-ia concluir que em situações de diálogo há um estímulo mútuo para a produção de FP, mas na verdade isso só se deu em um dos inquéritos, em que cada

um contribuiu com praticamente a metade dos dados; nos demais, só uma das informantes empregou o FP - em um, 13 vezes, o maior índice por pessoa; em outro, registraram-se 2 ocorrências de será e nos outros dois inquiridos, houve 1 expressão fixa será que em cada um.

No quadro VII consta a percentagem de emprego de FP por tipo de gravação. Como a diferença não é relevante, visto que haveria um erro estatístico grande, principalmente para FP, onde há apenas 3 informantes, podemos dizer que 50% dos informantes usa o FP, qualquer que seja o tipo de gravação.

b) Sexo

Dos 36 participantes, metade era de informantes de sexo masculino (H) e metade do sexo feminino (M).

Nº de informantes	Sexo	FP ⁺	FP ⁻
18	H	9 (50%)	9 (50%)
18	M	9 (50%)	9 (50%)
36		18 (50%)	18 (50%)

Quadro VIII - Distribuição de FP⁺ e FP⁻ por sexo do informante

Sexo	Freqüência	Em relação ao total	Em relação a FP ⁺
H	56 (70%)	4,66 FP/h	9,33 FP/h
M	24 (30%)	2 FP/h	3,99 FP/h
	80 (100%)		

Quadro IX - Distribuição das ocorrências por sexo dos informantes

O FP foi usado por exatamente 50% dos informantes de cada sexo, mas com diferença marcante de freqüência: 70% das ocorrências são atribuíveis a H e 30% a M.

Entre os H, com a produção de 9,33 FP/h, a freqüência variou de 2 (em dois informantes) a 11 vezes. A distribuição foi mais homogênea entre as M (3,99 FP/h); com exceção de uma informante que o empregou 13 vezes, ou seja, 16% do total registrado ou 54% dos dados da categoria considerada, o que a coloca como um caso a parte, a freqüência per capita foi de 1 (cinco informantes) a 2 (três informantes) vezes. Das 11 ocorrências correspondentes a estas informantes, 7 foram com o verbo ser, sendo 4 na expressão fixa "será que" que exprime conjectura. Nas 4 ocorrências restantes, as formas verbais foram haverá e 3 locuções modais.

A proporção de informantes de cada sexo era equilibrada nos DID (13 H e 10 M); o sexo feminino predominou nos D2 (8 M e 2H) e o masculino foi exclusivo nas EF (3 H), mas, como vimos no item anterior, os resultados não foram afetados por esta distribuição - no cômputo geral, 50% dos informantes empregaram o FP, independentemente da variável sexo ou tipo de gravação, mas os informantes do sexo masculino empregaram-no 2,3 vezes mais do que as informantes do sexo feminino.

c) Faixa Etária

Os 36 informantes pertenciam a três faixas etárias, estabelecidas pelo projeto NURC:

Faixa I - de 25 a 35 anos - 30%

Faixa II - de 36 a 55 anos - 45%

Faixa III - acima de 56 anos - 25%

Nº de informantes	Faixa	FP ⁺	FP ⁻
11	I	3 (27%)	8 (73%)
16	II	11 (68%)	5 (32%)
9	III	4 (44%)	5 (56%)
36	-	18 (50%)	18 (50%)

Quadro X - Distribuição de FP⁺ e FP⁻ por faixa etária dos informantes

Faixa etária	Freqüência	Em relação ao total	Em relação a FP ⁺
I	8 (10%)	1,09 FP/h	3,99 FP/h
II	46 (58%)	4,31 FP/h	6,27 FP/h
III	26 (33%)	4,33 FP/h	9,75 FP/h
	80 (100%)		

Quadro XI - Distribuição das ocorrências por faixa etária

O FP também foi usado por exatamente 50% dos informantes. Foi mais registrado em inquéritos da faixa etária II - 68% dos informantes usaram o equivalente a 58% do total das ocorrências, mas, proporcionalmente ao número de indivíduos nesta categoria, observa-se que a quantidade de FP/h coincidiu com a de informantes da faixa III (4,3 FP/h) na qual há um equilíbrio entre uso e não uso de FP. A faixa I foi a que menos empregou o FP (27% dos informantes) e em menor freqüência (10% do total geral registrado, ou seja, na quantidade de 1,09 FP/h).

Dentre os informantes que empregaram FP (FP⁺), nota-se um aumento na quantidade de FP/h diretamente proporcional à faixa etária da categoria: arredondando-se, registraram-se 4, 6 e 10 FP/h nas faixas etárias I, II e III respectivamente. Estes resultados poderiam levar à conclusão, que também corresponde à opinião geral, de que o FP está caindo em desuso entre as gerações mais novas e mantém-se na fala mais conservadora de pessoas de mais idade. Um segundo exame mostrará fatos em contrário: dentre os dois informantes do sexo masculino na faixa III - bem como na faixa I - um único informante foi responsável pela totalidade das ocorrências da categoria. Ainda na faixa III, em um D2 com 2 M, uma informante empregou o FP 13 e a outra nenhuma. Na faixa II, foi marcante a diferença de FP⁺ em relação ao sexo: 41 ocorrências em inquéritos H e 5 em inquéritos M.

Confrontando-se os dados estatísticos com os casos individuais, só se pode afirmar que o FP esteve presente em 50% dos inquéritos, e foi menos registrado nos inquéritos de faixa etária I (menos presença e menor freqüência).

B I B L I O G R A F I A

BIBLIOGRAFIA

- ALBA, José Moreno de - Las Formas Verbales y sus Valores en el Español Hablado en México - Tesis Doctoral, UNAM, México, 1975.
- . - "Vitalidad del Futuro de Indicativo en la Norma Culta de Español Hablado en México" - in Anuário de Letras VIII, México, 1970.
- ALMEIDA, João - Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo na Língua Portuguesa - FFCL, Assis, 1973.
- AUDUBERT, Albert - "Le Morphème Gramatical irei, -às, -à - une forme de futur très usitée au Brésil" - Língua e Literatura I, 1972.
- BARBOSA, Nilza - O Subjuntivo no Português Culto de São Paulo - Dissertação de Mestrado, Universidade de Mogi das Cruzes, 1980.
- BENVENISTE, Émile - "Mutations of Linguistic Categories" in Lehman & Malviel (ed.), Directions for Historical Linguistics - Austin & London, University of Texas Press, 1968.
- BOLÉO, Manoel de Paiva - "Os Valores Temporais e Modais do Futuro Imperfeito e do Futuro Perifrástico em Português" - Biblos vol. XLI, Coimbra, 1973.
- BRUNOT, Ferdinand - La Pensée et la Langue - Paris, Nasson, 1922.
- BULL, William E. - Time, Tense and the Verb - Berkley, UCLA, 1960.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso - "Sobre o Futuro Romance" - Revista Brasileira de Filologia III, 1957.
- . - A Forma Verbal Portuguesa em -ria - 1956 RJ; 2ª edição, Washington DC, Georgetown University Press, 1967.

CASTILHO, Ataliba de - "A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português" Estudos nº 12, setembro 1967.

----- - "Verbo e Texto" - Estudos Lingüísticos nº 2, 1978.

----- - "Mattoso Câmara Jr. e a Forma Verbal em -ria" - inédito, 1981.

CASTILHO e PRETI (org.) - A Língua Falada Culta na Cidade de São Paulo (Projeto NURC-SP) - São Paulo, T.A. Queiroz ed., 1986.

COMRIE, Bernard - Aspect - Cambridge Univesity Press, 1976.

COSERIU, Eugenio - "Sobre el Futuro Romance" - Revista Brasileira de Filologia III, 1957.

CUNHA, Celso - Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro, FENAME, 1975.

FLEISCHMANN, Suzanne - The Future in Thought and Language - Cambridge University Press, 1982.

GERALDI, Wanderley - Se a Semântica Também Fosse Pragmática ou Para uma Análise dos Enunciados Condicionais - Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1978.

GUILLAUME, Gustave - Temps et Verbe-Théorie des Aspects, des Modes et des Temps - Paris, 1929, Paris, Librairie Honoré Champion, 1968.

ILARI, Rodolfo - Roteiro Prévio para o Estudo das Expressões Temporais em Português - (mimeografado), UNICAMP, Campinas, 1979.

IMBS, Paul - L'Emploi des Temps Verbaux en Français Moderne - Paris, Librairie C. Keincksieck, 1960.

JORDAN, Jorge - Linguística Românica - edição rumena: 1932, Madrid, Ediciones Alcalá, 1966.

- JACOB, André - Temps et Langage - Paris, Librairie Armand Colin, 1967.
- KLUM, Arne - Verbe et adverbe - Estocolmo, Almqvist e Wiksell, 1965.
- LAUSBERG, Heinrich - Linguística Românica - edição alemã: 1962, Madrid, Editorial Gredos, 1966.
- LEHMAN, Winfried e MALKIEL, Yakov (eds.) - Directions for Historical Linguistics, a Symposium - Austin & London, University of Texas Press, 1968.
- LOBATO, Lucia M.P. - L'auxiliarité en la Langue Portugaise - Thèse de Doctorat, Université de Paris III, 1970.
- MONTOANELLI, Jonne - Tempo e aspecto verbal em Português e Francês - Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1982.
- MOLHO, Mauricio - Sistemática del Verbo Español (Aspectos, Modos, Tiempos) - Madrid, Editorial Gredos, 1975.
- MONTES, José Joaquim - "Sobre la Categoría de Futuro en el Español de Colombia" - Thesaurus XVII, 1962.
- PALMER, F.R. - A Linguistic Study of the English Verb - London, Longmans, 1965.
- PERINE, Mário Alberto - A Gramática Gerativa: uma Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa - Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PONTES, Eunice - Verbos Auxiliares em Português - Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
- OZAKABE, Akira e outros - Caminhos da Linguagem, vol. II, São Paulo, Editora Ática, 1978.
- SAID ALI, Manoel - Gramática Histórica - 1921-23; 3ª edição, São Paulo, Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, Manoel - Gramática Secundária da Língua Portuguesa - 8ª edição, São Paulo, Editora Melhoramentos, 1969.

SENE, Alzira C.S. e outros - "O Presente Intemporal na Norma Culta de São Paulo" - Estudos Lingüísticos nº 2, 1978.

SILVA DIAS, Epiphânio - Syntaxe Histórica Portuguesa - 2ª ed., Lisboa, Livraria Acadêmica, 1933.

SOARES BARBOZA, Jeronymo - Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza - 2ª ed., Lisboa, Academia Real de Ciências, 1830.

THOMAS, Earl - The Syntax of Brazilian Spoken Portuguese. Nashville Vanderbilt University Press, 1969.